

Associação Brasileira de Estudos Medievais

ABREM

X Encontro Internacional dos Estudos Medievais – EIEM: Diálogos Ibero-Americanos



Brasília, DF

01 a 05 de julho de 2013 – UnB

Organização:

Associação Brasileira de Estudos Medievais – ABREM

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – PPGHIS-UnB

Programa de Estudos Medievais – PEM-UnB

ABREM; PEM-UnB.

Caderno de Resumos do X Encontro Internacional de Estudos Medievais (EIAM) da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) – Diálogos Ibero-americanos.

Brasília: ABREM/PEM-UnB, 2013.

Apoio:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES



Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos – FINATEC



Decanato de Assuntos Comunitários - DAC-UnB



SUMÁRIO

Apresentação _____	03
Programação _____	05
Conferências _____	23
Mesas-Redondas _____	26
Grupos de Trabalho _____	32
Comunicações Livres _____	66
Iniciação Científica _____	75
Minicursos _____	100

APRESENTAÇÃO

A Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) organiza, entre os dias 01 e 05 de julho de 2013, na Universidade de Brasília (UnB), seu X Encontro Internacional dos Estudos Medievais: diálogos ibero-americanos.

O objetivo principal é contribuir para o estreitamento das relações entre os medievalistas que se dedicam a estudar a Idade Média ibérica. Por um lado, espera-se propiciar o encontro entre especialistas latino-americanos, e aprofundar os contatos que vários institutos e laboratórios têm com pesquisadores de outros países que se dedicam a estudar o medievalismo ibérico. Ainda neste sentido, pretende-se incentivar a formação de redes de pesquisa interinstitucionais e internacionais. Por outro lado, deseja-se discutir o próprio medievalismo ibero-americano.

No que concerne aos contatos entre medievalistas, este Caderno de Resumos evidencia que se conseguiu uma boa representação latino-americana em diferentes vertentes do medievalismo (filosofia, história, literatura e história da arte), bem como europeia e estadunidense.

Com relação à proposta de diálogo, o X EIAM organiza mesas-redondas, cujo intuito é promover uma reflexão crítica sobre os caminhos do medievalismo ibero-americano em vários aspectos: modelos interpretativos, objetos de estudo, fontes. Estão previstas quatro mesas-redondas – filosofia, história, literatura e história da arte.

O X EIAM conta com quatro conferências proferidas por especialistas, dedicadas ao tema do Encontro, e com sessões de comunicações, nas quais se apresentam resultados de pesquisas. Nesta edição, o EIAM conta também com Grupos de Trabalho (GT), no intuito de contribuir para a consolidação de grupos de pesquisa já estabelecidos e de possibilitar a formação de novos núcleos.

A Iniciação Científica (IC) é contemplada nesta edição com a apresentação resumida de resultados parciais ou finais de trabalhos de pesquisa. Os Minicursos são uma iniciativa de sucesso, que se repete a cada EIAM. Sobretudo voltados para os estudantes de graduação, os Minicursos oferecem a possibilidade de se conhecer temas do medievalismo com mais profundidade, apresentados por professores e especialistas.

Comissão Organizadora do X EIAM-ABREM

Maria Eurydice de Barros Ribeiro (PEM-UnB)
Maria Filomena Pinto Da Costa Coelho (PEM-UnB)
Edlene Oliveira Silva (PEM-UnB)
Cláudia Costa Brochado (PEM-UnB)
Alécio Nunes Fernandes (PEM-UnB)

Comissão Científica

Anderson D’Arc Ferreira (UFPB)
Angelita Marques Visalli (UEL)
Dulce Oliveira Amarante dos Santos (UFG)
Elizabeth Dias Martins (UFC)
Lívia Lindóia Paes Barreto (UFF)
Marcella Lopes Guimarães (UFPR)
Marcelo Cândido da Silva (USP)
Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)
Marcos Nunes Costa (UFPE)
Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP)
Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB)
Patrícia Grau-Dieckmann (UBA)

PROGRAMAÇÃO

Dia 01 de julho de 2013, segunda-feira

A partir das 08:00 - Credenciamento

10:00 às 12:00

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Proposta de discussão conceitual sobre o Estado medieval.

Renata Vereza (UFF)

O Estado como conceito viável para estudar a Idade Média.

Almir Marques (UFF)

O político e a política na Idade Média.

Maria Filomena Coelho (PEM-UnB)

A Idade Média e a nova história política.

Marcelo Cândido da Silva (LEME-USP)

5

Local: Auditório do Inst. de Química

Sessão de Comunicações Livres 1

Literatura e medievalidade: influências e incidências

O bilinguismo e o estrangeirismo no “Cancioneiro Geral” de Garcia de Resende.

Geraldo Augusto Fernandes (UNINOVE) - coordenador

Arabismos e germanismos em textos medievais portugueses

Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBA/Grupo Prohpor)

Abstraindo as sílabas fonéticas a partir das sílabas poéticas das cantigas medievais galego-portuguesas

Gladis Massini-Cagliari (UNESP-Araraquara)

O Zahrat Árabe-Andaluz medieval: entre a Cantiga de Amor e o Zájál Árabe, um novo gênero

Carlos Eduardo Abbud (FFLCH-USP)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

Sessão de Comunicações Livres 2

Cavalaria e sociedade: entre a violência e a idealização

Representações sociais, territorialidade e identidade na expansão portuguesa quatrocentista.
Katiúscia Quirino Barbosa (UFF) - coordenadora

A violência guerreira e o cavaleiro pacífico: igreja e cavalaria no século XII.
Neila Souza (UFF)

Legado templário: doação de terras, castelos e influência em Tomar.
Filipe Luiz Trindade de Azevedo (PPGHIS-UFMA)

O conceito de fantástico e sobrenatural nas sagas islandesas.
André Araújo de Oliveira (UFMA)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

Sessão de Comunicações Livres 3

Literatura e resíduos medievais

Diálogos ibero-americanos: uma análise residual da vassalagem trovadoresca presente em
Marília de Dirceu.

Jéssica Thais Loiola Soares (UFC)
Roberto Pontes (UFC) - coordenador

6

A medievalidade na cultura popular do nordeste do Brasil.
Cássia Alves da Silva (UFC)

Resíduos da lírica trovadoresca no *Cancioneirinho*, de Guilherme de Almeida.
Leonildo Cerqueira Miranda (UFC)
Elizabeth Dias Martins (UFC)

14:00 às 16:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Mesa-redonda da História da Arte

Coordenação: Maria Eurydice de Barros Ribeiro (PPGHIS/IDA/PEM-UnB)

A iluminura em Portugal. Novas metodologias e abordagens.
Maria Adelaide Miranda (FCSH-Univ. Nova de Lisboa/IEM/IHA)

La historiografía del arte del Medioevo y de la América colonial.
Clara Bargellini (IE-Univ. Nac. Autónoma de México)

15:30 às 16:30

Local: Hall do Inst. de Biologia

Apresentação de trabalhos de Iniciação Científica

16:30 às 18:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Conferência de Abertura

A longa travessia dos mares nunca d'antes navegados: considerações acerca dos diálogos historiográficos na medievalística ibero-americana.

Marcus da Silva Cruz (Presidente da ABREM/UFMT)

Coordenação: Maria Eurydice de Barros Ribeiro (PPGHIS/IDA/PEM-UnB)

18:30 às 20:30

Local: Depto de História (ICC Norte)

Minicursos

Dia 02 de julho de 2013, terça-feira

7

08:00 às 10:00

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Terra, povo e identidade no projeto político de Alfonso X nas *Siete Partidas*.

Aline Dias da Silveira (UFSC)

A mercê e a demonstração de poder régio nas Ordenações Afonsinas.

Luísa Tollendal Prudente (UFF)

De Regimine Principum. Tomás de Aquino e sua interpretação sobre os conflitos entre poder secular e poder espiritual.

Kellen Jacobsen Follador (UFES)

Atribuições e restrições das embaixadas nos estatutos comunais de Verona, Milão e Bolonha dos séculos XIII e XIV: apontamentos.

Edward Dettmam Loss (USP)

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

Hagiografia e poder no reino visigodo: o rei Sisebuto (612-621) e a *Vita Desiderii*.

Germano Miguel Favaro Esteves (UNESP-Assis)

As exéquias reais no Mosteiro da Batalha.

Renata Cristina de Sousa Nascimento (UFG/ UEG/ PUC- GO)

Sobre instituições religiosas medievais dedicadas à construção de pontes e sua justificação teológica.

Armando Alexandre dos Santos (UNESP-Franca)

Crônicas e imagens como suporte para o estudo da alimentação portuguesa do baixo medievo

Elisa Paula Marques (UFSC)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 7 – Imagens e educação na Idade Média

Canção de gesta e religiosidade laica: o exemplo de Renaut de Montauban

Ademir Aparecido de Moraes Arias (UNESP-Assis/USP)

A apropriação da imagem do santo como estratégia crítico-educativa

Ana Márcia Alves Siqueira (UFC)

A audácia como paixão da alma em Tomás de Aquino: reflexões sobre sensibilidade e educação na Idade Média

Rafael Henrique Santin (CUM)

Terezinha Oliveira (UEM)

Franciscanos em imagens

Angelita Marques Visalli (UEL)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

Sessão de Comunicações Livres 4

Política e poder: relações, conflitos, discursos.

Tipologia dos conflitos sociais na Alta Idade Média(séculos V-X).

Mário Jorge da Motta Bastos (UFF – NIEP-Marx-Prék – *Translatio Studii*) - coordenador

Escrita e poder: interpretes e interpretações autorizadas da Bíblia na Alta Idade Média hispânica.

Raquel de Fátima Parmegiani (UNESP-Assis).

Formas de rendas do senhorio rural em Teltow (Brandemburgo) na Baixa Idade Média

Álvaro Mendes Ferreira (UFF / *Translatio Studii*)

Política e religião no Colírio da Fé de Álvaro Pais (séc.XIV).
Michele de Araújo (PPGHIS-UnB / PEM-UnB)

Papatus e imperiatus: disputas de poder no texto político de Dante Alighieri.
Mariana Amorim Romero (UFG)

10:00 às 12:00

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 1 – Mito, história e literatura: linguagens do medievo germânico

Magia germânica do passado. Entre fórmulas e fábulas.
Álvaro Alfredo Bragança Jr. (UFRJ)

A monarquia sueva na *Gallaecia* do séc. V d.C.: uma análise da crônica de Idácio de Chaves.
Danilo Medeiros Gazzotti (UFPR/NEMED)

“Una espada para la mano de Beowulf”: Jorge Luis Borges como leitor de Beowulf.
Gesner Las Casas Britto Filho (USP)

Olhares em confluência: história, arqueologia e linguística nas interações entre anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra (séc. IX-X).
Isabela Dias de Albuquerque (PPGHC-UFRJ)

9

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Un fenómeno multidireccional: La transformación del procedimiento judicial en Borgoña (siglo XII).
Armando Torres Fauaz (Universidad de Borgoña/Universidad Nacional de Costa Rica)

O discurso eclesiástico acerca da relação patrimonial com os bens das igrejas: as atas conciliares dos séculos VI e VII.
Guilherme Marinho Nunes (PEM-UFRJ)

O processo de acumulação material franciscana à luz do pensamento econômico de Karl Polanyi.
Douglas de Freitas Almeida Martins (UFMT)

Aproximação para um modelo das relações de dominação no mundo feudal: os casos visigodo e português.
Eduardo Cardoso Daflon (NIEP-Prék/ *Translatio Studii*/ UFF)
Thiago Pereira da Silva Magela (NIEP-Prék/ *Translatio Studii*/UFF)

Local: Auditório 1 do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

Discursos de legitimidade em textos narrativos sobre o reinado de Enrique IV em Castela (1454-1474).

Adriana Vidotte (UFG)

As confluências entre Cristianismo e Neoplatonismo na "Vita Antonii" de Atanásio de Alexandria

Ivan Vieira Neto (UFG/ PUC- GO)

Considerações sobre a Vida I de Tomás de Celano

Victor Mariano Camacho (PPGHC-UFRJ)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

**Sessão de Comunicações Livres 5
Dramaturgia e retórica no mundo ibérico**

Teatro e liturgia no medievo ibérico. Os autos devocionais de Gil Vicente.

Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ) - coordenadora

"... A história de deos tem tais profundezas que nunca se perdem serem recontadas...": uma análise da retórica vicentina.

Jamyle Rocha Ferreira Souza (UFBA)

Reflexões sobre a retórica dos sermões de santo Antônio de Lisboa.

Émili Feitosa (UERJ)

No *Auto de Filodemo* (Camões), o tenso malabarismo entre o matrimônio, sacramento de *dilectio*, e o acordo de interesse patrimonial e nobiliárquico.

Maria Ascensão Ferreira (IHGSP)

14:00 às 16:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Mesa-redonda da Filosofia

Coordenação: Luís Alberto De Boni (GFM-UP)

Humanismo e Escolástica: a filosofia no reino de Portugal nos séculos XVI e XVII.

José Francisco Preto Meirinhos (IF-Univ.Porto/ GFM-UP)

Comentários filosóficos peruanos: itinerário filosófico no século XVI.

Cléber Eduardo dos Santos Dias (GFM-UP/UCSS)

A filosofia que não existiu.
Luís Alberto De Boni (GFM-UP)

15:30 às 16:30

Local: Hall do Inst. de Biologia

Apresentação de trabalhos de Iniciação Científica

16:30 às 18:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Conferência da História da Arte

De Santiago de Compostela al Sen Jak del vudú haitiano

Patricia Grau-Dieckmann (I.S.P. J.V.González- Buenos Aires)

Coordenação: Marcus da Silva Cruz (Presidente da ABREM/UFMT)

18:30 às 20:30

Local: Depto de História (ICC Norte)

Minicursos

Dia 03 de julho de 2013, quarta-feira

08:00 às 10:00

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

O sofrimento dos súditos e o castigo dos príncipes: a justiça divina nas memórias de Philippe de Comynes (1489- 1491).

Fabiano Fernandes (UNIFESP-Guarulhos)

A revolta de Jack Cade: lealdade ao rei e tentativa de se adequar às normas?

Wesley Corrêa (UNIFESP-Guarulhos)

Canossa: uma concisa abordagem historiográfica acerca da penitência de Henrique IV e do perdão de Gregório VII (século XI).

Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte (PEM-UnB)

Matilda de Canossa e a mediação como mecanismo de atuação política: apontamentos e desafios.

Bruna Giovana Bengozi (PPGHS-USP)

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

Reinos Ibéricos e França: circulação da informação no século XIV
Marcella Lopes Guimarães (UFPR/NEMED)

O conde Pedro Afonso de Barcelos e a redação da Crônica Geral de Espanha de 1344
Adriana Mocelim (PUCPR/NEMED)

A "*Primera Crónica General de España*": hagiografia e história como instrumentos de legitimação e fortalecimento do poder dos líderes castelhanos.
Adailson José Rui (UNIFAL)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 6 – História da Arte Medieval: diálogos com o tempo

O trabalho do ornamento: as tábuas de cânones na Bíblia de Saint-Bénigne de Dijon
Maria Cristina Correia Leandro Pereira (LATHIMM – USP)

Os Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
Maria Beatriz de Mello e Souza (CHA/IH/PPGHIS-UFRJ)

Os manuscritos portugueses da BCE-UnB
Maria Eurydice de Barros Ribeiro (PEM-UnB)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 7 – Imagens e educação na Idade Média

Cristão, guerreiro e conquistador: imagens do rei Afonso III na Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal.

Bianca Trindade Messias (UEMA)

O prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria: a importância de uma teoria sobre a cavalaria medieval.

Paula Carolina Teixeira Marroni (PPE/UEM)

Imagem de D. Sebastião: fonte para um estudo na história da educação medieval.

Sandra Regina Franchi Rubim (PPE/UEM-GTSEAM)

Terezinha Oliveira (DFE/PPE-GTSEAM)

A disciplina da pobreza na Regra de urbano IV (1261-1264)

Verônica Aparecida Silveira Aguiar (USP)

10:00 às 12:00

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 1 – Mito, história e literatura: linguagens do medievo germânico

Eram os vikings astrônomos? Uma revisão crítica dos mapas celestes da etnoastronomia escandinava.

Johnni Langer (UFMA/NEVE)

As tramas, os nós e as tranças: os adornos capilares femininos e sua representação de *status* na era viking.

Luciana de Campos (NEVE/GIEM-UFPB/NEMIS)

Uma obra em dois contextos: o *Esope*, fabulário de Marie de France.

Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato (PPGHC-UFRJ)

Quarenta e dois dentes de fúria: análise da representação do cão de guerra na HQ Conan, o Bárbaro.

Michel Roger Boaes Ferreira (UFMA)

Entre textos e toponímias: apontamentos sobre a pluralidade de cultos no período de prática da antiga cultura nórdica.

Munir Lutfé Ayoub (PUC-SP)

13

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Sistematização e discussão do direito canônico no século XIII: o caso da *Summa aurea* de Hostiensis.

Carolina Gual da Silva (UNICAMP/EHESS-Paris)

O processo inquisitorial contra os devotos e as devotas de santa Guglielma – considerações iniciais.

Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ)

A importância da confissão e da delação no processo inquisitorial do Santo Ofício português.

Alécio Nunes Fernandes (PEM-UnB)

História de Japam: trajetória manuscrita do relato do padre jesuíta Luís Fróis. (1532 -1597).

Cassianna Inês Geremias dos Santos (UFMT)

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

A imagem de d. Afonso IV (1325-1357), o Bravo, na cronística portuguesa.
Armênia Maria de Souza (UFG/*Sapientia*)

Ordenações, *vindictas* e assuadas no medievo português
Flávio Ferreira Paes Filho (UFMT)

Narrar uma “História de Família” no século XV: a memória da primeira geração de Avis por d. Duarte e os cronistas avisinios
Mariana Bonat Trevisan (UFF)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 6 – História da Arte Medieval: diálogos com o tempo

A tradição dos *Loca Sancta*: sacralização, representação e edificação dos espaços sagrados no ocidente medieval.

Thiago Borges (PPGHIS-UnB/PEM-UnB)

A ornamentação na historiografia do “românico catalão”
Aline Benvegnú dos Santos (USP)

14

14:00 às 18:00

Local: Auditório do Inst. de Química
Assembleia da ABREM

15:30 às 16:30

Local: Hall do Inst. de Biologia
Apresentação de trabalhos de Iniciação Científica

18:30 às 20:30

Local: Depto de História (ICC Norte)
Minicursos

Dia 04 de julho de 2013, quinta-feira

08:00 às 10:00

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Identities étnicas: o problema das migrações bárbaras e seu impacto nas interpretações historiográficas.

Verônica da Costa Silveira (USP)

O isolamento ascético nas atas conciliares toledanas do século VII.

Juliana Salgado Raffaelli (UFRJ)

A pureza e a ferocidade de Eulália de Mérida: elementos complementares na literatura hagiográfica hispana.

Vanessa Gonçalves Paiva (UFRJ)

As superstições no reino suevo: considerações sobre o estudo da rejeição do “outro” religioso.

Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ)

15

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

O culto aos santos e a produção hagiográfica na província eclesiástica bracarense na Idade Média Central: considerações sobre uma pesquisa.

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (UFRJ)

Análise da construção hagiográfica na *Legenda Áurea*

Igor S. Teixeira (UFRGS)

As representações demoníacas no milagre do lavrador ladrão do *Liber Mariae* de Juan Gil de Zamora

Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ)

Seria possível definir um relato hagiográfico? Um estudo de caso sobre os "missionários" cristãos na África "islâmica".

Ana Carolina Lima Almeida (LEPEM-UFRJ)

Clínio de Oliveira Amaral (LEPEM-UFRJ)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 6 – História da Arte Medieval: diálogos com o tempo

“Virgem com Menino Jesus” do acervo do MASP e a possibilidade de estabelecer conexões com as imagens de devoção.

Flávia Galli Tatsch (UNIFESP)

“Juízo Final e a Missa de São Gregório” (MASP 428P): recepção de uma pintura tardo-medieval no Museu de Arte de São Paulo.

Douglas Morais Lubarino (USP)

Mito e anacronismo no imaginário do Cordel Nordestino

Fábio Fonseca (IdA-UnB)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 7 – Imagens e educação na Idade Média

Castidade como símbolo da santidade: uma virtude cristã na *Vita Sancti Aemilini* de Bráulio de Saragoça

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (PEM-UFRJ/PPGHC-UFRJ)

A misoginia e o amor cortês

Maria do Carmo Faustino Borges (UEM)

Conservação e transmissão: a relação entre estruturas social e emocional no *Medieval Housebook*.

Lais Boveto (UEM)

O reflexo das relações familiares: a situação doméstica da filha sob o poder vigilante da mãe em cantigas de amigo.

Clarice Zamorano Cortês (UEM)

Outros anões sobre ombros de gigantes. Análise da influência dos clássicos na pedagogia disseminada em escolas de mosteiros e catedrais, nos séculos XI-XII, e o questionamento da ruptura entre esses locais de formação do saber.

Carlile Lanzieri Júnior (UFF)

10:00 às 12:00

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 2 – América y la historia intelectual de la Edad Media

Franciscanos medievales e historiadores latinoamericanos. La edición crítica de *De Planctu Ecclesie*.

Andrea Gayoso (UdelaR)

Toledo y un nuevo aristotelismo

Francisco O’ Reilly (Univ. de Montevideo)

El arrepentimiento de un hermano y la gracia de un piadoso emperador: *Gesta Ottonis I Imperatoris*.

Mercedes de la Cruz (UdelaR)

Victoria Herrera (UdelaR)

Notas para una edición crítica de *De Statu et Planctu Ecclesiae* de Alvaro Pelayo.

Laura Zás (UdelaR)

Nidya Sperduto (UdelaR)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 3 – Gênero, corpo e sexualidades: (re)pensando aportes teóricos, metodológicos e epistemológicos nos estudos medievais

A Cidade das Damas de Christine de Pizan e *De Claris Mulieribus*, de Boccaccio: diferentes versões de mitos femininos.

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Culpa e desejo: recepção feminista do conceito *imago dei* nas obras de Santo Agostinho.

Suelma de Souza Moraes (UFPB- Principium-CNPq)

Patriarcalismo e religião: o feminino nos discursos das *Ordenações Afonsinas*.

Edlene Oliveira Silva (PEM-UnB)

17

Vestindo a santidade: roupa, poder e gênero nos escritos clarianos.

Valéria Fernandes da Silva (GEFEM-UnB/CMB)

Teologização da aparência feminina e ascetismo misógino em *de Cultu Feminarum* de Tertuliano.

Pedro Carlos Louzada Fonseca (UFG)

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

As disputas doutrinárias em torno do combate à simonia no epistolário de Pedro Damiano. Cláudia Bovo (UFTM).

Edessa, Eugênio III, Luis VII e Bernardo de Claraval: a ideia de uma segunda cruzada.

Thiago de Souza Ribeiro Chaves (PEM-UnB)

“Regulando o Poder”: os regimentos do Santo Ofício.

Débora Cristina dos Santos Ferreira (UFMT)

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

Entre vozes envenenadas e vozes ressignificadas: uma análise discursiva das *Deffinitiones Facte in Capitulo Parisiense Ordinis Fratrum Minorum* (1266).

André Luiz de Siqueira (UFPR)

Franciscanos: confessores régios em Portugal na Baixa Idade Média

João Bosco Ferreira Brandão (UFG)

Quando o masculino se torna feminino: o *Libellus de Principiis Ordine Praedicatorum* e algumas questões de gênero.

Carolina Coelho Fortes (UGF)

14:00 às 16:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Mesa-redonda da Literatura

Coordenação: Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (PPGLP-USP)

A formação da ficção cavaleiresca: do heroísmo épico ao cortesão (séculos XII – XIV)

Javier Roberto González (CONICET/UC Buenos Aires)

18

O heroísmo cavaleiresco, séculos XV-XVII.

Aurélio Vargas Díaz-Toledo (CEC/ Univ. de Alcalá)

“Cavaleiros” de hoje: o heroísmo de anti-heróis.

Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (PPGLP-USP)

15:30 às 16:30

Local: Hall do Inst. de Biologia

Apresentação de trabalhos de Iniciação Científica

16:30 às 18:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Conferência da Filosofia

Aristotelismo Conimbricense no Brasil: a ideia de liberdade como princípio de ação moral.

Luiz Alberto Cerqueira (UFRJ/IFCS/CEFIB)

Coordenação: Marcus da Silva Cruz (Presidente da ABREM/UFMT)

18:30 às 20:30

Local: Depto de História (ICC Norte)

Minicursos

Dia 05 de julho de 2013, sexta-feira

08:00 às 10:00

Local: Auditório da Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

O monarca perfeito segundo Garcia de Resende.
Denise da Silva Menezes do Nascimento (UFJF)

A questão castelhana no *Livro de Apontamentos* de Álvaro Lopes Chaves (1438-1489).
Lilian de Paula Lima (UEG)

Duas visões de cavalaria: Bernardo de Claraval e Raimundo Lúlio.
Ademir Luiz da Silva (UEG)

19

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 7 – Imagens e educação na Idade Média

A autoridade eclesiástica nos *Sententiarum Libri Tres* de Isidoro de Sevilha.
Leila Rodrigues da Silva (UFRJ)

Pedagogia espiritual e modelos morais na obra *Visão de Túndalo*.
Solange Pereira Oliveira (UFMA)

O Cristo entronizado de Giotto di Bondone.
Meire Aparecida Lóde Nunes (UEM)
Terezinha Oliveira (UEM)

Iluminuras marianas em dois livros de Reims: devoção e ilustração.
Pamela Wanessa Godoi (UEL)

O caráter educativo da Igreja na transição entre o mundo romano e o medieval da perspectiva de Guizot.
Terezinha Oliveira (UEM)

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

Sessão de Comunicações Livres 6

História e historiografia: métodos e fontes para o estudo da sociedade medieval.

Teologias da história em Joaquim de Fiore e Boaventura de Bagnoregio.

Marcos Aurélio Fernandes (FIL-UnB) – coordenador

“A falsidade dos judeus é grande”: uma representação de judeus nas *Cantigas de Santa Maria* (séc. XIII).

Ricardo da Costa (UFES)

Bárbara Covre (UFES)

As confissões de Santo Agostinho como fonte histórica.

Pedro Henrique Corrêa Guimarães (UFG)

Apontamentos para uma nova história ibero-americana.

Heloisa Guaracy Machado (PUC-MG)

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

Reunião da ANPOLL

10:00 às 12:00

Local: Auditório 2 do Inst. de Biologia

GT 2 – América y la historia intelectual de la Edad Media

That's even better! The evolution of the standard treatment of the *Filioque* at the University of Vienna.

Chris Schabel (University of Cyprus)

Staying after class: Original testimony from the Medieval Lectures on the Sentences.

William Duba (Université de Fribourg)

L'Augustinisme antipolitique: On a thesis of H.X. Arquillière

Michael Edward Moore (University of Iowa)

Science and philosophy in the Toledo Bible moralisée

Katherine H. Tachau (University of Iowa)

Local: Auditório 3 do Inst. de Biologia

GT 3 – Gênero, corpo e sexualidades: (re)pensando aportes teóricos, metodológicos e epistemológicos nos estudos medievais

O controle das práticas dos homens casados em Portugal (séc. XV).

Leandro Alves Teodoro (UNESP/Franca)

Gênero e foro secular: exclusão e restrições jurídicas ao feminino na legislação afonsina.

Marcelo Pereira Lima (UFBA)

Corpo, gênero e sexualidade na filosofia-medicina orgânica de Trotula de Ruggiero (1050-1097).

Marcos Roberto Nunes Costa (UFPE)

Sensibilidades masculinas nos depoimentos prestados no tribunal eclesiástico de Barcelona (século XV).

Cláudia Costa Brochado (PEM-UnB/GEFEM-UnB)

Local: Auditório do Inst. de Química

GT5 – Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

With wisdom and chivalry: guerra e a escrita da História na Inglaterra trecentista.

Fernando Pereira dos Santos (UNESP-Franca)

A narrativa de Geoffrey Chaucer e a legitimação da cidade.

Viviane Azevedo de Jesus (UFF/*Scriptorium*)

Local: Auditório 1 do Inst. de Biologia

Sessão de Comunicações Livres 7

Poesia e teatro na Idade Média.

21

Do poeta medieval ao filólogo: gêneros e transgêneros nos “Lais de Bretanha”

Yara Frateschi Vieira (UNICAMP) - coordenadora

Do poeta medieval ao filólogo: a cópia dos "Lais de Bretanha".

Anna Ferrari (Università dell'Aquila)

Do poeta medieval ao filólogo. A circulação dos Lais.

Maria Ana Ramos (Universität Zürich)

Tradição medieval e preceptiva teatral: a dramaturgia quinhentista portuguesa.

Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA/CNPq)

14:00 às 16:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Mesa-redonda da História

Coordenação: Fátima Regina Fernandes (NEMED-UFPR)

La Corona de Castilla: frontera y confesionalización.

Gerardo Fabián Rodríguez (Soc. Arg. de Estudios Medievales/Univ. Nac. de Mar del Plata)

La Corona de Aragón: identidad y especificidad política y social.

Flocél Sabaté I Curull (Soc. Esp. de Estudios Medievales/ Univ. de Lleida)

A construção da identidade monárquica portuguesa: dinâmicas de apoio e resistência.

Fátima Regina Fernandes (NEMED-UFPR)

15:30 às 16:30

Local: Hall do Inst. de Biologia

Apresentação de trabalhos de Iniciação Científica

16:30 às 18:00

Local: Auditório do Inst. de Química

Conferência da Literatura

Em nome do riso: os trovadores galego-portugueses e a sátira em jogo

Paulo Roberto Sodré (UFES)

Coordenação: Maria Filomena Coelho (PEM-UnB)

18:30 às 20:30

Local: Depto de História (ICC Norte)

Minicursos

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

Conferência de Abertura

DIA: 01/07

HORÁRIO: 16:30 às 18:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

A longa travessia dos mares nunca d'antes navegados: considerações acerca dos diálogos historiográficos na medievalística ibero-americana.

Marcus da Silva Cruz (Presidente da ABREM/UFMT)

Os estudos medievais no Brasil desde, pelo menos, o último quarto da centúria passada apresentam uma dinâmica de crescimento e de expansão tanto quantitativa quanto qualitativa. O número de docentes aumentou significativamente nas universidades nos cursos de graduação, e também nos Programas de Pós-Graduação, o número de pesquisas teve um incremento relevante, o mesmo acontecendo com as dissertações de mestrado, com as teses de doutorado e com as publicações, seja de livros ou de artigos em revistas acadêmicas. O estabelecimento de redes de pesquisadores aglutinados em grupos de pesquisa completa este pujante quadro da medievalística brasileira. A situação que se apresenta, desta forma, é a da consolidação de um campo de estudos com o amadurecimento intelectual e acadêmico da sua produção científica. Neste longo e árduo processo foi necessário que os medievalistas brasileiros estabelecessem importantes e frutíferos diálogos com pesquisadores de países onde os estudos medievais já possuíam uma tradição consolidada, especialmente com as nações ibéricas. Nesta oportunidade, nosso objetivo é duplo. Por um lado, mapear, ainda que em grandes linhas, estes profícuos diálogos ibero-americanos e, principalmente, procurar apontar caminhos e possibilidades de ampliação e aprofundamento dos debates. Nossa atenção, é preciso destacar, se aterá apenas às discussões de cunho historiográfico, apesar do campo dos estudos medievais apresentar uma amplitude e uma complexidade muito maiores.

23

Conferência da História da Arte

DIA: 02/07

HORÁRIO: 16:30 às 18:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

De Santiago de Compostela al Sen Jak del vudú haitiano

Patricia Grau-Dieckmann (I.S.P. J.V.González- Buenos Aires)

Pocos personajes en el ámbito cristiano han presentado la capacidad de ubicuidad y asimilación a otros cultos como Santiago Apóstol. Se le conoce por diferentes nombres y apodos y se le venera en lugares tan distantes como España, Ghana, Perú y Haití. En esta exposición se examinarán algunas de las tantas facetas que presenta el primer mártir del cristianismo.

Conferência da Filosofia

DIA: 04/07

HORÁRIO: 16:30 às 18:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

Aristotelismo Conimbricense no Brasil: a ideia de liberdade como princípio de ação moral.

Luiz Alberto Cerqueira (UFRJ/IFCS/CEFIB)

A história da filosofia no Brasil remonta ao famoso método pedagógico dos jesuítas — *Ratio Studiorum* —, pelo qual se transmitiu, através da instrução pública, o aristotelismo ibérico do século XVI. Como exemplos do material didático então produzido e utilizado, citamos os manuais de Francisco Toledo (*Introductio in dialecticam Aristotelis*, Roma, 1561) e de Pedro da Fonseca (*Institutionum dialecticarum libri octo*, Lisboa, 1564; *Isagoge philosophica*, Lisboa, 1591) e, sobretudo, os comentários a livros de Aristóteles geralmente referidos como *Conimbricenses* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*), mediante os quais os mestres jesuítas estabeleceram a exegese do texto original como princípio de validade objetiva no ensino filosófico. Do ponto de vista formal, a prescrição de regras minuciosas na *Ratio Studiorum* para o quê e como ensinar da doutrina aristotélica caracteriza a tutela sobre o uso teórico da razão, no mesmo sentido em que, desde a instituição da disciplina Filosofia como *ancilla theologiae*, o estudo em geral passou a ter uma finalidade contemplativa com vistas ao conhecimento do Criador. Nesta condição, as dissertações para a obtenção do grau de mestre em Artes no Brasil Colônia seguiram o mesmo padrão escolástico. Mas do ponto de vista especulativo, a fidelidade a Aristóteles não impediu que os autores jesuítas soubessem conciliar, no contexto do Humanismo, o rigor na exegese do texto e a liberdade de arbítrio. Segundo estudos mais recentes sobre as *Instituições dialéticas* de Fonseca, a importância da obra está em mostrar que mesmo sendo um instrumento útil nos domínios político, jurídico e pedagógico, onde as questões a resolver são controversas e não suscetíveis de soluções categóricas, nem por isso a dialética deixa de ter um compromisso com a verdade, sendo inteiramente solidária da Analítica. Por essa via, Fonseca se propôs superar o probabilismo dos dialéticos (Lorenzo Valla, Rudolph Agricola, Juan Luis Vives, Petrus Ramus) e salvar o conceito de ciência “livre” em Aristóteles (*Metafísica* I, 2; 982b), resguardando assim como liberdade o sentido de alheamento ou indiferença inerente à vida contemplativa. E dessa orientação desenvolvida nas universidades de Salamanca, Coimbra e Évora resultou a famosa publicação sobre a “*scientia media*” de Luis de Molina (*Concordia*, Lisboa, 1588) em defesa do livre-arbítrio como princípio de ação moral, e contra a tese do “servo-arbítrio” de Lutero (*Von der Freiheit eines Christenmenschen*, 1520; *De servo arbitrio*, 1525). Tal exigência da liberdade se manifesta na cultura colonial brasileira já a partir do século XVII. Refiro-me especialmente ao Padre Antônio Vieira (1608-1697), português de nascimento cuja formação se dá inteiramente nas instituições de ensino da Cia. de Jesus no Brasil.

Conferência da Literatura

DIA: 05/07

HORÁRIO: 16:30 às 18:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

Em nome do riso: os trovadores galego-portugueses e a sátira em jogo

Paulo Roberto Sodré (UFES)

Um dos impasses na recepção das cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas estaria justamente, e ainda hoje, em nossa hesitação em tratá-las como documento realista de uma época de que pouco se conhece com segurança, por um lado, e, por outro, como produção literária com propósitos de entretenimento e de demonstração de competência poética, a que estaria subjacente, mas de modo francamente secundário, uma visão moralista do mundo. Como a sátira e o vitupério normalmente nos conduzem, leitores modernos, à leitura de juízos de valor, de julgamentos e de posições sisudas e rancorosas sobre o que as cantigas sugerem, acabamos por apagar involuntariamente aquilo que teria movido os trovadores a comporem suas cantigas escarninhas: o compromisso do *fablar em gasaiado* (isto é, o divertimento cortesão), o jogo verbal (e musical e performático, estes infelizmente perdidos) e a brincadeira com temas e pessoas que constituíam a cultura e a sociedade do século XIII e XIV peninsular, estratégia que Marta Madero cunhou de "injúria lúdica". Acirra esta perspectiva de recepção um conceito exposto em *Las siete partidas* (Lei XXX do Título IX da Segunda Partida), de Afonso X, código jurídico contemporâneo (anda que não promulgado) dos trovadores: o *jugar de palabras* que traduzimos como jogo de avessos, ou seja, uma estratégia de produção satírica poética pela qual o trovador é presumivelmente orientado a elaborar um tipo especial de burla e de equívoco, tratando do inverso das qualidades dos cortesãos durante o entretenimento da corte, garantindo-lhe o humor e a diversão e evitando-se o constrangimento e a ira. Diante dessa hesitação e considerando algumas linhas relevantes de estudos da sátira galego-portuguesa, como os de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1905), os de Menéndez Pidal (1942), os de Graça Videira Lopes (1998) ou os de Santiago Gutiérrez García (2012), em que aqueles aspectos da recepção escarninha trovadoresca são tratados, propõe-se nesta conferência uma reflexão crítica sobre a leitura contemporânea das cantigas de escárnio e maldizer, em especial as de Alfonso X.

RESUMOS DAS MESAS-REDONDAS

Mesa-redonda da História da Arte

DIA: 01/07

HORÁRIO: 14:00 às 16:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

A iluminura em Portugal. Novas metodologias e abordagens.

Maria Adelaide Miranda (FCSH-UNL/IEM/IHA)

Considerada durante muito tempo como arte menor, a iluminura ganhou, paralelamente à valorização da imagem e do design gráfico no mundo contemporâneo, um lugar de destaque entre as manifestações artísticas medievais. Portugal acompanhou a tendência europeia e a iluminura passou a ser objecto de estudo e investigação nas nossas universidades. Novas metodologias e abordagens marcaram o estudo da iluminura ligado ao desenvolvimento de grupos de investigação interdisciplinares. A importância da relação texto /imagem e a criação da cadeira de Iconografia Medieval permitiram, através de um projecto de investigação financiado, criar a base de dados iconográfica “IMAGO”. A constituição de uma equipa interdisciplinar com a Faculdade de Ciências e Tecnologia (Departamento de Conservação e Restauro) possibilitou o estudo da materialidade do manuscrito (particularmente a cor), assim como criação de meios científicos de divulgação através de workshops e instalações multimédia. Para todo este processo foi fundamental a colaboração com as instituições que têm à sua guarda os manuscritos, nomeadamente Bibliotecas, Arquivos e Museus. Nesta mesa redonda irei apresentar a investigação em torno da Iluminura românica em Portugal. Foi nos mosteiros de S. Mamede do Lorvão, Sta. Cruz de Coimbra, Sta. Maria de Alcobaça e S. Pedro de Arouca que se produziram os manuscritos iluminados que faziam parte das bibliotecas monásticas mais importantes ligadas à formação da nacionalidade. Os iluminadores, em Portugal, optaram por centrar a sua criatividade sobretudo nas iniciais, optando por um vocabulário rico em ornamentação e bestiário, estando ausentes os grandes ciclos iconográficos, se excluirmos o Apocalipse do Lorvão e o Livro das Aves. Construíram uma paleta de cores com características particulares que permitem individualizar a nossa iluminura no contexto internacional e estabeleceram relações privilegiadas com os Reinos Ibéricos, a Borgonha e o Sudoeste de França.

26

La historiografía del arte del Medioevo y de la América colonial.

Clara Bargellini (IE-Univ. Nac. Autónoma de México)

La historiografía del arte y de la arquitectura medievales es una excelente base para pensar y estudiar el arte colonial (o virreinal) en la América española y portuguesa. Las pruebas están en la utilidad de los acercamientos al arte medieval desarrollados a lo largo de los siglos XIX y XX para examinar y entender mejor las artes americanas entre el siglo XVI y XVIII. La ponencia desarrollará esta idea por medio de ejemplos en problemas como la identidad de los artistas, la geografía y espacios del arte, y en la iconografía, o significado, de las obras en relación a sus formas. Las características de las formas y sus funciones e interrelaciones en muchas dimensiones (la materia y el movimiento, por ejemplo) son claves para la interpretación tanto de las artes medievales como de las artes coloniales americanas.

Mesa-redonda da Filosofia

DIA: 02/07

HORÁRIO: 14:00 às 16:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

Humanismo e Escolástica: a filosofia no reino de Portugal nos séculos XVI e XVII

José Francisco Preto Meirinhos (IF-Univ.Porto/ GFM-UP)

Em 1852 Ernest Renan escreveu que em Portugal e Espanha a influência da escolástica ainda se prolongava até àquele tempo. A compreensão do que é a filosofia em Portugal no final da Idade média e no período da expansão ultramarina propõe desafios muito interessantes, um dos quais é, precisamente, entender as razões e as consequências desta persistência da tradição escolástica, a que Renan se refere. O longo período entre os séculos XVI e XVIII é, apesar desse juízo, particularmente rico e dinâmico, mesmo tendo presente a natureza conservadora e censória daquela que, desde a Idade Média, é a instituição filosófica por excelência, a universidade. Assim, para melhor compreender a tensão entre continuidade e inovação, conservação e renovação da filosofia no reino de Portugal no início da Idade Moderna, considerarei, de modo necessariamente breve, os seguintes quatro pontos:

1. Geografias da filosofia: instituições e pontos de contacto e difusão
2. Articulações filosóficas: planos de estudos e lugar da filosofia
3. Campos da filosofia: que problemas e que soluções
4. Contributos filosóficos para a formação do pensamento moderno

A concretização textual e conceptual destes pontos será feita a partir de um pequeno conjunto de obras de grande difusão e sucesso na Europa do seu tempo. As obras do humanista Jerónimo Osório (1506-1580) e os comentários escolásticos dos jesuítas de Coimbra sobre a obras de Aristóteles (publicados entre 1592 e 1606) tiveram uma notável projeção na Europa com dezenas de edições em diversas cidades. Elas são exemplo de programas filosóficos marcados pelo Humanismo e pela Escolástica, que nos permitem compreender e ilustrar um tempo de mudança, onde as ideias da filosofia medieval continuam a ter uma presença forte. A proposta do iluminista e estrangeirado Luís António Verney (1713-1793) para uma reforma global da educação no reino, dá-nos ainda outras indicações sobre a dinâmica institucional das ideias e o papel reservado à filosofia, exatamente no período das primeiras tentativas para criar uma universidade no Brasil. A difusão da filosofia através do reino de Portugal no final da Idade Média e no início da Idade Moderna permite também compreender as modalidades de sobrevivência e de recusa da filosofia escolástica.

27

Comentários filosóficos peruanos: itinerário filosófico no século XVI.

Cléber Eduardo dos Santos Dias (GFM-UP/UCSS)

Durante o século XVI houve uma grande produção de comentários filosóficos abrangendo quase todas as áreas da filosofia de então. Alguns comentários foram produzidos, pode-se dizer, em nível meramente compilatório, outros, no entanto, reservam e revelam surpresas aos investigadores que se debruçam sobre eles pela originalidade de suas propostas e alcance filosófico de seus autores. Este movimento de produção de comentários no Peru do século XVI – que se estenderá pelo menos até o século XVII – é conhecido hoje como uma continuação da Segunda Escolástica produzida especialmente no ambiente da Escola de Salamanca e demais

congêneres espanholas. Toda uma grande quantidade de autores e textos ainda está para ser lida e traduzida; outros tantos autores e textos em manuscritos estão ainda à espera de transcrição paleográfica. Há autores e textos dos quais apenas sabemos por referências, mas que até o momento não foram encontrados. Ler, entender, comentar e editar novamente alguns destes textos pode ser de fundamental importância para entendermos a contribuição da Segunda Escolástica europeia e sul-americana ao período da Filosofia Moderna. Neste sentido, desenvolve suas atividades o Projeto *Scholastica Colonialis* e no qual pudemos investigar durante um ano no Peru em busca de fontes manuscritas e bibliográficas. Nossa proposta é apresentar alguns autores e produção filosófica peruana no século XVI.

A filosofia que não existiu.

Luís Alberto De Boni (GFM-UP)

Os séculos XVI e XVII conheceram um grande desenvolvimento da Filosofia em Portugal, graças principalmente ao trabalho dos assim chamados “Conimbricenses”. Baseando-se em Aristóteles, mas também nos demais filósofos antigos, e sem esquecer os pensadores medievais, principalmente Tomás de Aquino e Duns Scotus, eles redigiram um Curso de Filosofia destinado a ser seguido por toda a Companhia de Jesus. Durante esse mesmo período, nas colônias americanas pertencentes à Espanha foram instituídas inúmeras universidades, cujo legado somente hoje está sendo corretamente avaliado. Entrementes, no Brasil, onde a Filosofia ficava presa nos muros dos seminários, foi muito pouco o que se produziu nesse ramo do saber.

Mesa-redonda da Literatura

DIA: 04/07

HORÁRIO: 14:00 às 16:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

A formação da ficção cavaleiresca: do heroísmo épico ao cortesão (séculos XII – XIV)

Javier Roberto González (CONICET/UC Buenos Aires)

A ficção cavaleiresca medieval, eminentemente identificada com a matéria arturiana, acolhe, contudo, no seu processo de formação, outros componentes e antecedentes que cumpre assinalar e analisar com precisão, tais como a épica dos cantares de gesta, a historiografia latina e *romance*, a hagiografia, a lírica trovadoresca, os tratados doutrinários e o *corpus* jurídico referentes à instituição da cavalaria e as coleções de contos ou *exempla*. Se o século XIII (segundo as hipóteses mais atuais) vê nascer as primeiras traduções da matéria arturiana francesa na Península Ibérica, o século XIV irá produzir as duas primeiras “novelas” vernáculas consideradas plenamente cavaleirescas: o *Libro del caballero Zifar* e a versão mais antiga do *Amadis de Gaula*. Esta exposição analisará e interpretará a configuração ficcional do heroísmo cavaleiresco, conforme se manifesta tanto nos *romans* arturianos como nas duas obras castelhanas fundadoras, à luz de uma *teoria das três matrizes narrativas*, recentemente por nós desenvolvida (*cosmogônica*: o sujeito configura o objeto; *heróica*: sujeito e objeto

configuram-se reciprocamente; *novelesca*: o objeto configura o sujeito). Nesse quadro, o heroísmo épico dos cantares de gesta define-se como cabalmente inscrito na matriz heróica, enquanto o heroísmo cavaleiresco-cortês apresenta uma natureza mista que o coloca na transição da matriz heróica à novelesca.

O heroísmo cavaleiresco, séculos XV-XVII.

Aurélio Vargas Díaz-Toledo (CEC/ Univ. de Alcalá)

Após conhecer o modo por que se realizou a configuração ficcional do heroísmo cavaleiresco durante a Idade Média (com base no *Livro do cavaleiro Zifar* e no *Amadis de Gaula*), ao longo da nossa intervenção procuramos analisar como as características tradicionais, arquetípicas e míticas, que se vinham concedendo ao herói dos livros de cavalaria, vão-se transformando à medida que acaba o século XV e avança o século XVI. E estas transformações têm a ver com uma perda da autenticidade que converte os protagonistas destas obras literárias em seres estereotipados, até abstratos, longe dos seus modelos medievais e mais próximos das personagens de caráter sentimental, cujas preocupações irão girando em torno dos amores, aos quais servem as virtudes próprias do herói mítico, isto é, a firmeza, a fortaleza, a grandeza de alma, a nobreza e o valor. Para isso, analisaremos alguns dos livros dos ciclos de cavalaria do *Amadis de Gaula* e do *Palmeirim*, sem esquecer livros de cavalaria portugueses como o *Clarimundo*, de João de Barros, ou o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, e suas continuidades.

“Cavaleiros” de hoje: o heroísmo de anti-heróis.

Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (PPGLP-USP)

Uma vez que, desde o século XV, os navegadores europeus aportaram em terras americanas movidos, dentre outras quimeras, por sonhos cavaleirescos de conquistas, de glórias, de amores e de terras paradisíacas, não é de estranhar que o **heroísmo**, por eles tantas vezes manifesto e documentado nas crônicas historiográficas, nos relatos de viagens e na cartografia, por exemplo, tivesse contornos de personagens de ficção clássicos, medievais e renascentistas como Ulisses, Enéias, Rolando, Artur, Amadis ou Clarimundo – celebrizados por uma literatura de contextura épica que atravessou os tempos. Contudo, se até o século XVIII o gênero dos *romances de cavalaria* – em que pese a Cervantes e ao seu *Dom Quixote* – continuou a se fazer valer por meio de artifícios narrativos muito semelhantes entre si, consoante uma conjuntura estética ainda de inspiração ciceroniana, horaciana e aristotélica, o corte foi profundo a partir do século XIX e do advento do Romantismo. Não “ruptura” total com a tradição, mas diálogo dela com realidades novas permeadas do idealismo político e libertário oitocentista, ou com disciplinas nascentes como a Sociologia e, mais tarde, a Psicanálise. Autores brasileiros importantes como Guimarães Rosa e Ariano Suassuna retomaram a matriz cavaleiresca para compor, respectivamente, *Grande Sertão: veredas* e *O Romance da Pedra do Reino*. Sirva-nos o exemplo deles para examinar a dimensão moral do “cavaleiro” que herdamos. Herói?

Mesa-redonda da História

DIA: 05/07

HORÁRIO: 14:00 às 16:00

LOCAL: Auditório do Instituto de Química

La Corona de Castilla: frontera y confesionalización.

Gerardo Fabián Rodríguez (Soc. Arg. de Estudios Medievales/Univ. Nac. de Mar del Plata)

Los conceptos de “re-conquista”, repoblación y fronteras se han convertido en la llave para entender el desarrollo histórico medieval de la Península Ibérica. Hasta tal punto este hecho adquiere importancia singular que genera una tipología específica de hábitat, las “ciudades-frontera”, una categoría social determinada, los “caballeros-villanos” y formas jurídicas propias, el “derecho de frontera”. Aculturación y mestizaje fueron fenómenos propios de estas zonas y civilizaciones de frontera, sujetas a una constante permeabilidad. Los Reyes Católicos constituyen la instancia final de esta larga etapa que, tras la conquista de Granada, se caracterizaba por la fuerte imbricación entre política y religión, puesta de manifiesto las acciones y los logros del proceso de confesionalización promovido por Cisneros.

La Corona de Aragón: identidad y especificidad política y social.

Flocél Sabaté I Curull (Soc. Esp. de Estudios Medievales/ Univ. de Lleida)

En el siglo XII se cohesionan, en el este de la Península Ibérica, Aragón y Cataluña, sin ser capaces de crear una misma unidad, lo que refleja que la dinámica interna de las respectivas sociedades ejerció un peso superior a la dinastía común que preside ambos territorios. En el siglo XIII la expansión sobre el espacio mediterráneo evidencia la coincidencia de intereses entre los diversos estamentos y el monarca. La falta de capacidad jurisdiccional y exactiva caracteriza al soberano y se incrementa con los retos del siglo XIV, lo que conduce a un modelo institucional en el que la corona depende de la ayuda proporcionada por los estamentos. Estos, a cambio reciben una creciente capacidad autonómica y el progresivo reconocimiento de su representatividad sobre el país. El perfil pactista derivado de este planteamiento configura un legado específico del período medieval por parte de la Corona de Aragón a la monarquía hispánica moderna, junto con la fragmentación jurisdiccional y la representatividad asumida por los estamentos, conducidos por las ciudades.

A construção da identidade monárquica portuguesa: dinâmicas de apoio e resistência.

Fátima Regina Fernandes (NEMED-UFPR)

No reino português encontramos um sentido de transformações apontadas para um crescente afã de ordenação, codificação, sistematização e precisão de modelos, fórmulas e procedimentos. Multiplicam-se as ordenações, regimentos de armas e não só, procedimentos que tentam limitar uma natural diversidade própria de identidades de grupos, locais, consuetudinárias que deveriam espelhar-se nos modelos centrais e oficiais, no entanto, observa-se por parte da sociedade política como um todo forte resistência a estas medidas oficializantes. As relações régio-nobiliárquicas nos séculos XIV e XV dão-nos conta desta dialética de apoios e resistências à formatação de uma identidade portuguesa especialmente na dinastia avisina. Identificam-se nesta construção instrumentos ideológicos como o conceito de tradição na acepção medieval e o aproveitamento do fenómeno de re-generação nobiliárquica, atualizador e ao mesmo tempo plasmador de modelos de nobreza variantes. Um

estudo que demonstra, assim, importantes movimentos e transformações ocorridas no bojo da medievalidade portuguesa, seguindo tendências experimentadas em toda a Península Ibérica, quiçá no restante da Cristandade latina, propondo-se uma abordagem que privilegia o estudo dos processos de construção ideológica monárquica mais que o reconhecimento basal dos modelos daí resultantes.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NOS GRUPOS DE TRABALHO (GT)

GT 1 – Mito, história e literatura: linguagens do medievo germânico

Coordenadores: Álvaro Bragança Júnior (UFRJ) e Johnni Langer (UFMA)

O GT tem como objetivo básico a discussão interdisciplinar de temas relacionados aos estudos germânicos medievais, vislumbrando as mais variadas formas de linguagem, como os mitos, as crônicas históricas, a literatura oral e escrita, a cultura visual, material e as fontes arqueológicas, entre outras.

Dia 02/07, terça-feira, 10h

Magia germânica do passado. Entre fórmulas e fábulas.

Álvaro Alfredo Bragança Jr. (UFRJ)

Fórmulas de encantamento, de cura e de esconjuro são comuns dentro das comunidades germânicas continentais e no espaço geográfico da atual Inglaterra até meados do século XI, quando o Cristianismo se afigura definitivamente como religião dominante. Até então, sente-se um processo de incorporação e adaptação de determinadas estruturas simbólicas pagãs pela religião monoteísta. As áreas de interpolação com o Cristianismo são inúmeras e várias passagens textuais servem de evidência aos estudiosos. O enunciado e a gestualização são os elementos físico-corporais que auxiliam no processo de contato com o sagrado. Todavia, antes de apresentarmos nessas poucas linhas exemplos de **Zaubersprüche** – fórmulas encantatórias - oriundas do espaço germanófono continental e anglófono, é mister que partamos de uma discussão prévia, porém sucinta, sobre magia, encantamento e religiosidade.

Palavras-chave: magia germânica. Fórmulas encantatórias medievais. Religiosidade medieval.

A monarquia sueva na *Gallaecia* do séc. V d.C.: uma análise da crônica de Idácio de Chaves.

Danilo Medeiros Gazzotti (UFPR/NEMED)

Em nosso trabalho trataremos percepções sobre a monarquia sueva instaurada na região da *Gallaecia* durante o século V d.C. Para alcançar nosso objetivo nos utilizaremos da crônica de Idácio de Chaves, uma figura-político religiosa da região galaica e que foi testemunha direta e indireta dos acontecimentos ocorridos naquela região durante o século V d.C. Na crônica de Idácio os feitos e fatos são relacionados com a vida cotidiana e social do mundo romano-tardio descrevendo seus problemas e enfrentamentos. Neste texto também pretendemos levantar questionamentos sobre a possibilidade de ter havido um reino suevo na região durante o período de nosso estudo.

Palavras-chave: Monarquia sueva; Idácio de Chaves; *Gallaecia*.

“Una espada para la mano de Beowulf”: Jorge Luis Borges como leitor de Beowulf.

Gesner Las Casas Britto Filho (USP)

A importância que Jorge Luis Borges concede à literatura medieval anglo-saxônica, e ao texto remanescente de maior popularidade, o poema *Beowulf*, surpreende a leitores e estudiosos de sua obras. É notável também a erudição de Borges sobre o tema demonstrada em seus livros e

aulas. A tradução de um poema escrito em uma língua o inglês antigo, estrangeira e distante não somente espacialmente mas temporalmente de sua própria época, proporciona um prazer estético que é da mesma natureza da própria criação literária borgeana. O poema *Beowulf* entra no caldeirão de experiência estética literária borgeana que possibilita “*decifrar o universal inalcançável*”, e construir seu próprio “*labirinto*” da arte literária. E em Borges, este processo se dá pela reinvenção do conteúdo do poema na tradução.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges; Beowulf; literatura anglo-saxônica medieval.

Olhares em confluência: história, arqueologia e linguística nas interações entre anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra (séc. IX-X).

Isabela Dias de Albuquerque (PPGHC-UFRJ)

O que chamamos hoje de Inglaterra e pensamos como uma única identidade a partir do gentílico de “ingleses” apresentou, ao longo do período medieval, uma organização de sua(s) identidade(s) bastante complexa. Com a chegada de povos origem escandinava e seu estabelecimento na ilha em assentamentos a partir da segunda metade do século IX, as interações destes e os habitantes de origem anglo-saxã presentes na ilha era inevitável. Algumas vezes de forma belicosa, outras apenas para estabelecer relações comerciais e troca de reféns, as interações entre os povos que denominamos de escandinavos e anglo-saxões, na Era Viking, sobretudo na região da Danelaw, não era sempre pautada na violência e no conflito.

Palavras-chave: Inglaterra medieval. Interações anglo-saxônicas e germânicas. Era viking.

Dia 03/07, quarta-feira, 10h.

Eram os vikings astrônomos? Uma revisão crítica dos mapas celestes da etnoastronomia escandinava.

Johnni Langer (UFMA/NEVE)

Nosso trabalho realiza uma revisão historiográfica dos estudos de Etnoastronomia da Escandinávia da Era Viking, principalmente os referentes às reconstituições visuais de constelações e mitologias associadas com agrupamentos estelares. Utilizamos como referencial teórico as recentes discussões sobre Astronomia Cultural desenvolvidas nos Estados Unidos, em especial a obra de Elisabeth Chesley Baity, John Carlson e Anthony Aveni.

Palavras-chave: Escandinávia da Era Viking; Etnoastronomia Medieval; Mitologia nórdica.

As tramas, os nós e as tranças: os adornos capilares femininos e sua representação de status na era viking.

Luciana de Campos (NEVE/GIEM-UFPB/NEMIS)

O cabelo feminino sempre foi considerado o acessório mais atraente. A cabeleira feminina constituiu uma grande arma de sedução e também de beleza. Mas, além de seduzir os cabelos também eram usados para fazer tranças, tramas e nós que não eram somente mais um adorno, pois, esses penteados, guardavam códigos de comportamentos femininos e também eram definidores de funções religiosas, mágicas e de status social. No presente trabalho analisaremos alguns nós e adereços capilares femininos da Era Viking e sua importância para a definição dos papéis femininos.

Palavras-chave: adornos capilares femininos. Era viking. Papeis femininos.

**Uma obra em dois contextos: o Esope, fabulário de Marie de France.
Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato (PPGHC-UFRJ)**

O Esope, coletânea de fábulas escritas por Marie de France por volta de 1170 e associadas à corte inglesa de Henrique II (1154-1189), sobrevive em 23 manuscritos datados dos séculos XIII ao XV. Entre eles, destaca-se o British Library, Harley 978, f. 40-67v, produzido na Inglaterra em meados do século XIII, e que, posteriormente, passou a ser utilizado como o manuscrito de base nas edições das fábulas de Marie de France. Neste trabalho, pretendemos comparar os contextos de produção do Esope e do manuscrito em questão, evidenciando aspectos culturais e políticos que pudessem justificar a produção de uma cópia quase um século após a elaboração da obra.

Palavras-chave: Fábulas. Manuscritos. Contextos de produção.

Quarenta e dois dentes de fúria: análise da representação do cão de guerra na HQ Conan, o Bárbaro.

Michel Roger Boaes Ferreira (UFMA)

Os cães que hoje são utilizados por forças militares para o controle de distúrbios da ordem pública já foram utilizados na Antiguidade como forças auxiliares em combates letais, eles eram chamados de cães de guerra. O início dos contatos entre cães e homens ocorreram há 15 mil anos atrás. Essa relação foi estabelecida a partir da perspectiva de um interesse mútuo entre homem que desbravava o mundo e a fera de sentidos aguçados e exímia habilidade natural de caçar e lutar. Partindo desses pressupostos, esse trabalho pretende analisar as representações do cão de guerra na história em quadrinhos “A Fronteira do Fim do Mundo”, da revista “Conan, O Bárbaro”. Como metodologia, serão utilizadas as considerações de Peter Burke, Johnni Langer e Scott McCloud sobre análise de quadrinhos.

Palavras-chave: Cão de Guerra; Histórias em Quadrinhos; História e Imagem.

Entre textos e toponímias: apontamentos sobre a pluralidade de cultos no período de prática da antiga cultura nórdica.

Munir Lutfe Ayoub (PUC-SP)

Adotamos como fonte, para o presente trabalho, os mais diversos nomes dados às regiões territoriais escandinavas com o intuito de percebermos quais divindades eram cultuadas e como se encontrava a distribuição destes cultos durante a prática da antiga cultura nórdica.

Palavras-chave: Toponímia. Culto. Nórdico.

GT 2 – América y la historia intelectual de la Edad Media

Coordinadoras: Andrea Gayoso (UR-Uruguay) e Katherine Tachau (Univ. Iowa)

Este GT se propone reunir investigadores en historia intelectual de la Edad Media con énfasis en la Península Ibérica con el fin de establecer un equipo permanente de trabajo que aúne esfuerzos para elaborar proyectos de investigación conjuntos y para promover el debate de los principales problemas teóricos y metodológicos que implica investigar historia intelectual medieval (en su definición más amplia) desde América.

Dia 04/07, quinta-feira, 10h

Franciscanos medievales e historiadores latinoamericanos. La edición crítica de *De Planctu Ecclesie*.

Andrea Gayoso (UdelaR)

Esta ponencia aborda los problemas que presenta para los historiadores latinoamericanos trabajar en la investigación de base de documentación medieval. Indaga también en la pertinencia de estos estudios y discute los aportes que desde la región puede hacerse al desarrollo general de la disciplina. Trabajando sobre un caso particular, la edición crítica de una obra de Alvarus Pelagius, indagando sobre la relectura y re significación de forma y contenido de la obra medieval cuando es leída desde el contexto latinoamericano, propone que la elección de cada obra a editar o cada investigación a abordar tiene como fin esclarecer el propio contexto del historiador, es decir, poner raíces a la historia de la región.

Palabras-llave: Alvarus Pelagius. *De Planctu Ecclesie*. Edición crítica de textos medievales.

Toledo y un nuevo aristotelismo

Francisco O'Reilly (Univ. de Montevideo)

Tradicionalmente se limita la comprensión de la *traslatio studiorum* a la transmisión de textos desconocidos o perdidos en una cultura. En el siglo XII, el rol de Toledo y los textos de autores musulmanes en la preparación para una nuevo pensamiento y evolución intelectual ha sido puesto en duda recientemente por algunos historiadores. Si bien esto ha sido rebatido rápidamente por algunos, resulta sugerente entender que la nueva biblioteca que aporta Toledo durante el siglo XII significó un cambio en la concepción de “aristotélico” durante algún tiempo. A lo largo de la propuesta propongo explorar algunos textos de la primera recepción árabe a fines del siglo XII y principios del XIII que presentan un aristotelismo distinto al que fuera rechazado por Nemesio o que comprenderemos por aristotelismo en el sentido actual.

Palabras-llave: *traslatio studiorum*. Aristotelismo medieval. Escuela de Toledo.

El arrepentimiento de un hermano y la gracia de un piadoso emperador: Gesta Ottonis I Imperatoris.

Mercedes de la Cruz (UdelaR)

Victoria Herrera (UdelaR)

Este trabajo estudia el relato que Rosvita de Gandersheim hace del perdón concedido por el emperador Otón a su hermano, Enrique, duque de Baviera, en la Gesta Ottonis I Imperatoris. Puntualmente, nos detendremos en los aspectos valorativos que enmascara el discurso, contraponiéndolos con los que encontramos en otras fuentes, contemporáneas a esta obra (Liutprando de Cremona y Widukindo de Corvey), que nos permita extraer algunas conclusiones relativas a la construcción poética del pasado que hace la canonesa, amparada por la injerencia de la retórica en el discurso historiográfico medieval.

Palabras-llave: Rosvita de Gandersheim. Gesta Ottonis I Imperatoris. Retórica medieval.

Notas para una edición crítica de *De Statu et Planctu Ecclesiae* de Alvaro Pelayo.

Laura Zás (UdelaR)

Nidya Sperduto (UdelaR)

Este trabajo estudia los problemas que presenta la Edición crítica de una obra del siglo XIV. De esta obra en particular se conocen 14 manuscritos distribuidos por diversos archivos Europeos

y tres ediciones de los siglos XVI y XVII lo cual da testimonio de su popularidad entre los finales de la Edad Media y la temprana Modernidad. Analiza la participación en la misma de diversos escribas, su origen y la forma que afectan a la forma definitiva de la obra.

Palabras-clave: Alvaro Pelayo. De Statu et Planctu Ecclesiae.

Dia 05/07, sexta-feira, 10h

That's even better! The evolution of the standard treatment of the Filioque at the University of Vienna.

Chris Schabel (University of Cyprus)

Viennese theology in the first half of the fifteenth century often consists of different variations of a revised version of Nicholas of Dinkelsbuehl's autograph commentary on all four books of the Sentences in Wien, Schottenstift 269. In preparation for his Viennese Sentences lectures ca. 1400, Dinkelsbuehl put together a compilation of materials from (for Book I) some famous doctors, especially Gregory of Rimini and Henry of Langenstein, who was, along with Henry Totting of Oyta, one of Dinkelsbuehl's masters at Vienna. Then he heavily annotated this compilation in Schotten 269 with extensive marginal additions and inserted sheets, the most complicated section being the treatment of the Filioque. This modified version was then copied cleanly and served as the basis for future Viennese Sentences commentaries, including the Filioque treatment of a number of sententiarum in the early fifteenth century, leading up to the Council of Florence. This paper attempts to explain what happened at every step.

Keywords: Filioque. Dinkelsbuehl. Viennese Sentences. Council of Florence.

36

Staying after class: Original testimony from the Medieval Lectures on the Sentences.

William Duba (Université de Fribourg)

Students of the Scholasticism regularly confront the gap between university lectures, the students' notes of those lectures (reportationes), and the authors' officially sanctioned versions. In most cases, we are presented with texts that claim their authority by a relation to a classroom event with which they have only a tenuous relationship. This paper uses previously unnoticed originals from the Franciscan school at the University of Paris in the 1330s to reconstruct what was actually said in the classroom, what note-takers (reportatores) added afterwards, and what the lecturers themselves contributed. These concrete data can be used to assess the vast majority of cases where no direct testimony survives.

Keywords: Scholasticism. Medieval Franciscan school at the University of Paris. Reportatores.

L'Augustinisme antipolitique: On a thesis of H.X. Arquillière

Michael Edward Moore (University of Iowa)

This talk reexamines the influential thesis of H.X. Arquillière, as encapsulated in his brilliant book of 1934, *L'Augustinisme politique*. In this work, Arquillière argued that politico-theological concepts of the early Middle Ages can be attributed to the "political" writings of St. Augustine, especially *De civitate Dei* and his anti-Donatist treatises. Later interpretations of Augustine, not

free of mis-reading and exaggeration, gave rise to the religiously-oriented politics of the early Middle Ages. Political augustinianism accounts for the early medieval principle that ecclesiastical and secular authority should be merged in a Christian Empire. We can see this in the theocratic ideals of the Carolingian Empire, and radical thinkers from Agobard and Pope Nicholas I to Gregory VII. The thesis of political theology -- the religious origin of European political doctrines and institutions -- has served and still serves as a source of conservative ideas, from Carl Schmitt and Leo Strauss onward. Early medieval political doctrines had other sources: the writings of Eusebius of Caesarea and Isidore of Seville, an emergent anti-judaism, the attractiveness of missionary ideals as a theoretical support for warfare, social legislation of the gallic episcopacy, the flexible symbol of Constantine's Rome, and royal courtly thought. If we heed Apoc. 18:21, a different tradition comes into view: the expectation that mighty Babylon, representing worldly empire, will one day be hurled into the sea like a millstone. Biblical skepsis regarding kings and empires, as found in the Book of Daniel, I/II Samuel, and the epistles of Paul, imbues Augustine's thought. My talk will locate Augustine in the Pauline tradition, or *res paulina*. One implication would be that monasticism, rather than the magnificent world of kings, prelates and popes, might be seen as the core of the medieval Christian political tradition. Augustinian political thought was counter-cultural and unsupportive of political power, thus one can speak of "anti-political Augustinianism" or *L'augustinisme antipolitique*.

Keywords: Augustinisme politique. H.X. Arquillière. Medieval political thought.

Science and philosophy in the Toledo Bible moralisée

Katherine H. Tachau (University of Iowa)

Early in the thirteenth century, artists and biblical scholars at Paris collaborated to make a series of four elaborate "Moralized Bibles." These were tomes with thousands of images and accompanying texts, which paraphrased and commented on the Bible, whose intended readers were members of the Capetian royal family. The third to be produced was evidently made as a gift for (Saint) Louis IX, but by the end of the thirteenth century it had arrived in Castilla, eventually entering the treasury of the Cathedral of Toledo as *la Biblia de San Luis*. There it became the source of subsequent manuscript treatises. Despite the conviction of the editors of the recent facsimile that this Bible moralisée was composed under the direction of Guillaume d'Auvergne, Bishop of Paris (1228-1249), the treatment of science and philosophy in this and the other Bibles moralisées was markedly out of sympathy with that of the bishop, as expressed in his scholarly writings. This paper will consider not only how the Toledo Bible moralisée's depiction of science and philosophy compares to those of the two previous members of the genre and to the views expressed by Guillaume d'Auvergne, but also what lessons medieval Iberian readers would have read and seen in this influential book.

Keywords: moralized bibles; *Biblia de San Luis*;

GT 3 – Gênero, corpo e sexualidades: (re)pensando aportes teóricos, metodológicos e epistemológicos nos estudos medievais

Coordenadores: Cláudia Brochado (UnB), Luciana Calado (UFPB), Marcelo Pereira Lima (UFBA) e Valéria Fernandes da Silva (GEFEM-UnB/CMB)

O GT tem como principal objetivo discutir as (des)conexões entre gênero, corpo e sexualidades no Medievo. Seu objetivo é promover o debate sobre os aportes teóricos, metodológicos,

historiográficos e epistemológicos sobre esses aspectos, como também contribuir para a proposição de temas de pesquisa e a troca interdisciplinar entre diferentes áreas de conhecimento dedicadas aos estudos de gênero em Idade Média. O GT procura adensar o debate crítico sobre o assunto em diferentes perspectivas propostas por pesquisadores (as) da área em nosso país.

Dia 04/07, quinta-feira, 10h

***A Cidade das Damas* de Christine de Pizan e *De Claris Mulieribus*, de Boccaccio: diferentes versões de mitos femininos.**

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

A presente comunicação propõe um estudo comparativo entre a obra *A Cidade das Damas* (1405), de Christine de Pizan (1364-1430), e *De Claris Mulieribus* (1374), de Boccaccio (1313-1375). Utilizando gênero como categoria de análise, serão examinadas algumas representações de figuras femininas da mitologia greco-latina que aparecem nas duas obras, focalizando as estratégias de reescritas dos mitos femininos empregadas pelos dois autores italianos.

Palavras-chave: Amazonas, mito, Christine de Pizan, Boccaccio, reescrita

Culpa e desejo: recepção feminista do conceito *imago dei* nas obras de Santo Agostinho.

Suelma de Souza Moraes (UFPB- Principium-CNPq)

Este estudo, em grande parte contribui com as interpretações de feministas teólogas em diálogo com a história de gênero, nas obras de Santo Agostinho. Desta forma, procurei trazer a interpretação das teólogas feministas à compreensão dos processos de formação de como eles foram estruturados e os significados de seu funcionamento. Demonstrando as próprias fragilidades na construção do saber, focando os processos conflituosos e suas variabilidades e volatilidades em suas definições. A recepção é feita de forma contextual, considerando o fenômeno histórico produzido. Esta recepção não tem como objetivo dizer exatamente como aconteceu a história, mas sim trazer significados subjetivos e coletivos nos quais foram construídos. Neste trabalho será sublinhada a importância da textualidade e o modo como os argumentos foram estruturados e apresentados no pensamento teológico de Santo Agostinho.

Palavras-chave: Santo Agostinho, gênero, teólogas feministas

Patriarcalismo e religião: o feminino nos discursos das *Ordenações Afonsinas*.

Eldene Oliveira Silva (PEM-UnB)

Este trabalho analisa os discursos e as representações de mulheres presentes nas *Ordenações Afonsinas*, código jurídico português elaborado no século XV que definiu e classificou detalhadamente vários crimes considerados tipicamente femininos, como concubinato, feitiçaria, adultério, alcovitagem e outros graves delitos envolvendo mulheres, como a violação ("estupro"). O olhar da justiça era influenciado pelo imaginário religioso cristão e medieval, repleto de ideias patriarcais e misóginas. As mulheres eram julgadas pelo seu corpo/sexo, tomando como paradigma para esses julgamentos a imagem da mulher honesta/normal, assim como seu contraponto, a mulher devassa, arquétipo da Eva.

Palavras-chave: Relações de gênero; patriarcalismo; religião; justiça; *Ordenações Afonsinas*.

Vestindo a santidade: roupa, poder e gênero nos escritos clarianos

Valéria Fernandes da Silva (GEFEM-UnB/CMB)

A santidade é uma construção discursiva e como tal se vale de múltiplos signos para delimitar seu objeto, o indivíduo que merece a veneração popular e o reconhecimento público e institucional. Em nossa comunicação discutiremos um componente na constituição do santo, suas roupas, e a forma como se veste ou se despe. O vestuário é pautado por leituras dos papéis de gênero, que vestir ou despir são expressões de poder, quando reiterados, normatizados e regulamentados, e, também podem expressar resistência, escolha, denotando um processo de subjetivação. Para nossa análise, tomaremos como fonte os escritos relacionados à vida de Clara de Assis, santa franciscana mais importante, e que teve forte atuação na constituição do ramo feminino desta Ordem. Assim, nossas fontes são a Vida de Clara de Assis de autoria de Tomás de Celano, as formas de vida papais, a forma de vida e as cartas escritas pela santa.

Palavras-chave: santidade, vestuário, gênero

Teologização da aparência feminina e ascetismo misógeno em *de Cultu Feminarum* de Tertuliano.

Pedro Carlos Louzada Fonseca (UFG)

A preocupação do cristianismo dos primeiros séculos medievais com a aparência da mulher constitui um tema recorrente na chamada literatura patrística, de jurisdição teológica e patriarcal, comprometida com certas posturas e atitudes tendenciosamente misóginas que vê a mulher *ab origine* como propensa ao disfarce e à adulteração da sua imagem criada por Deus. Nessa cosmovisão medieval do feminino, destaca-se Tertuliano (c. 160-c. 225), autor de um discurso moralista fortemente religioso que submete o vestuário e o ornamento femininos a preceitos e prescrições teologicamente constituídos. São os principais aspectos dessa retórica cosmetológica teológica, asceticamente misógina de Tertuliano, que este trabalho pretende discutir.

Palavras-chave: Patrística. Misoginia. Toalete feminina.

Dia 05/07, sexta-feira, 10h

O controle das práticas dos homens casados em Portugal (séc. XV).

Leandro Alves Teodoro (UNESP/Franca)

Este trabalho visa analisar os valores relativos à conduta dos homens casados no Portugal do final do século XIV ao início do século XVI. Tendo em conta as várias orientações, dispersas por obras jurídicas, crônicas e tratados em geral, mas principalmente por manuais e tratados de confissão, sobre como o marido deveria agir e ser na sociedade portuguesa da época, proponho-me questionar as diversas facetas da vida matrimonial descritas ou mencionadas nesses diversos tipos de escritos e que compõem um conjunto de valores sobre o papel e a conduta dos homens na esfera conjugal, bem como em outras esferas da sua existência.

Palavras chave: Marido, confissão, pecados da carne.

Gênero e foro secular: exclusão e restrições jurídicas ao feminino na legislação afonsina.

Marcelo Pereira Lima (UFBA)

Combinar uma História Institucional do Direito e os Estudos de Gênero em uma espécie de História Institucional de Gênero pode ser um saída para romper algumas amarras temáticas,

teórico-metodológicas e epistemológicas ainda vigentes na medievalística. Não se pode deixar de analisar algumas relações estabelecidas entre o foro secular e as diretrizes institucionais baseadas no gênero. Minha análise se concentrará nas figuras femininas, presentes nos principais textos normativos do governo afonsino, mapeando e exemplificando a intervenção das diretrizes de gênero no sistema jurídico proposto pelo discurso monárquico. Portanto, pretendo discutir como e por que o gênero travessa e é atravessado pelas concepções de jurisdição secular, movendo-se, com pesos diferentes, nas propostas de ordenamento jurídico elaboradas pelo governo de Afonso X (1252-1284).

Palavras-chave: Gênero; Afonso X; Foro Secular.

Corpo, gênero e sexualidade na filosofia-medicina orgânica de Trotula de Ruggiero (1050-1097).

Marcos Roberto Nunes Costa (UFPE)

Em plena Idade Média, surge, na Itália, nomeadamente na Escola de Medicina de Salerno, a filósofa-médica Trotula de Ruggiero (1050-1097), dedicada ao estudo-tratamento das chamadas “doenças das mulheres”, ligadas à sexualidade. Sua filosofia-medicina naturalista faz uma relação entre o universo como um todo (macrocosmo) e o ser humano (microcosmo), e nesse, internamente, entre as partes físicas particulares (o micro) e o todo (macro). Resumindo, Trotula buscava explicar o ser humano numa visão orgânica de conjunto, na qual as partes devem estar relacionadas harmonicamente, para que haja saúde. É justamente nessa visão orgânica de ser humano que Trotula insere sua prática da medicina, especialmente no estudo-tratamento das chamadas “doenças das mulheres”. Eis o que trataremos na presente comunicação.

Palavras-chave: Trotula de Ruggiero – Filosofia – Medicina – Corpo – Sexualidade.

40

Sensibilidades masculinas nos depoimentos prestados no tribunal eclesiástico de Barcelona (século XV).

Cláudia Costa Brochado (PEM-UnB/GEFEM-UnB)

O gênero como construção cultural sobre os sexos tem forte relação com a política sexual predominante em cada contexto histórico. No período medieval ela não é uma dimensão fixa e as diretrizes de gênero são ainda pouco estáveis. Este trabalho pretende analisar as falas de alguns homens de finais da Idade Média - nos depoimentos prestados no tribunal eclesiástico de Barcelona, nos litígios relacionados às práticas sexuais - para observar se essas se aproximam dos papéis de gênero comumente atribuídos aos homens.

Palavras-chave: gênero, justiça eclesiástica, masculino.

GT4 – Poder e norma na Idade Média: diálogos historiográficos e perspectivas documentais

Coordenadores: Leandro Rust (UFMT) e Rossana Alves Baptista Pinheiro (UNIFESP).

Este Grupo de Trabalho foi concebido com o propósito de reunir estudiosos dedicados à investigação das práticas políticas em sua relação com as dinâmicas jurídicas durante a Idade Média. O objetivo central é fomentar o diálogo entre diferentes abordagens teóricas e perspectivas de análise documental acerca deste processo tão multifacetado quanto capital ao estudo do político nos tempos medievais, que consiste nas formas de normatização do social.

Deste modo, tal proposta recobre um amplo espectro cronológico e temático, notadamente relevantes para historiadores, juristas, antropólogos, sociólogos e filósofos, uma vez que incide sobre as construções sociais das práticas legais; sobre as tramas discursivas de busca por hegemonia ou resistência; sobre os lugares da violência na reprodução da ordem social; sobre a constituição dos sujeitos e suas identidades sociais no bojo das governanças; sobre os limites e alcances das formas de dominação; e, finalmente, sobre os enlaces entre memória e tradições na institucionalização do poder.

Dia 01/07, segunda-feira, 10h

Proposta de discussão conceitual sobre o Estado medieval.

Renata Vereza (UFF/Translatio Studii/Rede Proprietas)

As diferentes formas da historiografia tratar a questão do Estado na Idade Média, principalmente em seu período final, acabaram por gerar uma grande imprecisão conceitual. Oscila-se entre o entendimento do Estado medieval como um proto-Estado moderno, portanto, como uma estrutura incompleta analisada a partir de conceitos sem aderência com seu contexto; e a sua interpretação simplesmente como aparato de governo, o concebendo como um território com uma população que obedeça a um governo. É necessário, portanto debruçar-se sobre este Estado do fim do medievo para que seja possível dimensioná-lo de forma coerente.

Palavras-chave: Medieval. Estado. Historiografia.

O Estado como conceito viável para estudar a Idade Média.

Almir Marques (UFF)

Há na historiografia uma grande rejeição a utilização da noção de “Estado” como uma categoria de análise possível para a Idade Média. Grande parte desta recusa se apoia nos argumentos de que não é possível perceber um poder absoluto e centralizado por parte dos monarcas e que esta descentralização régia foi causada justamente por uma suposta “contaminação” de práticas senhoriais sobre os organismos da autoridade central. A presente comunicação traz uma proposta simples: a de que é possível trabalhar com o conceito de Estado para os estudos feitos acerca do medievo. Para isso, será necessário matizar as características próprias desta instituição para período por nós selecionado.

Palavras-chave: Estado. Monarquia. Feudalismo.

O político e a política na Idade Média: o entrelaçamento de duas dimensões (Península Ibérica, séc. XII-XIII)

Maria Filomena Coelho (PEM-UnB)

Nesta comunicação pretendem-se apresentar alguns problemas decorrentes do estado atual da pesquisa que se desenvolve em torno da configuração e experiência política da Dinastia de Borgonha, em Portugal (séculos XII-XIII). Embora se trate de uma dinastia associada, primordialmente, ao reino de Portugal, é necessário estudá-la numa geografia mais ampla, no âmbito peninsular; com relação à sua atuação e justificação política, os desafios transcendem os documentos e estendem-se à historiografia. Com base nesses aspectos, pretende-se apontar as principais dificuldades decorrentes da abordagem política, no que tange tanto ao modelo político quanto à experiência política.

Palavras-chave: política medieval; Península Ibérica; Dinastia de Borgonha

A Idade Média e a nova história política.

Marcelo Cândido da Silva (LEME-USP)

Os estudos sobre as sociedades medievais constituem, já há algumas décadas, uma paisagem em mutação. Eles são o cenário da emergência de novas perspectivas sobre o poder, o parentesco, a paz e a solução de conflitos, mas também sobre as trocas, as relações com os bens, as articulações entre o simbólico e as práticas sociais, etc. As novas perspectivas sobre as sociedades da Alta Idade Média foram construídas a partir de um volume de fontes que permaneceu praticamente o mesmo desde o final do século XIX. É a própria relação dos historiadores com as fontes já existentes que passou por transformações significativas. Todas essas mudanças não significaram o ocaso da História Política, ao contrário, reforçaram a crença de que o Poder é um fenômeno privilegiado para a compreensão da dinâmica social. Paradoxalmente, esse novo cenário só se tornou possível graças à crise da História, dos paradigmas e dos objetos de estudo tradicionais do historiador. Aliás, seria mais apropriado falarmos em uma crise da “História Científica” e de seus instrumentos teóricos e metodológicos, consagrados em boa parte à genealogia do Estado Nacional. O objetivo desta comunicação é discutir os novos enfoques dos historiadores a respeito da história política das sociedades da Alta Idade Média.

Palavras-chave: Nova História Política; Idade Média; Poder

Dia 02/07, terça-feira, 8h

Terra, povo e identidade no projeto político de Afonso X nas *Siete Partidas*.

Aline Dias da Silveira (UFSC)

42

O período medieval apresenta-se ao historiador como um laboratório para as reflexões em torno da construção de identidades por apresentar nuances claras de transição. Aqui, pretende-se analisar o caso de Castela do século XIII no reinado de Afonso X com a proposta de entender os mecanismos e relações feitas na obra *Las Siete Partidas* a respeito da terra e o projeto político do monarca. Serão analisados termos natos à fonte como terra, povo, rei e corpo do reino, sem considerar a aplicabilidade das leis, mas o contexto, as influências e as motivações de Afonso de tratá-los em sua obra. Consta-se que o projeto de Afonso só pode ser entendido, se as relações em sua obra forem respeitadas: a identidade construída para o povo castelhano nas *Siete Partidas* está associada à terra e ao poder monárquico, independente da origem das “gentes”.

Palavras-chave: *Siete Partidas*. Identidade. Terra

A mercê e a demonstração de poder régio nas Ordenações Afonsinas.

Luísa Tollendal Prudente (UFF)

A mercê, enquanto uma problemática em si mesma, foi pouco estudada pela historiografia para o período medieval. O objetivo deste trabalho, utilizando como fonte documental o primeiro livro das Ordenações Afonsinas, é tentar compreender os sentidos que o vocábulo assumia na Baixa Idade Média portuguesa, assim como o seu papel no discurso de legitimação da monarquia. Viu-se que era utilizada como um benefício feudal, e também em expressões de manifestação da vontade régia punitiva.

Palavras-chave: mercê, legitimação, monarquia

De regimine principum. Tomás de Aquino e sua interpretação sobre os conflitos entre poder secular e poder espiritual.

Kellen Jacobsen Follador (UFES)

Tomás de Aquino deixou seu pensamento político expresso em várias obras, mas, no que tange à *Plenitudo Potestatis* podemos considerar que o texto mais contundente é o *De Regimine Principum* escrito ao Rei de Chipre. Nessa obra, o aquinate aborda as várias formas de governo, a origem e natureza do Estado, assim como sua relação com a Igreja. No contexto do século XIII onde a teoria da *Plenitudo Potestatis* angariava adeptos e inimigos, o doutor angélico manteve-se equilibrado entre as instâncias de poder, defendendo a distinção entre as prerrogativas da vida espiritual e da vida terrena.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. *De Regimine Principum*. *Plenitudo Potestatis*

Atribuições e restrições das embaixadas nos estatutos comunais de Verona, Milão e Bolonha dos séculos XIII e XIV: apontamentos.

Edward Dettmam Loss (USP)

A legislação estatutária italiana, produto da sistematização por escrito dos costumes locais, dos assuntos públicos e das questões de direito pelas comunas do norte da Itália a partir do século XII, é uma fonte de grande riqueza temática para o estudo do chamado Período Comunal, séculos XII e XIV. Entre os assuntos tratados pelos estatutos, encontram-se rubricas dedicadas à organização das embaixadas. Pouco exploradas, essas rubricas só foram sistematicamente analisadas por Patrick Gilli, que apontou caminhos e dilemas para o estudo da Diplomacia Comunal com esse tipo de fonte. Dessa forma, nesse texto temos o objetivo de analisar os estatutos produzidos pelas comunas de Bolonha, Milão e Verona buscando entender quais eram as atribuições e restrições impostas por eles às embaixadas no período.

Palavras-chave: Estatutos. Embaixadas. Período Comunal.

Dia 02/07, terça-feira, 10h

Un fenómeno multidireccional: La transformación del procedimiento judicial en Borgoña (siglo XII).

Armando Torres Fauaz (Universidad de Borgoña/Universidad Nacional de Costa Rica)

Este trabajo versa sobre la transformación del procedimiento judicial en el ducado de Borgoña y sus alrededores entre finales del siglo XI y finales del siglo XII. Se analiza de qué forma las acciones de los legados pontificales y la práctica de los agentes locales convergen para dar lugar a nuevas formas del procedimiento, las cuales se inscriben en una mutación procesual de mayor envergadura que se extiende a los decenios posteriores. Se argumenta a favor de una terminología que acentúe los caracteres multidireccional y diacrónico de este proceso, procurando así trascender el viejo esquema dicotómico que otorga necesariamente primacía ya a la norma ya a la práctica colectiva.

Palabras llave: Procedimiento judicial . Ducado de Borgoña siglo XII . Norma y normatividad.

O discurso eclesiástico acerca da relação patrimonial com os bens das igrejas: as atas conciliares dos séculos VI e VII.

Guilherme Marinho Nunes (PEM-UFRJ)

O foco deste trabalho é o processo de institucionalização do clero cristão niceno e seu patrimônio no reino visigodo na Península Ibérica, na medida em que se percebe em finais do século VI a ascensão desta religião ao posto de principal produtor ideológico do período. Este evento se torna fundamental para compreendermos o momento de estruturação pela qual passa a sociedade visigótica. Nosso objetivo principal é a exposição de um projeto de pesquisa que ainda está em sua fase inicial e por isso apenas possui conclusões parciais.

Palavras-chave: Episcopado, visigodos, patrimônio

O processo de acumulação material franciscana à luz do pensamento econômico de Karl Polanyi.

Douglas de Freitas Almeida Martins (UFMT)

Desde a chamada “questão franciscana” a institucionalização do franciscanismo é tratada como um processo impulsionado pelo papado sobre os mendicantes, por meio de um processo de acumulação material que desviou os ideais primeiros de São Francisco. No entanto, não devemos igualar esta experiência à sua forma mais conhecida: a experiência de acumulação característica de uma economia de mercado. Este é um fenômeno plural, e não ahistórico. Desta forma irei tomar as referências do pensamento econômico de Karl Polanyi como marcos de normatização social, ou seja, as premissas do equilíbrio e da distribuição material como “normas” que regulamentavam o acúmulo material.

Palavras-chave: Karl Polanyi. Franciscanismo. Acumulação Material

44

Aproximação para um modelo das relações de dominação no mundo feudal: os casos visigodo e português.

Eduardo Cardoso Daflon (NIEP-Prék/ Translatio Studii/ UFF)

Thiago Pereira da Silva Magela (NIEP-Prék/ Translatio Studii/UFF)

O presente trabalho tem por objetivo debater questões acerca da natureza do Estado no período medieval. Para tanto, partimos da crítica das perspectivas consolidadas que, ou negam veementemente a existência dessa instituição, ou a percebem apenas como origem mais ou menos remota do paradigma da Monarquia Absolutista. Assim sendo, julgamos que assumem pressupostos que, mais do que esclarecer o tema, o põem sob a sombra da Era Moderna ou mesmo do Império Romano. Dessa forma, tentamos aqui dar um primeiro passo em direção a uma tentativa de superação do problema, voltamo-nos para dois contextos bem diferentes, o do Reino Visigodo e o do Portugal sob o reinado de Afonso III, atentando em especial para as relações de dominação e para as relações pessoais.

Palavras-chave: Estado; Espanha Visigótica; Portugal Medieval

Dia 03/07, quarta-feira, 8h

O sofrimento dos súditos e o castigo dos príncipes: a justiça divina nas memórias de Philippe de Comynes (1489- 1491).

Fabiano Fernandes (UNIFESP-Guarulhos)

Essa comunicação pretende discutir as percepções sobre a justiça na Idade Média Tardia tomando como eixo de discussão a trajetória e parte dos escritos de Philippe de Commines. A sua reflexão é baseada na larga experiência diplomática e de governo que acumulou no serviço de Carlos o Temerário e de Luís XI de França. A despeito de ter sua trajetória intimamente ligada a política dúbida dos príncipes, Commines apresenta uma visão crítica de sua época, com particular interesse no papel da justiça divina como elemento de equilíbrio no mundo.

Palavras-chave: Governo e Sociedade na Idade Média; Cultura Política; Monarquia e Sociedade

**A revolta de Jack Cade: lealdade ao rei e tentativa de se adequar às normas?
Wesley Corrêa (UNIFESP-Guarulhos)**

Essa comunicação pretende discutir a crise política no reino da Inglaterra no século XV a partir das reivindicações da Revolta de Jack Cade (1450). O objetivo central é identificar a percepção que os contemporâneos tiveram dessa crise política e aprofundar nossa hipótese principal de que a revolta de Jack Cade colocou em pauta assuntos particularmente delicados que contribuíram para moldar parte das atitudes e percepções para com os acontecimentos que se seguiram, sobretudo na cidade de Londres e no sudeste do reino. A revolta teria resultado num discurso (entre 1450 e 1455) que foi apropriado pelo rival e primo do rei, Ricardo de York, no parlamento, nas práticas reivindicatórias e em outras práticas políticas durante todo o período que se convencionou chamar de Guerra das Rosas (1455-1485).

Palavras-chave: Guerra das Rosas. Revolta de Jack Cade. Representações Sócio-Políticas.

Canossa: uma concisa abordagem historiográfica acerca da penitência de Henrique IV e do perdão de Gregório VII (século XI).

Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte (UEG/PEM-UnB)

Este trabalho pretende fazer uma breve reflexão acerca do encontro entre o rei germânico Henrique IV e o papa Gregório VII em Canossa, na região da Toscana, em janeiro de 1077. A abordagem destaca algumas análises historiográficas sobre o episódio em que o rei se prostrou diante do pontífice pela retirada da excomunhão sobre ele lançada por ocasião da Controvérsia das Investiduras.

Palavras-chave: Canossa. Henrique IV. Gregório VII.

Matilda de Canossa e a mediação como mecanismo de atuação política: apontamentos e desafios.

Bruna Giovana Bengozi (PPGHS-USP)

O objetivo deste trabalho é analisar a atuação política da Condessa Matilda de Canossa (1046-1115) a partir do pressuposto da mediação política que a mesma teria exercido durante a sua trajetória. Dessa forma, pretendemos discutir a ativa participação política de Matilda de Canossa nas décadas finais do século XI, por meio das cartas escritas e recebidas pela Condessa. Atentaremos, também, para a posição ocupada pela mesma nas complexas redes sociais formadas a partir dos conflitos entre Igreja e Império e das relações de poder durante o período da Querela das Investiduras. Buscaremos, portanto, problematizar a noção de “mediação” e avaliar se o conceito é válido para compreender a sua atuação política no período citado.

Palavras-chave: Matilda de Canossa. Mediação política. Redes sociais

Dia 03/07, quarta-feira, 10h

Sistematização e discussão do direito canônico no século XIII: o caso da Summa aurea de Hostiensis.

Carolina Gual da Silva (UNICAMP/EHESS-Paris)

Henrique de Susa, conhecido por Hostiensis, é considerado um dos grandes canonistas do século XIII. Das três obras que ele nos legou (uma delas inacabada), uma das mais interessantes é a Summa Super Titulis Decretalium, também conhecida por Summa Aurea, na qual ele sistematiza e explica o Liber Extra. No entanto, Hostiensis vai muito além de um simples resumo da obra de Raymond de Peñafort ao apresentar o utrumque ius em seu auge além de uma série de casos hipotéticos (ou práticos) que levam a um grande aprofundamento das discussões em direito na Idade Média. A presente comunicação apresentará algumas das características da Summa Aurea e exemplos concretos do método de análise de Hostiensis a partir das discussões sobre o dízimo.

Palavras-chave: Hostiensis; dízimo; direito canônico.

O processo inquisitorial contra os devotos e as devotas de santa Guglielma – considerações iniciais.

Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ)

O presente trabalho busca apresentar reflexões iniciais da pesquisa que pretendo desenvolver durante o mestrado, traçando algumas considerações acerca da fonte a ser analisada e abordando as indagações iniciais no que concerne à motivação do referido estudo. O documento em questão é o Processo inquisitorial contra os devotos e as devotas de santa Guglielma, produzido em 1300, em Milão. Ele reúne quatro cadernos notariais, nos quais foram registrados os depoimentos de pessoas consideradas suspeitas de crenças e práticas heréticas envolvidas no culto à santa Guglielma, estabelecido em torno à abadia cisterciense milanesa e à casa das religiosas humilatas de Biassono.

Palavras-chave: Processos inquisitoriais. Santa Guglielma. Filhos do Espírito Santo.

A importância da confissão e da delação no processo inquisitorial do Santo Ofício português.

Alécio Nunes Fernandes (PEM-UnB)

Em grande medida, a delação (ou o medo de que ela acontecesse) era o que motivava a confissão no foro do Santo Ofício português. Por outro lado, para que a confissão fosse considerada satisfatória, o ato de confessar poderia implicar na delação de possíveis cúmplices. Numa perspectiva institucional, a confissão era o principal fundamento para se processar os acusados dos crimes da jurisdição inquisitorial, assim como a delação, que também era considerada importante elemento para se “proceder em juízo contra os culpados” dos crimes da alçada inquisitorial. Nesta comunicação, analisaremos a importância da confissão e da delação no processo inquisitorial do Santo Ofício português.

Palavras-chave: Confissão; delação; justiça inquisitorial portuguesa.

História de Japam: trajetória manuscrita do relato do padre jesuíta Luís Fróis. (1532 -1597).
Cassianna Inês Geremias dos Santos (UFMT)

A *História de Japam* é o relato do padre jesuíta Luís Fróis sobre a presença da Companhia de Jesus no Japão do século XVI. Escrita em cinco volumes, a obra relata o cotidiano e a atuação dos missionários no país durante os vinte e dois anos que Fróis viveu em território japonês, e oferece valiosas informações sobre território, costume, cultura, economia e administração do Japão daquele período. Uma vez concluída, a obra não foi aprovada pelo padre visitador em Macau, o que terminou por excluí-la do rol de escritos produzidos pela Companhia.

Palavras-chave: História de Japam. Luís Fróis. Companhia de Jesus.

Dia 04/07, quinta-feira, 8h

Identidades étnicas: o problema das migrações bárbaras e seu impacto nas interpretações historiográficas.

Verônica da Costa Silveira (USP)

O trabalho objetiva apresentar alguns problemas concernentes à adoção do pressuposto de que as identidades étnicas tiveram impacto decisivo no desenrolar dos acontecimentos que redundaram no surgimento dos reinos romano-bárbaros no Ocidente Europeu. Tal pressuposto permeia as análises historiográficas sobre o período pelo menos desde o século XVIII como apontam os estudos de E. Gibbon e J.G. von Herder, mas, desde a década de 1960 ganhou novos desdobramentos graças à aproximação de historiadores como H. Wolfram à estudos antropológicos e a utilização do conceito de etnogênese para compreender a dinâmica das construções identitárias.

Palavras-chave: etnogênese, migrações bárbaras, historiografia

O isolamento ascético nas atas conciliares toledanas do século VII.

Juliana Salgado Raffaeli (UFRJ)

A relação da instituição eclesiástica com o monacato, no início da Idade Média, caracterizou-se frequentemente como conflitante e contraditória, principalmente quando dizia respeito à vida eremítica. Esta comunicação tem como objetivo debater o ascetismo em isolamento, fora do espaço cenobítico, por meio da análise do discurso eclesiástico presente nas atas conciliares hispano-visigodas do século VII, em especial nos IV e VII concílios de Toledo. Buscamos assim compreender as determinações dos cânones sobre o destino e a forma de controle deste tipo de prática monacal.

Palavras-chave: Monacato. Eremitas. Concílios.

A pureza e a ferocidade de Eulália de Mérida: elementos complementares na literatura hagiográfica hispana.

Vanessa Gonçalves Paiva (UFRJ)

No presente estudo, tratamos da figura de Eulália de Mérida, conforme veiculada em documentos do reino visigodo do sétimo século. Analisando a Paixão de Santa Eulália de Mérida e as Vidas dos Santos Padres Emeritenses, percebemos uma simbologia relacionada à pureza e à virgindade, imiscuída, no entanto, a representações de impetuosidade e agressividade, pertinentes a um tópico recorrente na literatura martirial. Desse modo,

acreditamos que a complementaridade de tais modelos apresenta-se de modo a atender aos objetivos de promoção e controle do culto aos santos pela igreja visigoda. Considerando estes objetivos, beneficiamo-nos das reflexões de Pierre Bourdieu acerca das lutas simbólicas do campo religioso.

Palavras-chave: Eulália de Mérida. Culto aos santos. Representação.

As superstições no reino suevo: considerações sobre o estudo da rejeição do “outro” religioso.

Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ)

Ao analisarmos documentos eclesiásticos produzidos no reino suevo no século VI, observamos um esforço de delimitação da fé ortodoxa, o que, por sua vez, ocasiona a rejeição de crenças e práticas, denominadas supersticiosas. Neste trabalho procuramos comentar as dificuldades no estudo da relação entre o cristianismo e as “outras” interpretações religiosas, apontando para as conclusões angariadas no decorrer de nossa pesquisa. Desta forma, ressaltamos a construção de um discurso ortodoxo no período e a relação de identidade e alteridade que se estabelece neste processo, entre a normativa clerical e a tradição religiosa local.

Palavras-chave: Superstições. Ortodoxia. Identidade/Alteridade.

Dia 04/07, quinta-feira, 10h

As disputas doutrinárias em torno do combate à simonia no epistolário de Pedro Damiano. Cláudia Regina Bovo (UFTM)

Nessa comunicação pretendemos apresentar as interpretações que o ermita e cardeal bispo Pedro Damiano formalizou a respeito da simonia entre as décadas de 1050 e 1060 e as disputas teóricas que travou para sustentar o espaço institucional da comunidade avelanita junto papado.

Palavras-chave: Simonia; Fonte Avellana; Vallombrosa.

Edessa, Eugênio III, Luis VII e Bernardo de Claraval: a ideia de uma segunda cruzada.

Thiago de Souza Ribeiro Chaves (PEM-UnB)

Após a queda do condado de Edessa, em 1144, sob o domínio dos turcos, o papa Eugênio III redige uma bula que convoca os cristãos a uma nova expedição cruzada. A liderança secular é confiada ao rei Luis VII, ao passo que a espiritual recairá sobre o abade Bernardo de Claraval. O papel do papa mantém-se tímido, entendido como grande mediador das relações entre os Estados Latinos da Palestina e a Cristandade. A segunda cruzada nasce, portanto, a partir das interações entre suas diversas compreensões, as diversas ideias de cruzada, de cada um desses atores.

Palavras-chave: Segunda Cruzada. Estados Latinos. Eugênio III.

“Regulando o Poder”: os regimentos do Santo Ofício.

Débora Cristina dos Santos Ferreira (UFMT)

O Santo Ofício da Inquisição português produziu ao longo de seus quase três séculos de atuação uma numerosa documentação, que tem despertado grande interesse de historiadores para a compreensão de tal fenômeno. No trabalho que aqui apresentamos pretendemos

discutir parte desta documentação, os Regimentos do Santo Ofício, a fim de entender o papel de tal legislação.

Palavras-chave: Regimentos; documento; Inquisição Portuguesa.

GT 5 - Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média

Coordenadoras: Marcella Lopes Guimarães (UFPR) e Renata Cristina de Sousa Nascimento (UFG)

O GT Narrativas cronísticas e hagiográficas: construindo discursos de legitimidade na Baixa Idade Média tem por objetivo refletir a respeito da construção de sentidos orientadores da vida em fins do medievo, promovida a partir do texto narrativo, em duas modalidades específicas: as crônicas régias e as hagiografias. Levando em consideração que as dinâmicas específicas do contexto, crônicas e hagiografias produzidas no período ordenam o real segundo objetivos, intenções, recepção pretendida e possibilidades linguísticas que devem ser contempladas nos trabalhos incluídos no GT.

Dia 02/07, terça-feira, 8h

Hagiografia e poder no reino visigodo: o rei Sisebuto (612-621) e a Vita Desiderii. Germano Miguel Favaro Esteves (UNESP-Assis)

A Vita Desiderii (Vida e Martírio de São Desidério) é a única obra hagiográfica redigida por um monarca visigodo católico, Sisebuto que reinou de 612 a 621, em toda a trajetória do domínio visigodo na Hispânia. Além de seu conteúdo exaltar a vida e os feitos do bispo Desidério de Viena, podemos entender a obra como uma estratégia de um monarca letrado de consolidar e legitimar ainda mais seu poder diante de um cenário de instabilidade religiosa entre cristãos católicos e cristãos arianos na época.

Palavras-chave: Hagiografia. Poder. Monarquia.

As exéquias reais no Mosteiro da Batalha.

Renata Cristina de Sousa Nascimento (UFG/ UEG/ PUC- GO)

Os primeiros monarcas de Avis em especial D. João I (1357- 1433) e D. Duarte (1391- 1438) inauguraram um novo parâmetro político fortemente marcado pela cristalização da autoridade real como árbitro em última instância dos conflitos sociais. Outra característica que podemos ressaltar como demonstração de poder e autoridade referem-se às grandes construções, entre estas pode-se destacar o Mosteiro da Batalha, que teve seu início durante o governo de D. João I. Sua existência enquanto panteão régio é fundamental na tentativa de perpetuação simbólica da Casa de Avis. Essa prática era ainda mais exaltada nas exéquias reais e o Mosteiro da Batalha constitui seu principal palco.

Palavras-chave: Morte- Ritos- Imaginário

Sobre instituições religiosas medievais dedicadas à construção de pontes e sua justificação teológica.

Armando Alexandre dos Santos (UNESP-Franca)

A exposição do atual estágio de pesquisa e investigação realizada acerca da construção da célebre Ponte de Avinhão, a maior obra de engenharia do seu gênero realizada durante toda a

Idade Média, sobre seu construtor – o jovem pastor Saint-Bénézet d’Avignon – sobre a Ordem religiosa a que este teria dado origem, a Ordem dos Irmãos Pontífices, e sobre indícios da existência de obras análogas (e possivelmente independentes) realizadas no Medievo em outros pontos da Europa. Estuda-se especialmente a legitimação teológica elaborada na Idade Média aplicável a essas instituições religiosas dedicadas especificamente à construção de pontes.

Palavras-chave: Idade Média. Ordens religiosas. Construção de pontes.

Crônicas e imagens como suporte para o estudo da alimentação portuguesa do baixo medievo

Elisa Paula Marques (UFSC)

A comida exerce múltiplas funções. Nos tempos de abundância se alia com o prazer da fartura, mas quando falta pode ser o atizador da discórdia dos tempos de fome. No entanto, alimentar-se é uma ação social que se submete a regras, rituais e modos particulares de exibição. Para estudar a alimentação em Portugal no Baixo Medievo dispomos de poucos textos ou manuscritos, mas contamos com a ajuda de crônicas e imagens que podem nos ser úteis para traçar um panorama das refeições neste período. Entre as imagens disponíveis, elegemos para esta análise uma iluminura retirada do Livro de Horas de D. Manuel, e também a Crônica de D. João II, de Garcia de Resende.

Palavras-chave: alimentação medieval; Portugal medieval; crônicas medievais; Livros de Horas

Dia 02/07, terça-feira, 10h

Discursos de legitimidade em textos narrativos sobre o reinado de Enrique IV em Castela (1454-1474).

Adriana Vidotte (UFG)

Ao narrar os conflitos entre a realeza e a nobreza castelhanas no período de Enrique IV, os escritores do período construíram discursos de legitimidade do poder, registrados em diferentes gêneros/tipos de textos narrativos. Este texto pretende discutir esses discursos através de dois procedimentos. Em primeiro lugar, estudando as crônicas e destacando os escritos dos cronistas sobre um episódio que sintetiza a situação política do reinado: a “Farsa de Ávila”. Em segundo lugar, analisando outro tipo de texto, a *Glosa a las Coplas de Mingo Revulgo*, de Fernando del Pulgar.

Palavras-chave: crônicas medievais; Enrique IV; Castela.

As confluências entre Cristianismo e Neoplatonismo na "Vita Antonii" de Atanásio de Alexandria

Ivan Vieira Neto (UFG/ PUC- GO)

Consoante Atanásio de Alexandria, Antônio do Deserto nasceu em 251 ad e morreu em 356 ad. Isto o estabelece como contemporâneo dos importantes representantes da última filosofia helenística: o Neoplatonismo. Através da biografia "Vita Antonii", buscamos compreender como as doutrinas de Plotino influenciaram o ascetismo de Antônio, considerado o precursor do monasticismo que viria a caracterizar a vida quotidiana dos religiosos cristãos na Antigüidade Tardia e na Alta Idade Média.

Palavras-chave: ascetismo, antiguidade, Antônio do Deserto.

Considerações sobre a Vida I de Tomás de Celano
Victor Mariano Camacho (PPGHC-UFRJ)

O presente trabalho apresenta algumas reflexões relacionadas à pesquisa de mestrado desenvolvida no curso de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e vinculada ao Programa de Estudos Medievais da mesma universidade, sob a orientação da professora Andreia Frazão da Silva. Objetivamos apresentar algumas considerações sobre a primeira hagiografia escrita sobre São Francisco de Assis, na primeira metade do século XIII, pelo frade Tomás de Celano. Neste sentido, pretendemos traçar algumas considerações sobre a trajetória do autor, o contexto histórico em que a Vida I fora produzida, bem como as características do texto.

Palavras-chave: Hagiografia. Franciscanismo. Santidade

Dia 03/07, quarta-feira, 8h

Reinos Ibéricos e França: circulação da informação no século XIV
Marcella Lopes Guimarães (UFPR/NEMED)

A comunicação sintetiza o novo projeto da pesquisadora, que busca compreender os trânsitos de informação entre Portugal, Castela e França a partir das crônicas medievais. Para o GT, serão abordadas algumas referências sobre a difusão de notícias no medievo e, em seguida, serão expostos exemplos colhidos do Livro III de Jean Froissart (1337-1405) que manifestam a recepção do cronista de Valenciennes de eventos ocorridos em Portugal.

Palavras-chave: crônicas medievais, circulação da informação, Península Ibérica, França.

O conde Pedro Afonso de Barcelos e a redação da Crônica Geral de Espanha de 1344
Adriana Mocelim (PUCPR/NEMED)

O presente texto tem como objetivo destacar a produção cronística atribuída ao Conde Pedro Afonso de Barcelos. O Conde, filho bastardo do rei Dinis de Portugal, teve acesso aos escritos realizados na Corte do rei Afonso X de Castela, seu bisavô, além de ter recebido influências do próprio rei Dinis, que incentivou a tradução de documentos que não foram utilizados na obra de Afonso X. Redigiu inicialmente um Livro de Linhagens em 1340 e posteriormente, tendo o próprio Livro como base documental, dedicou-se à refundição da Crônica Geral de Espanha de Afonso X resultando na Crônica Geral de Espanha de 1344.

Palavras-chave: Conde Pedro de Barcelos. Crônica. Século XIV.

A "Primera Crónica General de España": hagiografia e história como instrumentos de legitimação e fortalecimento do poder dos líderes castelhanos.
Adailson José Rui (UNIFAL)

A *Primera Crónica General de España*, obra elaborada no reino de Castela na segunda metade do século XIII, nos oferece narrativas, nas quais são descritas realizações de orações, pedidos de proteção aos santos e a Deus, aparições de santos, falas de santos com reis e com homens da Igreja. A análise dessas narrativas permite constatar a criação, a adequação e a manutenção de elementos considerados pelos cristãos como sagrados. Tais elementos, geralmente

envolvidos pelo maravilhoso, contribuíram para a legitimação e o fortalecimento daqueles que estavam no poder.

Palavras-chave: Hagiografia, História, Realeza, Castela, Idade Média

Dia 03/07, quarta-feira, 10h

A imagem de d. Afonso IV (1325-1357), o Bravo, na cronística portuguesa.

Armênia Maria de Souza (UFG/Sapientia)

D. Afonso IV, sétimo rei de Portugal, constituiu-se numa figura emblemática da História Portuguesa. A imagem que foi construída sobre este monarca colocou-o na condição de um governante cioso de seu trono e capaz de diversas artimanhas políticas para manter a centralização do poder ante a nobreza e o clero. É importante frisar que os discursos cronísticos como o de Rui de Pina (1440-1521) tinham por objetivo apenas o de compilar e ordenar cronologicamente os fatos e feitos dos governantes, sem explicitar os critérios de escolha e síntese dos dados eleitos para a sua narração. Neste sentido faz-se necessário averiguar com mais afinco a imagem de um dos regentes mais controversos da Casa de Borgonha; ele ficou na memória coletiva, – além das guerras fratricidas – como inclemente para com a mãe de seus netos bastardos, D. Inês de Castro. Com certeza, a narrativa cronística inspirou grande produção literária e artística sobre este monarca, o que veio a perpetuar no imaginário popular a visão dicotômica entre o rei bom e o rei mau, deixando à beira do esquecimento o *homem* detrás das suas atribuições.

Palavras-chave: Afonso IV. Poder. Memória.

Ordenações, vindictas e assuadas no medievo português

Flávio Ferreira Paes Filho (UFMT)

Esta comunicação analisa como os reis. D. Dinis e D. Afonso IV, monarcas da 1ª dinastia, agiram, para ampliar e fortalecer o poder régio, disciplinando e submetendo os *Ordines* do reino, mediante, particularmente, uma legislação outorgada com esses propósitos. Com efeito, consideramos leis que foram sancionadas pelos reis com vista a corrigir e a disciplinar, em particular as vindictas e as assuadas. Assim, com esta o rei pretendeu combater o motim particular, conseqüentemente, a agitação social, fato esse, igual e tremendamente nocivo à sociedade como um todo. Os monarcas pretenderam combater a guerra particular, tentando pôr fim aos conflitos entre as linhagens, à *vindicta* privada.

Palavras-chave: poder régio, legislação, Portugal medieval, 1ª dinastia.

Narrar uma “História de Família” no século XV: a memória da primeira geração de Avis por d.

Duarte e os cronistas avisinos

Mariana Bonat Trevisan (UFF)

Em fins do século XIV um bastardo régio chegou ao trono português. Com a fundação da Casa de Avis, a sucessão hereditária sofria um corte. Ao novo rei, D. João I, cabia assegurar a legitimidade, consolidando sua dinastia, que futuramente poderia então seguir pela via hereditária. Deste modo, o ex-Mestre de Avis iniciou um amplo programa de afirmação régia, o qual incluiu a produção de crônicas régias, tratados técnicos e moralísticos, escritos por membros da própria família real ou por servidores. Buscamos perceber como em diferentes textos, a partir do reinado de D. João I, constrói-se uma memória exemplar da família formada pela primeira geração de Avis, começando pelo casal régio, D. João e D. Filipa, e estendendo-se

aos seus filhos, os chamados infantes da “Ínclita Geração”. A imagem da família exemplar encobre a bastardia de D. João e estabelece uma diferenciação com a dinastia anterior, tornando-se um instrumento de legitimação política.

Palavras-chave: Família. Legitimação Política. Dinastia de Avis.

Dia 04/07, quinta-feira, 8h

O culto aos santos e a produção hagiográfica na província eclesiástica bracarense na Idade Média Central: considerações sobre uma pesquisa.

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (UFRJ)

Este texto apresenta algumas informações sobre o projeto *O culto aos santos e a produção hagiográfica na província eclesiástica bracarense na Idade Média Central*, desenvolvido com apoio financeiro do CNPq. O objetivo central desta pesquisa é discutir o fenômeno da santidade na província eclesiástica bracarense durante a Idade Média Central, articulando-o à dinâmica institucional do papado, das comunidades e institutos religiosos, das dioceses e das monarquias na Idade Média Central. Para tanto, elegi como objetos de pesquisa a trajetória de personagens que nasceram e/ou atuaram nesta região e sobre os quais há indícios de culto e a produção hagiográfica local.

Palavras-chave: Santidade. Hagiografia. Braga.

Análise da construção hagiográfica na *Legenda Áurea*

Igor S. Teixeira (UFRGS)

O objetivo deste texto é analisar a *Legenda Áurea*, uma compilação hagiográfica atribuída ao dominicano Jacopo de Varazze (†1298). Realizamos um exercício a respeito da compreensão e a escrita sobre o tempo na perspectiva cristã nos relatos sobre santos. Utilizamos como base conceitual a noção de regime de historicidade, de François Hartog, e concluímos que os relatos sobre santos são importantes elementos para o entendimento do tempo na Idade Média.

Palavras-chave: Hagiografia. Legenda Áurea. Século XIII.

As representações demoníacas no milagre do lavrador ladrão do *Liber Mariae* de Juan Gil de Zamora

Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ)

Esta apresentação consiste em um recorte da minha dissertação de mestrado intitulada *Versipellis Diabolus: um estudo comparado das representações diabólicas nos Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo e no Liber Mariae de Juan Gil de Zamora*, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia Frazão. Meu objetivo principal aqui é compreender quais os possíveis sentidos e finalidades das representações demoníacas presentes no milagre do lavrador ladrão, parte da hagiografia mariológica *Liber Mariae*. Para isso, parto da conceituação de representação proposta por Roger Chartier e aplico ao texto a técnica de Análise de Narrativa.

Palavras-chave: Hagiografia. Demônios. Franciscanismo.

Seria possível definir um relato hagiográfico? Um estudo de caso sobre os "missionários" cristãos na África "islâmica".

Ana Carolina Lima Almeida (LEPEM-UFRJ)

Clínio de Oliveira Amaral (LEPEM-UFRJ)

Através de uma discussão teórica sobre os problemas em torno da definição conceitual de hagiografia e, em seguida, de um estudo de caso (especificamente, de um relato hagiográfico inédito), demonstrar-se-ão as dificuldades que os investigadores enfrentam ao trabalhar com o “material hagiográfico”, tal como o definiu Guy Philippart. No estudo em questão, tais dificuldades serão, inicialmente, analisadas por meio de uma apreciação teórica cujo objetivo é o de demonstrar a construção histórica do conceito de hagiografia como um campo “homogêneo”. Em seguida, através de um estudo de caso, sustentar-se-á que os estudos hagiográficos apresentam uma heterogeneidade e uma complexidade que ainda não foram investigadas de forma satisfatória. Para tanto, apresentar-se-á uma narrativa hagiográfica, construída nos anos 90 do século XX, por um segmento religioso ligado a uma denominação cristã, Igreja Mundial; portanto, trata-se de uma narrativa que não está ligada à Igreja católica, mas apresenta os mesmos *topoi* das hagiografias medievais.

Palavras-chave: hagiografia. Conceito de hagiografia.

Dia 04/07, quinta-feira, 10h

Entre vozes envenenadas e vozes ressignificadas: uma análise discursiva das *Deffinitiones Facte in Capitulo Parisiense Ordinis Fratrum Minorum* (1266).

André Luiz de Siqueira (UFPR)

Depois da canonização de Francisco de Assis (1228), as hagiografias sobre o novo santo se multiplicaram revelando inquietações dos frades em torno da pobreza, dos estudos e do poder dentro da Ordem. É a partir destas inquietações sobre a fidelidade às origens e as exigências de adequação aos novos tempos que se deve compreender o programa formativo de Frei Boaventura de Bagnoregio, que governou a Ordem de 1257 a 1274, e suas atitudes que vão desde a escrita de uma vida “oficial” de São Francisco até um decreto capitular que ordenava a destruição das suas hagiografias antigas. Assim, este estudo tem como objetivo compreender este último documento (o decreto de 1266) a partir das ferramentas oferecidas pela análise do discurso.

Palavras-chave: Franciscanismo. Hagiografias. Análise do discurso.

Franciscanos: confessores régios em Portugal na Baixa Idade Média

João Bosco Ferreira Brandão (UFG)

Na busca pela redenção da alma, a confissão adquiriu a distinção de ser uma ação fundamental e que poderia ser praticada quantas vezes fosse necessária na vida do cristão. Ao trazer a reconciliação, ela auxiliava o homem, que sem poder fugir da condição de fraco e pecador, podia ao menos tentar corrigir seus erros e resgatar a inocência e a pureza perdidas. Martin de Azpilcueta (1493-1586) escreveu sobre a importância da confissão como instrumento da salvação da alma do cristão. Nosso objetivo é a análise deste texto.

Palavras-chave: franciscanos; confissão; Portugal medieval.

Quando o masculino se torna feminino: o *Libellus de Principiis Ordine Praedicatorum* e algumas questões de gênero.

Carolina Coelho Fortes (UGF)

O *Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum* tem um papel central nos escritos posteriores da Ordem dos Pregadores, em especial no que tange à construção do modelo de santidade de

Domingos. Pretendemos, neste trabalho, analisar as construções de gênero presentes neste documento. Nossa intenção é iniciar, com esta análise, uma pesquisa mais ampla que visa verificar os papéis de gênero dentro da ótica dominicana, que contribuiriam para sua relação com as casas femininas que pretendiam se atrelar à Ordem ao longo do século XIII.

Palavras-chave: Ordem dos Frades Pregadores. Crônica. Gênero.

Dia 05/07, sexta-feira, 8h

**O monarca perfeito segundo Garcia de Resende
Denise da Silva Menezes do Nascimento (UFJF)**

Ao narrar a vida de D. João II, o cronista Garcia de Resende objetivava deixar para a posteridade a verdade dos fatos que deveriam servir de modelo para os monarcas vindouros. Segundo Garcia de Resende, moço de escrivania do “Príncipe Perfeito”, a manutenção da autoridade e legitimidade do poder de D. João II, para além da ajuda dispensada por Deus, foi garantida por uma série de atitudes do monarca que reiteravam a ideia de que todos deviam a ele amor e lealdade, assim como todo cristão o fazia em relação ao Criador.

Palavras chave: Crônicas Medievais. Poder Régio. Dom João II.

**A questão castelhana no Livro de Apontamentos de Álvaro Lopes Chaves (1438-1489)
Lilian de Paula Lima (UEG)**

Dentre as diversas fontes que relatam as disputas entre Castela e Portugal no final do século XV, temos os documentos escritos pelo secretário português Álvaro Lopes que foram reunidos em seu “Livro de Apontamentos”. Esta comunicação tem por objetivo a análise de documentos que mostram como se iniciou a Questão Castelhana.

Palavras-chave: Questão Castelhana; Reis Católicos; Portugal.

**Duas visões de cavalaria: Bernardo de Claraval e Raimundo Lúlio
Ademir Luiz da Silva (UEG)**

A Ordem dos Templários foi fundada na Palestina, entre 1118 e 1119, após a vitória cristã na Primeira Grande Cruzada, com o objetivo de proteger os palmeiros que visitavam os Lugares Santos. Os poucos monges-guerreiros do núcleo inicial rapidamente ganharam fama e, sob a tutela intelectual de Bernardo de Claraval, o Templo espalhou-se por toda Europa. Bernardo escreveu a Regra original da confraria e um livro apologético. Gradualmente, a demanda, o signo da busca, substituiu o sentimento de cruzada. Nesse segundo momento, o ideal de cavalaria adotado pela Ordem de Cristo, herdeira das tradições do Templo, aproximou-se do modelo desenvolvido nas reflexões filosóficas de Raimundo Lúlio.

Palavras-chave: Templários; Ordem de Cristo; cavalaria.

Dia 05/07, sexta-feira, 10h

***With wisdom and chivalry: guerra e a escrita da História na Inglaterra trecentista.*
Fernando Pereira dos Santos (UNESP-Franca)**

No século XIV, a coroa inglesa envolve-se em duradouros conflitos. A escrita da história, ainda circunscrita aos círculos monásticos, passa lentamente a ser realizada por homens ligados à administração do reino. Empenhados em registrar as ações e atitudes da nobreza, tais narrativas se pautam na mescla entre modelos advindos de tempos anteriores, no testemunho oral dos que acederam aos eventos e na documentação produzida pela burocracia governamental. Propomos a pensar sobre certos parâmetros presentes na escrita da história produzida pela dupla alteração entre quem a escreve e na sua ordenação em torno dos conflitos. Desse modo, trata-se de uma história composta quase que simultaneamente com o desenrolar das contendas, e é sobre as particularidades que decorrem dessa prática que nos atentaremos.

Palavras-chave: Historiografia. Guerra. Inglaterra.

A narrativa de Geoffrey Chaucer e a legitimação da cidade.

Viviane Azevedo de Jesus (UFF/Scriptorium)

Por muito tempo reafirmou-se a ausência da cidade no circuito da narrativa medieval inglesa, uma vez que o discurso sobre a cidade era apresentado de forma sobremaneira fragmentada. De modo contrário, procuramos discutir como tal fragmentação ressalta a presença da cidade, em nosso recorte a Londres medieval, através da diversidade que a compõe. A cidade é representada pela multiplicidade de atividades, ofícios e funções que abriga. Portanto, observar a imagem da cidade construída pelo discurso significa voltar-se para sua diversidade.

Palavras-chave: cidade medieval; imagem; identidade

GT 6 – História da Arte Medieval: diálogos com o tempo

Coordenadoras: Maria Beatriz Mello e Souza (UFRJ), Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP), Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB)

O Grupo de Trabalho de História da Arte Medieval tem como proposta discutir as relações da História da Arte com o tempo, considerando que o tempo da arte não coincide, necessariamente, com o tempo da história. O objetivo do GT ora proposto é duplo: 1) identificar as conexões que podem ser estabelecidas entre a arte latino-americana e a matriz luso-espanhola na abordagem dos objetos, na interpretação da iconografia e no acesso às fontes brasileiras e luso-espanholas; 2) estabelecer um balanço acerca da historiografia da arte medieval latino-americana e do ensino e da pesquisa da disciplina nas universidades latino-americanas.

Dia 03/07, quarta-feira, 8h

O trabalho do ornamento: as tábuas de cânones na Bíblia de Saint-Bénigne de Dijon

Maria Cristina Correia Leandro Pereira (LATHIMM – USP)

As Tábuas de Cânones, um sistema gráfico-ornamental que mostra a concordância entre os quatro Evangelhos, eram frequentes nos Evangelhos, Evangeliários e Bíblias medievais até por volta do século XIII. Vêm-se aí dispostos em colunas os números de referência das passagens paralelas - ou não - entre cada um dos Evangelhos, enquadradas por uma ornamentação arquitetônica. Quanto aos números de referência, eles eram repartidos ao longo dos

Evangelhos, colocados às margens dos fólios. O objetivo desta comunicação é analisar o trabalho do ornamento colocado em prática nas Tábuas de Cânones da Bíblia de Saint-Bénigne de Dijon, do século XII.

Palavras-chave: Tábuas de Cânones. Imagens. Ornamento.

Os Livros de Horas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro Maria Beatriz de Mello e Souza (CHA/IH/PPGHIS-UFRJ)

Os Livros de Horas já foram considerados como o gênero mais popular entre produções literárias da Idade Média: se um lar possuísse apenas um livro, provavelmente seria desta categoria. Cada uma das grandes bibliotecas da Europa possuem algumas centenas de Livros de Horas, muitos deles ornamentados com ricas iluminuras. Esta comunicação aborda menos de uma dezena de Livros de Horas que pertencem à Fundação Biblioteca Nacional, alguns provenientes da Real Biblioteca Portuguesa. As iluminuras do acervo português, realizadas provavelmente no século XV, contam com raras hipóteses sobre suas origens e sua circulação até Lisboa. Recentemente, este acervo foi objeto de um estudo em codicologia, e o livro mais importante foi objeto de um estudo histórico. O objetivo desta comunicação é destacar a importância das iluminuras do acervo português e assim discutir o seu lugar no estudo universitário e na historiografia, dentro da proposta do Grupo de Trabalho História da Arte Medieval: diálogos com o tempo, do X EIAM. Cumpre delinear o estado da questão do conhecimento histórico e artístico sobre as iluminuras, bem como levantar novas possibilidades na pesquisa, indo além da identificação iconográfica e do tradicional estudo monográfico de livros específicos feitos para a realeza. Este trabalho se insere dentro do projeto de pesquisa Arte e Devoção, realizado pelo Centro de História da Arte da UFRJ. Ademais, se insere no referido Grupo de Trabalho na medida em que discute a relação da iluminura com o tempo das horas canônicas.

Palavras-chave: Livros de Horas. Fundos medievais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. História da Arte Medieval.

Os manuscritos medievais portugueses da Biblioteca Central da UnB Maria Eurydice de Barros Ribeiro (PEM-UnB)

Em 1964, a Universidade de Brasília adquiriu três códices de manuscritos medievais portugueses: O Livro das Aves, o *Flos Sanctorum*, ou Santuário Divino, e os Diálogos de São Gregório. O Livro das Aves, um fragmento, é constituído por cinco unidades de pergaminho, o *Flos Sanctorum* possui oitenta e dois fólios e os Diálogos de São Gregório, cento e sessenta e um. O Livro das Aves é o único códice totalmente iluminado. O *Flos Sanctorum* não possui iluminuras e os Diálogos de São Gregório tem uma única iluminura no primeiro fólio. O exame paleográfico certificou a autenticidade dos manuscritos, datando-os do século XIV. Esta comunicação, embora voltada para o Livro das Aves, coloca uma questão que diz respeito aos três códices (são manuscritos tardios): seriam os manuscritos anacrônicos? Privilegiando o Livro das Aves, levanta-se outra questão: a iluminura que conclui o manuscrito de Brasília (o Profeta Ezequiel) por não obedecer ao padrão estabelecido nos demais exemplares do *De avibus* (em que constam apenas aves) promove a atualização do códice?

Palavras-chave: Livro das Aves; atualizações medievais; manuscritos medievais.

Dia 03/07, quarta-feira, 10h

A tradição dos *Loca Sancta*: sacralização, representação e edificação dos espaços sagrados no ocidente medieval.

Thiago Borges (PPGHIS-UnB/PEM-UnB)

Tendo como ponto de partida as diferentes formas de representação do espaço na cartografia medieval, o presente estudo se fundamenta em uma dupla perspectiva de análise que, transpondo os limites materiais de sua produção artística, objetiva a compreensão holística das realidades sociais, culturais e religiosas dos homens que pensaram, traçaram e, a seu modo, fizeram uso operativo dessas imagens. Assim sendo, reconhecendo o espaço em suas múltiplas dimensões, o projeto de pesquisa ora intitulado, *A tradição dos loca sancta: sacralização, representação e edificação dos espaços sagrados no Ocidente medieval*, encontra-se primordialmente estruturado na análise simbólica, iconográfica e cartográfica dos principais locais de culto e peregrinação que marcaram a religiosidade e a espiritualidade de seu tempo.

Palavras-chave: Cartografia medieval. *Loca sancta*. Imaginário medieval.

A ornamentação na historiografia do “românico catalão”

Aline Benvegnú dos Santos (USP)

A partir da análise da historiografia sobre o mosteiro românico de Sant Benet de Bages, o objetivo desse trabalho é demonstrar como foi delimitado o chamado “Românico Catalão” a partir de pressupostos tradicionais da História da Arte. Nosso foco é a ornamentação que, nessa perspectiva, é tomada apenas como indício estilístico, na busca de raízes filológicas, datações e classificações. Pretendemos fazer uma análise crítica dessa historiografia, apontando para a existência de outras possibilidades de análise das imagens ornamentais.

Palavras-chave: Ornamentação. Sant Benet de Bages. Românico Catalão.

Dia 04/07, quinta-feira, 8h

“Virgem com Menino Jesus” do acervo do MASP e a possibilidade de estabelecer conexões com as imagens de devoção.

Flávia Galli Tatsch (UNIFESP)

Esta comunicação procura apresentar como as obras pertencentes ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP podem contribuir para o ensino e a pesquisa sobre imagens medievais em nosso país. O ponto de partida é o retábulo Virgem com Menino Jesus, do Maestro di San Martino alla Palma, e as conexões que podemos estabelecer com as imagens de devoção, elaboradas na Toscana a partir do século XIII.

Palavras-chave: Imagem de devoção. Maestro di San Martino alla Palma. Retábulos.

“Juízo Final e a Missa de São Gregório” (MASP 428P): recepção de uma pintura tardo-medieval no Museu de Arte de São Paulo.

Douglas Morais Lubarino (USP)

O Juízo Final e a Missa de São Gregório, que compõe atualmente a acervo do Museu de Arte de São Paulo, é uma das raras obras medievais espanholas conservadas em um acervo público nacional, e por esse motivo, revela-se aos historiadores da arte medieval no Brasil como um objeto fértil para os estudos. Aproveitando-nos dessa singular oportunidade, propomos uma

breve análise formal e iconográfica da obra e de como ela foi vista quando de sua chegada ao Brasil, doada pela Galeria Wildenstein, na gestão do então diretor do Museu, Pietro Maria Bardi.

Palavras-chave: Pintura. MASP. Juízo Final e Missa de São Gregório

Mito e anacronismo no imaginário do Cordel Nordestino

Fábio Fonseca (IdA-UnB)

Partindo do entendimento de que a arte não é uma manifestação isolada da sociedade, mas ao contrário, deve ser pensada considerando suas relações com outras produções da cultura humana, esse texto visa identificar uma ligação entre mitos presentes na literatura medieval europeia e no cordel nordestino. Procura-se descrever os processos de criação, transmissão e recepção das obras, relacionados com a formação de um imaginário presente entre artistas do Nordeste brasileiro. Na medida em que um mito se repete em diferentes condições espaciais e temporais, consideram-se as diferentes formas e sentidos atribuídos pelos grupos aos mitos e o anacronismo no retorno de temas. A condição anacrônica de um tema possibilita um diálogo entre pensamentos de tempos diversos em uma mesma manifestação cultural como forma de abordagem do objeto.

Palavras chave: Anacronismo. Mito. Cordel.

GT 7 – Imagens e educação na Idade Média

Coordenadoras: Terezinha Oliveira (UEM) e Adriana Maria de Souza Zierer (UEMA)

O objetivo do GT é discutir a importância dos aspectos educacionais das imagens através de fontes escritas (históricas, filosóficas, literárias) e visuais, que são retidas por meio da memória e, em muitos casos, auxiliaram a construção 'civilizatória' da sociedade medieval e o convívio entre cultura erudita e popular no medievo. Essas imagens contribuíram para explicitar normas educativas à sociedade, constituindo-se muitas vezes em manuais de comportamento, com indicação da atitude correta a ser seguida pelos diversos grupos sociais, buscando com frequência uma 'suavização' de determinados costumes do cotidiano, bem como, o aspecto educativo das imagens, fixar concepções de mundo no medievo.

59

Dia 02/07, terça-feira, 8h

Canção de gesta e religiosidade laica: o exemplo de Renaut de Montauban

Ademir Aparecido de Moraes Arias (UNESP-Assis/USP)

A Canção de Gesta Renaut de Montauban, cuja versão do manuscrito Douce é da primeira metade do século XIII, apresenta uma religiosidade laica própria da época em que foi escrita. Reinaldo, um cavaleiro orgulhoso em guerra contra seu senhor, arrepende-se de suas faltas e obtém uma paz que o obrigava a duras penitências, terminando seus dias como servente de pedreiro em uma construção urbana. Esse herói representaria a possibilidade épica de um laico atingir a santificação sem aderir à ordem dos oratores. O poema estaria, portanto, influenciado pelos movimentos reformadores do final do século XII e início do XIII, que deram origem ao movimento franciscano e à participação laica mais ativa na vida religiosa cristã ocidental.

Palavras-chave: Canções de Gesta. Religiosidade. Cavalaria.

A apropriação da imagem do santo como estratégia crítico-educativa

Ana Maria Alves Siqueira (UFC)

A comunicação analisa a apropriação da hagiografia medieval realizada por Eça de Queirós com intuito crítico-educativo e suas implicações no final de oitocentos. A análise do discurso exemplar enunciado no conto São Cristóvão é realizada em contraponto com os artigos Um santo moderno e Encíclica poética, em que o autor discute, a partir do conceito de santidade expresso pelas hagiografias medievais e pelo exemplo de santos dedicados aos miseráveis e desvalidos, o papel que deveria desempenhar os representantes da Igreja diante da pobreza e das injustiças sociais.

Palavras-chave: Hagiografia. Estratégia crítico-educativa. Conceito de santidade.

A audácia como paixão da alma em Tomás de Aquino: reflexões sobre sensibilidade e educação na Idade Média

Rafael Henrique Santin (CUM)

Terezinha Oliveira (UEM)

A presente comunicação tem como objeto as relações entre sensibilidade e educação em Tomás de Aquino. Para isso, enfatizamos as reflexões realizadas por esse importante teólogo do século XIII sobre a audácia, uma das paixões da alma abordadas na primeira seção da segunda parte da *Suma Teológica*. A audácia, para o autor, decorre da esperança e visa o combate de um mal que possa prejudicar a consecução do bem que se espera alcançar. Por ser uma paixão, ela precisa da regulação razão e o conhecimento é pressuposto para o homem que se pretende audacioso. Assim, a educação, na medida em que desenvolve as potências humanas, se coloca como um processo essencial para que a paixão da audácia se manifeste como virtude.

Palavras-chave: História da Educação Medieval. Tomás de Aquino. Audácia.

Franciscanos em imagens

Angelita Marques Visalli (UEL)

Pretendemos nesse estudo lançar nosso olhar sobre as imagens, iluminuras, que acompanham o texto da *Franceschina*, obra composta no século XV por Giacomo Oddi, na qual são apresentadas as *vitae* de Francisco de Assis e outras "figuras ilustres" da Ordem dos Frades Menores entre os séculos XIII e XV. O texto em dialeto umbro possui uma linguagem simples e cotidiana, assim como um caráter dramático e heróico, remetendo-se especialmente à recusa do mundo, à dedicação às práticas caritativas e religiosas e ao martírio dos frades. Apesar da simplicidade das formas e da técnica, estas iluminuras registram e divulgam experiências, mas buscam despertar uma sensibilidade. Neste caso esta é provocada, por um lado, por uma representação mística e, por outro, pela exacerbação da violência sofrida pelos frades, apresentando o caminho do martírio como a principal expressão de exaltação dos menores após a morte de Francisco, em contraste com o franciscanismo dos "primórdios".

Palavras-chave: Iconografia franciscana. *Franceschina*. Franciscanos

Dia 03/07, quarta-feira, 8h

Cristão, guerreiro e conquistador: imagens do rei Afonso III na Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal.

Bianca Trindade Messias (UEMA)

O rei na Idade Média assume características que o tornam cristão, guerreiro e conquistador. Essas imagens do soberano estão presentes na iconografia, na literatura, nas crônicas entre outras fontes que narram as aventuras e glórias do monarca. A Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal apresenta a trajetória dos reis que governaram Portugal; damos destaque ao rei Afonso III descrito como um rei ideal responsável pelo fortalecimento do poder no reino luso, pelas conquistas territoriais e pela finalização da guerra da reconquista. Pretendemos analisar a construção imagética do rei Afonso III presente na crônica Os Sete Primeiros Reis de Portugal, como um rei perfeito da Idade Média em que suas ações se prolongaram na história de Portugal e na historiografia.

Palavras-chave: Rei Afonso III. Poder. Imagem.

O prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria: a importância de uma teoria sobre a cavalaria medieval.

Paula Carolina Teixeira Marroni (PPE/UEM)

Esta exposição tem o objetivo de apresentar o Prólogo do Livro da Ordem de Cavalaria (1279 – 1283), de Raimundo Lúlio (1232 – 1316) como uma introdução que prepara o leitor para a importância de uma teoria sobre a cavalaria. A partir do referencial teórico da História Social, as transformações pelas quais a sociedade passou no século XIII são ressaltadas ao apresentar a obra de Lúlio como catequética, buscando a revalorização do ideal de cruzada e das virtudes. A introdução do livro difere das demais partes, uma vez que narra o encontro de um velho cavaleiro ermitão e um jovem aspirante à cavalaria, no qual é entregue pelo velho um livro sobre a Ordem de Cavalaria. Lúlio faz uso da intertextualidade, uma vez que o livro sobre o qual falava é o próprio Livro da Ordem de Cavalaria, que segue pelos sete capítulos seguintes apresentando elementos teóricos sobre a cavalaria medieval.

Palavras – chave: Educação, Raimundo Lúlio, Cavalaria.

Imagem de D. Sebastião: fonte para um estudo na história da educação medieval.

Sandra Regina Franchi Rubim (PPE/UEM-GTSEAM)

Terezinha Oliveira (DFE/PPE-GTSEAM)

Neste texto refletiremos sobre a importância da imagem como possibilidade de construção mental e social de um tempo específico. Desse modo, por meio do método histórico-social, pretendemos analisar a imagem de D. Sebastião como evidência histórica, como estrutura simbólica de representação, no período social entre a Idade Medieval e a Idade Moderna (século XVI). Consideramos, nesse sentido, que a análise da imagem, como uma das formas de expressão do homem, leva-nos a compreender como se construía as relações e, por conseguinte, as práticas formativas. Entendemos, pois, que os debates que perpassam e veiculam os campos da Educação, da História e da Arte oportunizam uma maior divulgação da produção científica de pesquisas a respeito do medievalismo ibero-americano.

Palavras-chave: História da Educação Medieval e Moderna. Monarquia Absolutista Portuguesa. Imagem.

A disciplina da pobreza na Regra de Urbano IV (1261-1264)

Verônica Aparecida Silveira Aguiar (USP)

Nesta comunicação, pretende-se fazer um exercício de análise da disciplina da pobreza na Regra de Urbano IV (1261-1264) que foi posta às damianitas no dia 18 de outubro de 1263. Por uma imposição pontifícia essa normativa reuniu os diversos conventos de inspiração franciscano-clariana sob uma só Regra, chamando-os de Ordem de Santa Clara, e as irmãs de Clarissas. Devido à questão da pobreza e outros preceitos jurídicos, a Regra Urbaniana foi adotada na maior parte dos mosteiros até o século XX. Enfim, pretendemos examinar uma série de elementos, para compreender os principais aspectos e significados que teve a Regra de 1263 para as comunidades femininas que, de alguma forma, tinham a ver com a figura de Clara de Assis (1193-1253) e com o movimento franciscano.

Palavras-chave: Franciscanismo. Forma vitae. Ordem de Santa Clara.

Dia 04/07, quinta-feira, 8h

Castidade como símbolo da santidade: uma virtude cristã na Vita Sancti Aemiliani de Bráulio de Saragoça

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (PEM-UFRJ/PPGHC-UFRJ)

Percebemos a obra de Isidoro de Sevilha como parte de um processo de restauração e renovação de conhecimentos clássicos, ditos pagãos. Assim buscamos em suas Etimologias e Sentenças a conceituação da virtude da castidade para entender sua compreensão a partir da visão cristã. Posteriormente, analisamos a Vita Sancti Aemiliani, de Bráulio de Saragoça, produzida em uma conjuntura próxima àquela das obras isidorianas, a fim de perceber como este elemento constitutivo da santidade é desenvolvido no discurso brauliano.

Palavras-chave: Castidade. Isidoro de Sevilha. Vita Sancti Aemiliani.

A misoginia e o amor cortês

Maria do Carmo Faustino Borges (UEM)

Este estudo tem por objetivo abordar uma cantiga de amor, da Lírica Trovadoresca, cujo enfoque contempla a ideologia dominante da época medieval, principalmente a eclesiástica, voltada ao antifeminismo. Desde a leitura do Gênesis e a criação do homem, assim como nas produções do amor cortês, depreendemos a construção “civilizatória” que registra na memória cultural uma postura misógina. Nossas considerações pautam-se na leitura de escritores como Le Goff, Macedo, Duby, Bloch, Ferreira, Candido, entre outros. O discurso influenciado pelo pensamento dominante da Idade Média justifica a escolha da referida abordagem, permitindo-nos a concluir que a cultura e o tempo solidificaram a imagem da mulher inferiorizada.

Palavras-chave: Idade Média. Amor cortês. Misoginia.

Conservação e transmissão: a relação entre estruturas social e emocional no Medieval Housebook.

Lais Boveto (UEM)

Nesta comunicação, abordaremos as noções de estrutura social e emocional de Norbert Elias, com a finalidade de compreender a educação como processo de transformação e, também, conservação de conhecimentos. Para tanto, analisamos alguns aspectos do manuscrito Medieval Housebook, produzido no século XV em meio a profundas modificações que culminaram com a Modernidade. Observamos que o manuscrito apresenta elementos que indicam a preocupação dos homens em conservar conhecimentos que se mantinham desde a Antiguidade, mesmo em meio a intensas transformações.

Palavras-chave: Educação. Medieval Housebook. Estruturas emocional e social.

O reflexo das relações familiares: a situação doméstica da filha sob o poder vigilante da mãe em cantigas de amigo.

Clarice Zamorano Cortês (UEM)

A presente comunicação visa apresentar parte de uma pesquisa sobre as relações familiares na Idade Média, a partir de textos selecionados de cantigas medievais, especificamente cantigas de amigo nas variedades temáticas de romaria e bailias (ou bailadas). As cantigas de romaria são originárias do Ocidente da Península e correspondem ao modo de vida do povo e sua religiosidade. As bailias derivam das primitivas canções europeias e são as que mais se aproximam da música, exprimindo a alegria da menina que dança espontaneamente com as amigas sob árvores floridas ou no adro das igrejas, local de encontro para atrair namorado. Ambas refletem situações familiares, tema desta comunicação.

Palavras-chave: Cantigas de amigo. Relações familiares. Mãe e filha.

Outros anões sobre ombros de gigantes. Análise da influência dos clássicos na pedagogia disseminada em escolas de mosteiros e catedrais, nos séculos XI-XII, e o questionamento da ruptura entre esses locais de formação do saber.

Carlile Lanzieri Júnior (UFF)

Nossa proposta é retomar as análises acerca das práticas pedagógicas comuns a escolas monásticas e escolas das catedrais urbanas dos séculos XI e XII, assim como suas raízes clássicas. Nossas referências serão a crítica historiográfica e a investigação das fontes primárias. Marcada mais por trocas e semelhanças que por conflitos e rupturas, essas práticas fundamentaram o conhecimento produzido nos últimos séculos da Idade Média. Para sedimentar as argumentações apresentadas, partimos de dois pontos específicos: a valorização do descanso e a conseqüente variação das atividades como parte dos estudos. Essenciais na gênese dos discentes, esses temas se disseminaram nos ensinamentos dos mestres do medievo.

Palavras-chave: Educação. Monaquismo medieval. Intelectuais na Idade Média.

Dia 05/07, sexta-feira, 8h

A autoridade eclesiástica nos Sententiarum Libri Tres de Isidoro de Sevilha

Leila Rodrigues da Silva (UFRJ)

Como parte do processo de reorganização e fortalecimento da instituição eclesiástica nos reinos romano-germânicos, o episcopado produziu um vasto corpus documental. Neste conjunto, interessa investigar, como principal propósito do projeto de pesquisa A figura episcopal nas atas conciliares bracarenses e visigóticas e em escritos martinianos e isidorianos: nuances da organização eclesiástica nos reinos suevo e visigodo em perspectiva comparada (séculos VI – VII), as referências à atuação dos bispos nos reinos suevo e visigodo. Em consonância com tais diretrizes, no presente texto, objetiva-se observar as principais alusões às autoridades eclesiásticas nos Sententiarum libri tres, escrito por Isidoro de Sevilha.

Palavras-chave: Sententiarum libri tres. Autoridades eclesiásticas. Isidoro de Sevilha

Pedagogia espiritual e modelos morais na obra Visão de Túndalo

Solange Pereira Oliveira (UFMA)

Mais do que revelar aos medievos os mistérios que se encontram no mundo dos mortos, as narrativas visionárias do Além medieval se constituem em um instrumento de conversão cristã utilizado pela Igreja Católica para reforçar o seu papel como instituição na sociedade medieval. Difundindo os elementos que aguardavam as almas no outro mundo, essa instituição apresentava à comunidade de fiéis modelos de comportamentos que influenciavam o destino das almas no pós-morte: a salvação ou a danação eterna nos espaços do Inferno e Paraíso. Escolhemos a Visão de Túndalo, exemplo de narrativa visionária, pelo seu valor exemplificador de discurso cristão sobre o Além. Através desse relato observa-se todo um aparato didático e doutrinal difundido pelos oradores na tentativa de manter a sua permanência na hierarquia social.

Palavras-chave: Igreja Medieval. Além medieval. Visão de Túndalo.

O Cristo entronizado de Giotto di Bandonne

Meire Aparecida Lôde Nunes (UEM)

Terezinha Oliveira (UEM)

Neste texto analisaremos a imagem do Cristo Pantocrátor do Mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai (século VI) e do Cristo Entronizado (século XIV), pintado por Giotto di Bandone, com o propósito de refletir acerca da permanência do conhecimento da tradição na construção de novos conhecimentos. Nossa proposta é engendrada pela proposição de que as imagens são representações do pensamento dos homens, o qual é resultante dos embates presentes nas diferentes organizações sociais. Esse pensamento nos possibilita entender as produções imagéticas como fonte de pesquisa em História da Educação. A imagem eleita, o Cristo em Majestade, é uma representação que se manteve durante toda a Idade Média e assim nos possibilita verificar os elementos que se mantiveram pela tradição e as transformações sofridas conforme as mudanças sociais.

Palavras-chave: Historia da Educação. Imagem de Cristo. Giotto..Tradição/Inovação.

Iluminuras marianas em dois livros de Reims: devoção e ilustração

Pamela Wanessa Godoi (UEL)

Neste trabalho nos propomos a utilizar as iluminuras medievais, imagens pintadas em manuscritos, para compreender as formas de vivência e interpretação da mensagem cristã, e as formas de representações dessas no que diz respeito ao culto prestado no medievo à personagem feminina mais importante do cristianismo: Maria. As imagens de Maria, pintadas no século XI, em um Lecionário da Catedral de Reims, e do século XV, em um Livro de Horas usado em Reims, são comparadas. Nesta etapa da pesquisa, destacamos elementos simbólicos das imagens e os confrontamos, o que nos possibilita abordar as diferenças nas representações marianas.

Palavras-chave: iluminuras. culto mariano. espiritualidade.

O caráter educativo da Igreja na transição entre o mundo romano e o medieval da perspectiva de Guizot.

Terezinha Oliveira (UEM)

O objetivo dessa comunicação é expor sobre a forma como o historiador francês, do século XIX, François Guizot voltou-se para o estudo das Instituições Medievais. Nossa análise dedicará

especial atenção à relevância com que este autor apresenta a Igreja cristã como uma instituição basilar na constituição da sociedade medieval. As formulações que teceremos acerca dessa instituição buscarão recuperar o papel educativo da Igreja.

Palavras-chave: François Guizot. Igreja Cristã. Educação Medieval.

COMUNICAÇÕES LIVRES

DIA: 01/07, segunda-feira

HORÁRIO: 10h

Sessão de Comunicações Livres 1

Literatura e medievalidade: influências e incidências

O bilinguismo e o estrangeirismo no “Cancioneiro Geral” de Garcia de Resende. Geraldo Augusto Fernandes (UNINOVE)

Neste estudo, pretendo comentar as razões do bilinguismo e do estrangeirismo no *Cancioneiro Geral*: com o advento dos Descobrimentos, os poetas portugueses da compilação de Garcia de Resende esmeram em reproduzir em seus poemas um bilinguismo puro – como é o caso do uso da língua da vizinha Espanha, em especial o castelhano. Também mostram seu engenho ao aplicar aos seus textos poéticos os estrangeirismos, não apenas o advindo da tradição, como o latim e o grego, mas principalmente aqueles que se foram incorporando à língua portuguesa através das Conquistas ultramarinas.

Palavras-chave: Bilinguismo. Estrangeirismo. *Cancioneiro Geral*.

Arabismos e germanismos em textos medievais portugueses.

Américo Venâncio Lopes Machado Filho (UFBA/Grupo Prohpor)

Para se conhecer sistematicamente a história de um povo, importa, pois, investigar o léxico em uso real, em diferentes sincronias, pois, a cada tempo, nele se pode espelhar mais diafanamente a força do contato em sua composição. Propõe-se, neste trabalho, observar o léxico de étimos árabe e germânico na edição semidiplomática de um dos documentos medievais considerados os mais antigos existentes no Brasil, isto é, o *Flos Sanctorum*, cujos originais, em pergaminho, se encontram depositados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, a fim de compreender a dimensão dos empréstimos dessas línguas em textos do medievo português. A partir do emprego de fragmentadores e concordanciadores informáticos, pôde-se conhecer um inventário lexical deveras inusitado, contribuindo, assim, para o trabalho de constituição histórica da língua portuguesa.

Palavras-chave: português arcaico. Documentação medieval portuguesa. Léxico de étimo árabe e germânico

Abstraído as sílabas fonéticas a partir das sílabas poéticas das cantigas medievais galego-portuguesas

Gladis Massini-Cagliari (UNESP-Araraquara)

Este trabalho pretende mostrar como se podem extrair informações acerca de fenômenos fonológicos como silabação, ditongação, elisão vocálica e posição dos acentos primário e secundário, a partir da relação entre sílabas poéticas e sílabas fonéticas, tomando como exemplo uma cantiga de amigo de Martim Codax, tomada a partir do Pergaminho *Vindel*.

Palavras-chave: Cantigas medievais galego-portuguesas. Ritmo poético. Ritmo musical.

O Zahrat Árabe-Andaluz Medieval: entre a Cantiga de Amor e o Zájal Árabe, um novo gênero.

Carlos Eduardo Abbud (FFLCH-USP)

Presente apenas na literatura árabe-andaluz entre os séculos IX e XI, o poema dito “zahrat” (flor ou florilégio) apresenta características únicas, que o distinguem tanto do poema zájal encontrado na literatura árabe desde os tempos pré-islâmicos, quanto da cantiga de amor, onnipresente em quase todas as manifestações literárias europeias do medievo. Estilisticamente o poema zahrat é composto de estrofes de tamanho variado, em geral de 10 linhas, subdivididas em 2 versos com rimas internas, tal qual o zájal árabe clássico. Porém a temática é sempre uma elegia ao amor (amiúde uma mulher, inalcançável), aproximando-se da cantiga de amor medieval, e à natureza, particularmente a flora andaluz. Nesta última temática o zahrat se mostra único na literatura da época, diferenciando-se de todas as demais manifestações. Analisar-se-ão poemas de 3 autores.

Palavras-chave: literatura. árabe-andaluz. Medieval

A violência guerreira e o cavaleiro pacífico: igreja e cavalaria no século XII.

Neila Souza (UFF)

A atividade guerreira é uma característica intrínseca da nobreza cavaleiresca, portanto, o uso da violência constituía-se como algo frequente por esse grupo social e que acabava afetando toda a sociedade quando em situações de forte instabilidade. Diante desse quadro, a Igreja procurava por seus meios controlar, “domesticar” a cavalaria, inculcando em suas fileiras ideais cristãos a serem seguidos. Através da Demanda do Santo Graal podemos observar essa tentativa de dominação da aristocracia guerreira pelo exemplo do bom cristão e cavaleiro pacífico Galaaz.

Palavras-chave: Violência. Cavalaria. Igreja.

Legado templário: doação de terras, castelos e influência em Tomar.

Philipe Luiz Trindade de Azevedo (PPGHIS-UFMA)

O presente texto tem por finalidade apresentar um pequeno e simples retrospecto da Ordem dos Templários, dando um enfoque especial à importância que a doação de terras e castelos teve na expansão da Ordem e alguns reflexos que esses atos estabeleceram na contemporaneidade, principalmente na cidade de Tomar, conhecida como cidade Templária.

Palavras-chave: Templários. Tomar. Contemporaneidade.

O conceito de fantástico e sobrenatural nas sagas islandesas.

André Araújo de Oliveira (UFMA)

Nos estudos de sagas os conceitos fantástico e sobrenatural são muito presentes, por isso se faz necessário uma análise da sua utilização e presença nos estudos das sagas. Este paper busca debater artigos que se utilizam desses conceitos, e discutir a possibilidade da utilização de outros referenciais teóricos como o Maravilhoso e Imaginário Social.

Palavras-chave: Escandinávia Medieval. Sagas islandesas. Conceitos.

Sessão de Comunicações Livres 3

Literatura e resíduos medievais

Diálogos ibero-americanos: uma análise residual da vassalagem trovadoresca presente em Marília de Dirceu.

Jéssica Thais Loiola Soares (UFC)

Roberto Pontes (UFC) - coordenador

Sabemos que Trovadorismo e Arcadismo são estéticas literárias aparentemente contrárias, posto que a primeira volta-se para o sentimentalismo típico das cantigas medievais e a segunda, para a razão, numa tentativa de seguir os rígidos padrões da Antiguidade clássica. Contudo, podemos verificar resíduos da vassalagem amorosa da poesia medieval na obra arcádica Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga. Este trabalho pretende apontar e mostrar como se comporta esse elemento trovadoresco nas liras de Gonzaga, observando o entrecruzamento cultural e literário.

Palavras-chave: Residualidade. Vassalagem. Marília de Dirceu.

A medievalidade na cultura popular do nordeste do Brasil.

Cássia Alves da Silva (UFC)

O presente trabalho estabelece uma comparação entre a forma de pensar e agir da Europa medieval e a cultura popular do Nordeste do Brasil. Para isso, tomamos como base os seguintes conceitos: (I) hibridismo cultural, tomado a partir das ideias de Nestor Canclini; (II) residual, proposto por Raymond Williams; e (III) cristalização, para comprovar como o Nordeste brasileiro assimila e guarda diversos aspectos medievais.

Palavras-chave: Medievalidade. Cultura popular. Nordeste do Brasil.

Resíduos da lírica trovadoresca no *Cancioneirinho*, de Guilherme de Almeida.

Leonildo Cerqueira Miranda (UFC)

Elizabeth Dias Martins (UFC)

Este trabalho tecerá algumas relações residuais entre os poemas de Guilherme de Almeida, constantes no *Cancioneirinho*, e algumas cantigas trovadorescas da Idade Média, pois cremos haver influência da lírica medieval nas composições do referido autor. Tal influência dá-se pelo que chamamos de resíduo que, segundo a Teoria da Residualidade (Roberto Pontes), é aquilo que permanece de uma cultura em outra, passando por um processo de hibridação cultural (Peter Burke), e nisso, ganha novas formas, adapta-se ao novo contexto, faz ressurgir outro tipo de manifestação, mas que guarda em si uma essência anterior: o resíduo. Buscamos, portanto, rastrear essa mentalidade, ou seja, esse resíduo medieval em Guilherme de Almeida.

Palavras-chave: Teoria da residualidade. Trovadorismo. Guilherme de Almeida.

Sessão de Comunicações Livres 2

Cavalaria e sociedade: entre a violência e a idealização

Representações sociais, territorialidade e identidade na expansão portuguesa quatrocentista.

Katiuscia Quirino Barbosa (UFF)

A expansão marítima portuguesa quatrocentista aliou os valores de uma nobreza cavaleiresca decadente com os de uma burguesia mercantil em ascensão. A conquista da praça marroquina de Ceuta, em 1415, abriu o caminho para a penetração europeia no continente africano. Em pouco mais de cinquenta anos os portugueses conseguiram explorar toda a costa ocidental da África, ultrapassando os limites dos reinos mulçumanos e revelando aos europeus um mundo

novo que não era cristão nem mulçumano e cujas parcas referências anteriores não passavam de um conjunto de mitos que os conquistadores aos poucos foram substituindo pelo conhecimento real dos povos e da geografia local. Isto posto, nosso objetivo consiste na análise da percepção do outro, sejam indivíduos ou territórios, observada nas fontes portuguesas do século XV.

Palavras-chave: Expansão Marítima; Representações Sociais; Identidade.

DIA: 02/07, terça-feira

HORÁRIO: 8h

Sessão de Comunicações Livres 4

Política e poder: relações, conflitos, discursos.

Tipologia dos conflitos sociais na Alta Idade Média(séculos V-X).

Mário Jorge da Motta Bastos (UFF – NIEP-Marx-Prék – Translatio Studii)

A transição da Antiguidade à Idade Média foi pautada por manifestações de antagonismo social diversas, o que nos permite considerar que o âmbito dos confrontos era, então, o da própria sociedade. Isto posto, pretendemos, nesta comunicação, estabelecer uma primeira tentativa de tipologia dos conflitos sociais correntes no período, visando o ulterior estudo sistemático de suas manifestações.

Palavras-chave: História Medieval. Alta Idade Média. Conflitos Sociais.

Escrita e poder: intérpretes e interpretações autorizadas da Bíblia na Alta Idade Média hispânica.

Raquel de Fátima Parmegiani (UNESP-Assis)

O Comentário ao Apocalipse, obra do monge asturiano Beato de Liébana, foi escrita no bojo das disputas teológicas adocionistas. E, neste sentido, suas preocupações com a defesa da verdadeira fé católica estão fortemente presentes não apenas nesse texto, mas nas demais obras atribuídas ao autor. Dentro desse quadro, este trabalho de comentário bíblico torna-se terreno fértil para uma investigação que quer pensar as disputas de poder entre os diversos grupos cristãos que compunham o corpo da Igreja Hispânica. A nós é cara a ideia de que entre os objetivos do autor em escrever um comentário de um texto bíblico - o Apocalipse – esteve a intenção de garantir por meio dele, a unificação, a legitimidade e divulgação de uma doutrina cristã e de seus intérpretes autorizados, perante o grupo social a quem a obra se dirigiu.

Palavras-chave: escrita, poder, Igreja hispânica.

Formas de rendas do senhorio rural em Teltow (Brandemburgo) na Baixa Idade Média

Álvaro Mendes Ferreira (UFF / Translatio Studii)

Este artigo propõe abordagens a partir dum estudo quantitativo das formas de renda extraída do campesinato na região de Teltow e as conseqüentes implicações para a história econômica e social. Concluímos que já na Baixa Idade Média avançava a passos largos um processo de diferenciação do campesinato; que predominavam pagamentos monetários; e que a maior parte do mercado se abastecia por meio das empresas campesinas.

Palavras-chave: Economia rural. Regimes senhoriais. Ostsiedlung.

Política e religião no Colírio da Fé de Álvaro Pais (séc.XIV).

Michele de Araújo (PPGHIS-UnB / PEM-UnB)

Esta comunicação pretende propor uma abordagem política para uma obra que, tradicionalmente, tem sido considerada pelos historiadores como de cunho religioso. Trata-se do Colírio da Fé, de Álvaro Pais, escrita no século XIV. Entretanto, quando analisada no contexto político em que foi produzida, esta obra aporta elementos interessantes que ajudam os historiadores a compreender a importância de não se estabelecer a separação entre religião e política. Ao mesmo tempo, o autor oferece, por meio de seu texto, a possibilidade de se conhecer a cultura política da baixa Idade Média ibérica.

Palavras-chave: Álvaro Pais. Idade Média ibérica. História política.

**Papatus e imperiatus: disputas de poder no texto político de Dante Alighieri.
Mariana Amorim Romero (UFG)**

Durante o século XIII, vários foram os discursos acerca dos poderes espiritual e temporal. Intelectuais e religiosos do período se dedicaram ao tema e deram a ele certa importância uma vez que esta discussão estava na ordem do dia. Papa e Imperador disputavam em debates qual deles teria o maior poder, ou maior poder de decisão. Dentre as obras produzidas por intelectuais que abordam esta questão, escolhemos e definimos como fonte principal de nosso trabalho o primeiro livro do tratado político e filosófico de Dante Alighieri, De Monarchia. Procuramos identificar no texto suas argumentações a favor da monarquia para compreendermos sua concepção acerca do poder dentro das esferas política e religiosa e suas contribuições ao movimento renascentista.

Palavras-chave: Dante Alighieri. Poder. Imaginário.

**DIA: 02/07, terça-feira
HORÁRIO: 10h**

70

**Sessão de Comunicações Livres 5
Dramaturgia e retórica no mundo ibérico**

**Teatro e liturgia no medievo ibérico. Os autos devocionais de Gil Vicente.
Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ)**

Sabe-se que as origens do teatro estão intimamente ligadas a cultos religiosos. Como observa Patrice Pavis (1999, p. 25), “A origem do teatro seria ritual e religiosa, e o indivíduo, fundido no grupo, participaria de uma cerimônia, antes de delegar pouco a pouco esta tarefa ao ator ou sacerdote”. E somente paulatinamente “se desprenderia de sua essência mágica e religiosa” até tornar-se “suficientemente forte e autônomo para enfrentar esta sociedade”. Se nos reportarmos à Grécia antiga, vemos que o termo comédia, que atravessou os séculos com conotações variáveis, procede etimologicamente do grego komedia, canção entoada nos cortejos em honra de Dionísio nos rituais de fertilidade (PAVIS, 1999, p. 52-54). E no século V a.C. constituía uma sátira violenta, lançando mão amiudemente do grotesco e do obscuro, como podemos constatar em um dos seus mais famosos cultores, Aristófanes.

Palavras-chave: Gil Vicente. Teatro medieval. Idade Média ibérica.

“... A história de deos tem tais profundezas que nunca se perdem serem recontadas...”: uma análise da retórica vicentina.

Jamyle Rocha Ferreira Souza (UFBA)

O presente artigo busca analisar as escolhas estéticas de Gil Vicente a partir de uma cena da peça Breve Sumário da História de Deus, que tem como personagem central o pastor Abel. Aceitando as estratégias retóricas apontadas pelo filólogo alemão Erich Auerbach como princípio operatório e estruturante do jogo de escrita do teatro vicentino, tecemos algumas considerações em torno do estilo bíblico e do estilo vicentino.

Palavras-chave: Teatro Português. Gil Vicente. Pastor. Estética.

Reflexões sobre a retórica dos sermões de santo Antônio de Lisboa.

Émili Feitosa (UERJ)

Quando se pensa em sermões antonianos, pensa-se quase que automaticamente em franciscanismos e, por conseguinte, em simplicidade e clareza. E de fato tal pensamento não está de todo equivocado. Entretanto, é possível encontrar, sim, certa dificuldade de se entender com facilidade, em um primeiro contato, tais sermões, sobretudo os que não estão acostumados ao sermonário medieval. O presente estudo busca fazer uma análise, ainda que de forma iniciante, da retórica dos Sermões de Santo Antônio de Lisboa, que viveu de 1191 a 1231, passando a maior parte de sua vida de pregador em Pádua – Itália – e arredores. Para tal, se utilizará como pressupostos teóricos Arte Retórica, de Aristóteles, A Doutrina Cristã, de Santo Agostinho e estudos literários apresentados na atualidade.

Palavras-chave: Hagiografia. Retórica. Santo Antônio de Lisboa.

No Auto de Filodemo (Camões), o tenso malabarismo entre o matrimônio, sacramento de dilectio, e o acordo de interesse patrimonial e nobiliárquico.

Maria Ascensão Ferreira (IHGSP)

Um estudo, no Auto de Filodemo, dos desdobramentos do processo civilizatório cristão que culminou na instauração da família nuclear, na invenção do amor sponsal e no valor, sem precedentes, conferido à mulher, com ênfase para a difícil articulação entre o modelo canônico de casamento e a sua negação, na prática, pela força secular do pater potestas nas alianças matrimoniais.

Palavras-chave: Literatura, História, Idade Média, Cristianismo, matrimônio, mulher.

DIA: 05/07, sexta-feira

HORÁRIO: 8h

Sessão de Comunicações Livres 6

História e historiografia: métodos e fontes para o estudo da sociedade medieval.

Teologias da história em Joaquim de Fiore e Boaventura de Bagnoregio.

Marcos Aurélio Fernandes (FIL-UnB) - coordenador

A presente comunicação tem a intenção de apresentar a teologia da história em Joaquim de Fiore e Boaventura de Bagnoregio. A concepção da história de Joaquim de Fiore foi abraçada com entusiasmo por membros do movimento franciscano no século XIII. Os franciscanos identificaram em Francisco de Assis o anjo (mensageiro) do “sexto selo” (Cfr. Apoc 6, 12; 7,2), portador de uma revelação escatológica. Alguns franciscanos, a partir da concepção joaquimita, enveredaram por vias heterodoxas. Mesmo um pensador de insuspeita ortodoxia como Boaventura não resistiu ao fascínio da concepção profética da história de Joaquim de Fiore. O que se pretende é expor a concepção de Boaventura, elaborada em diálogo com a de Joaquim.

Palavras-chave: História. Teologia. Boaventura de Bagnoregio.

“A falsidade dos judeus é grande”: uma representação de judeus nas Cantigas de Santa Maria (séc. XIII).

Ricardo da Costa (UFES)

Bárbara Covre (UFES)

O objetivo do presente trabalho é analisar a iluminura da cantiga 25 das Cantigas de Santa Maria, que narra um milagre da Virgem em um empréstimo de um judeu a um cristão e a consequente e milagrosa conversão do judeu. Para isso, fizemos uma breve contextualização das relações entre judeus e cristãos na Península Ibérica Medieval, analisamos o tema no registro textual relativo à cantiga supracitada e, por fim, descrevemos sua iluminura correspondente.

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria. Iluminura. Judeus. Milagre.

As confissões de Santo Agostinho como fonte histórica.

Pedro Henrique Corrêa Guimarães (UFG)

A despeito de serem as “Confissões” de Santo Agostinho uma das obras mais reconhecidas do período conhecido como Primeira Idade Média, esta obra não desperta muita atenção dos historiadores. E dentro inúmeros fatores que explicam este esquecimento, discutiremos um pouco sobre o gênero textual sob o qual o livro do filósofo cristão pode ser enquadrado, apresentando como é possível perceber características marcantes da sociedade do período neste escrito confessional.

Palavras-chave: Confissões. Santo Agostinho. Metodologia.

Apontamentos para uma nova história ibero-americana.

Heloisa Guaracy Machado (PUC-MG)

A comunicação procura mostrar a necessidade da construção de um novo paradigma interpretativo do medievo ibérico, de acordo com a sua singularidade histórica, a partir da intensificação dos estudos comparativos, de cunho diacrônico e sincrônico, interdisciplinares e transversais. Nesse sentido, analisa certos vezos teóricos usuais, a partir de dois textos exemplares da historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Idade Média. Ibéria. Historiografia.

DIA: 05/07, sexta-feira

HORÁRIO: 10h

Sessão de Comunicações Livres 7

Poesia e teatro na Idade Média

Do poeta medieval ao filólogo: gêneros e transgêneros nos “Lais de Bretanha”

Yara Frateschi Vieira (UNICAMP)

Entre os problemas que os “Lais de Bretanha” (B1 – B5) colocam ao filólogo, merecem a nossa especial revisão as questões relativas à prática e à concepção dos gêneros pelo poeta medieval. Tradução seletiva de “lais arturianos” ou “integrados” (B1, B3 e B4), remetem dessa forma à voga da inserção do *lirismo do eu* – em forma poética aliada à música e ao canto - no discurso narrativo em prosa, não musicado; no entanto, ainda que extraídos desse contexto, pressupõem-no para a sua integral compreensão. Por outro lado, não se tendo ainda

encontrado uma exata fonte francesa para os lais B2 e B5, embora tenham sido apontadas passagens narrativas que lhes poderiam ter servido de inspiração, impõe-se o exame cuidadoso da sua possível relação composicional com a inserção dos refrães de “bailadas” em romances cortesões (p. ex. o *Roman de la Rose*, de Jean Renart).

Palavras-chave: Lais de Bretanha. Lais arturianos. Bailadas.

Do poeta medieval ao filólogo: a cópia dos "Lais de Bretanha".

Anna Ferrari (Università dell'Aquila)

Em 1993, concluía o meu artigo *Lai* do DLMGP com as seguintes palavras, relativas a V^a (= fls.doVat.Lat. 7182 que nos transmitem os cinco *lais* do Colocci-Brancuti): « ... depois de um atento re-exame dos argumentos aduzidos (variantes de V^a em relação a B, ausência em B de uma rubrica presente em V^a), não subsistem elementos suficientes para excluir uma derivação muito mais econômica de V^a e de B do mesmo antecedente». Hoje, insatisfeita com tudo o que, baseando-se naquela minha afirmação, tem sido posteriormente escrito por outros (que não chegaram, porém, a uma conclusão segura), retomo o problema para explicitar os argumentos (sugeridos pela *philologie du regard*) que confirmam a hipótese de uma fonte única comum para os *lais* de B e de V^a: com o resultado de termos de admitir uma tradição manuscrita fortemente compacta, conclusão há demasiado tempo negada e todavia importante, não tanto para a edição dos textos quanto para uma correta reconstrução da sua circulação.

Palavras-chave: Lais de Bretanha. Tradição manuscrita. Cópia (transcrição).

Do poeta medieval ao filólogo. A circulação dos Lais.

Maria Ana Ramos (Universität Zürich)

Em 1900-1901, Carolina Michaëlis escreveu um longo ensaio, intitulado *Lais de Bretanha* (*Revista Lusitana* VI), retomado, pouco depois, no seu *Cancioneiro da Ajuda* (1904). Este estudo continua a ser, ainda hoje, trabalho incontornável, apesar de inúmeras tentativas de análise para melhor entendermos a presença dos *lais* na tradição manuscrita da lírica ocidental ibérica. Voltando a lê-la um século depois, apercebemo-nos do tanto que foi enunciado naquela altura, e do quanto ainda nos falta para a compreensão destes poemas. Procurarei incidir a minha atenção na questão crucial ligada à **circulação textual** (e talvez musical e coreográfica) deste tipo de poemas (a filiação, a cópia, a variação, a tradução, a apropriação, etc.) dentro de um mesmo espaço linguístico (galo-românico), ou na transição de um centro cultural para outro (de França para a Península Ibérica).

Palavras chave: Lais de Bretanha. Lais galo-românicos. Circulação textual e circulação musical na Idade Média.

Tradição medieval e preceptiva teatral: a dramaturgia quinhentista portuguesa

Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA/CNPq)

A dramaturgia quinhentista portuguesa tem sido observada de modo quase exclusivo pela lente da obra de Gil Vicente, com a qual, segundo Antônio José Saraiva, finda o teatro medieval em Portugal. Ainda segundo o crítico português, a obra dramaturgical vicentina é “a única [razão] pela qual merecemos [os portugueses] figurar numa história mundial do teatro” (1981 [1942], p. 10). A publicação recente, virtual ou impressa, da obra de aproximadamente mais de vinte dramaturgos e de quinze textos anônimos do teatro quinhentista português,

empreendida pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, com a coordenação científica do professor José Camões, vem buscando redimensionar melhor a situação da dramaturgia naquele século. Neste texto, busco contribuir com esse necessário redimensionamento a partir da discussão de dois pontos: a permanência de uma tradição medieval na dramaturgia portuguesa quinhentista e a configuração de uma possível preceptiva teatral a partir de alguns daqueles textos recentemente publicados.

Palavras-chave: dramaturgia quinhentista portuguesa. Gil Vicente.

RESUMOS DOS TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

“A natureza é a Igreja de Satã”: saberes e práticas da heresia cátara medieval e sua expressão no filme *Anticristo* de Lars Von Trier (2009).

Adriano Denovac (UFSC-SC)

A presente pesquisa historiográfica pretende levantar questões e analisar indícios de alegorias medievais, que remetem à heresia cátara, perceptíveis no filme *Anticristo* (2009) do cineasta dinamarquês Lars Von Trier. O ponto de partida para a análise é a relação do feminino com a natureza na frase “a natureza é a igreja de Satã” expressa pela personagem feminina. As personagens de Trier que nessa película são duas e não possuem nome, o que parece demonstrar a intenção do diretor em produzir um discurso universal, na medida em que uma das personagens têm características representativas do masculino que impõe a ordem e a outra do feminino satânico, construindo a possibilidade do discurso mítico, que tem a dor, o desespero, o sofrimento e as ansiedades humanas como pano de fundo. Temos então a subjetividade como essência no discurso historiográfico, e esta expressão abre caminho para utilizarmos como ferramenta de análise o “*Lapso*” presente na obra do historiador francês Marc Ferro e o conceito de “*Reminiscências Medievais*” do historiador brasileiro José Rivair Macedo, que nos permitem buscar na película de Trier elementos para pensar a heresia medieval cátara, que evoca em seus ensinamentos que o corpo e todo o mundo material foram criados por uma entidade maligna. Neste sentido, este ensaio procura levantar algumas questões tais como: a relação entre a natureza e o feminino no mundo medievo e como os saberes heréticos em contraposição ao cristianismo ortodoxo podem ter estimulado uma “demonização” do feminino pela oposição à natureza. Essa relação entre natureza e feminino em nosso entendimento, é um saber que deriva da experiência empírica do mundo medievo e das práticas religiosas medievais ligadas ao feminino e a natureza, que podem ganhar expressão e ressignificação em uma obra cinematográfica, ou seja, a concepção medieval da relação natureza e feminino no século XXI na obra de Lars Von Trier. Notadamente essa pesquisa não levanta todas as questões e avaliações que o tema selecionado demanda. *Anticristo*, certamente ainda carece de estudos teórico-metodológicos pois impõe dez séculos de análise para pensar como e de que forma os elementos dessa triangulação - cristianismo, catarismo e *Anticristo* de Trier - aparecem ainda presentes na contemporaneidade com relação ao feminino e a natureza. Atualmente o trabalho caminha nesta direção, ou seja, estamos trabalhando na construção deste aporte teórico metodológico pois objetivamos a partir destes pressupostos produzir o trabalho de conclusão do curso de graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados alcançados até agora são algumas das questões e relações que geraram um artigo e apresentadas neste breve texto e no *banner* que intencionamos apresentar no X Encontro Internacional dos Estudos Medievais.

75

A saga de Án e a arquearia na Escandinávia da era viking

Adriano Everton (UFMA/NEMIS)

Tanto como arma de caça, quanto como arma de guerra, o arco e flecha é um artefato de suma importância para as civilizações do período que antecede a criação das armas de fogo. Utilizando como fonte documental a saga de Án, o arqueiro, este banner tem como um objetivo traçar uma análise sobre as sagas islandesas e arquearia na Escandinávia.

Linhagens e casamentos nas Siete Partidas (séc. XIII).

Amanda Oliveira de Faria Junqueira (PEM-UnB)

Dayane Faria de Souza (PEM-UnB)

As sociedades do mundo cristão ocidental foram profundamente marcadas pelo modelo corporativo, aspecto que se reflete em todos os âmbitos da vida, inclusive na literatura jurídica, como é o caso do *corpus* documental que embasa este projeto, as *Siete Partidas*. Este *corpus* tem extraordinário valor para o historiador porque permite desvendar as estratégias da construção da autoridade e de suas lógicas discursivas na Península Ibérica, numa perspectiva temporal de longa duração. O projeto, intitulado, “Las Siete Partidas (séc. XIII): tradição e lógicas discursivas” faz parte do conjunto de iniciativas de pesquisa voltadas para a iniciação científica, do Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília (PEM-UnB). Pretendem-se estudar alguns aspectos importantes da cultura política ibérica, sobretudo no que diz respeito ao modelo corporativo. Ao mesmo tempo, objetiva-se formar um corpo de pesquisadores, alunos da graduação em História que darão os primeiros passos no ofício de historiador. Trabalhando em duplas, a pesquisa centra-se basicamente em dois eixos complementares: linhagens/casamentos e nobreza/honra.

O objetivo deste Projeto de Iniciação Científica é estudar o discurso jurídico que configura a formação e difusão do modelo das linhagens da nobreza, na baixa Idade Média castelhana, por meio das *Siete Partidas*. Neste sentido, o documento mostra a importância do casamento como elemento que possibilita as alianças entre os grupos familiares das ordens superiores. Em termos metodológicos, pretende-se identificar, organizar, analisar e interpretar as informações referentes às linhagens, mas sem perder de vista a lógica interna da própria obra. Ao mesmo tempo, a análise pretende dialogar com a configuração da sociedade corporativa, tendo como foco as estratégias de formação das famílias e linhagens da nobreza.

Catarina de Alexandria: virgindade, conhecimento e autonomia na *Cidade das Damas*

Ana Beatriz de Oliveira Silva (PEM-UnB)

No livro *d'A cidade das damas*, a escritora ítalo-francesa Christine de Pizan faz uma verdadeira defesa das mulheres, alvos, por séculos, da difamação masculina. Em um momento extremamente misógino da sociedade, Pizan resolve resgatar, por meio da construção metafórica de uma cidade, a memória feminina. Para isso, utiliza-se de diálogos com as figuras alegóricas Razão, Retidão e Justiça. Entre as habitantes da cidade— dirigidas pela virgem Maria —, uma das primeiras a ter sua história contada é santa Catarina de Alexandria. Na fala de Justiça, esta santa aparece como uma jovem que decidiu ser virgem, mas aqui a virgindade parece extrapolar o significado físico: o texto mostra alguém que optou pela virgindade optando assim pelas rédeas da própria vida, livre da tutela masculina. Ao mesmo tempo, Catarina é lembrada por sua intelectualidade. Ela é versada nas letras, nas artes e em filosofia. Discute com grandes filósofos e os vence pela argumentação. Por conta de tais características, a hagiografia tradicional, bem como alguns estudiosos, apontam Catarina de Alexandria como uma santa “masculinizada”, forte por ter, em detrimento dos vícios próprios das mulheres, atributos masculinos em maior quantidade. Neste trabalho, lidar-se-á com a hipótese de leitura de que Pizan rejeita tal interpretação e, partindo do argumento de que as mulheres são propensas às virtudes e não aos vícios, aponta Catarina como personagem forte em sua independência feminina e letrada, exemplo para outras mulheres.

Análise de livros de espada (fencing books ou fechtbücher) para o estudo da esgrima medieval, aplicada no recriacionismo histórico.

Anderson Tsukiyama e Stephanie Sander (UFSC-SC/CNPq)

O presente trabalho que será apresentado em forma de banner de iniciação científica no X EIAM é parte da pesquisa que o Grupo de Recriação Histórica e Cultural SCAM (Sistema de Combate com Armas Medievais) vem realizando nos seus 10 anos de existência. É um grupo que, por meio de pesquisa histórica e Arqueologia Experimental, recria armas e armaduras medievais – focando mais especificamente entre os séculos XII e XV na Europa Ocidental, embora tenha estudos em outras épocas e regiões. Além da pesquisa tais equipamentos são testados de maneira prática, em treinos que o grupo realiza periodicamente, com o objetivo de estudar as técnicas e a arte da guerra desse período. O grupo é vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais Meridianum, ao departamento de História e à Secretaria de Cultura (SeCult) da UFSC. Em seus 10 anos de experiência o grupo já recriou diversas peças e armaduras, bem como evoluiu muito seu estudo sobre a funcionalidade das mesmas e do seu uso em combate. Os treinamentos (que são abertos ao público geral) são feitos priorizando a segurança dos praticantes. Inicia-se com equipamentos acolchoados, sem armadura, para que sejam passadas as técnicas básicas, conforme o treinamento avança o equipamento aproxima-se do histórico. O SCAM costuma participar de exposições em eventos culturais e acadêmicos, divulgando sua pesquisa. Além da construção de armaduras funcionais, uma parte igualmente importante da pesquisa do grupo circula em torno da utilização desse equipamento: como eram utilizados? Como se brandia uma espada? Para sabermos como era, temos como fontes manuais de espada (*fencing books* ou *fechtbücher*) que foram criados por escolas de esgrima medieval no século a partir do século XIII, embora nosso foco sejam nos escritos no século XV, além de alguns estudos sobre eles de especialistas como John Clements. Se observarmos filmes de capa e espada da década de 50 e 60, veremos uma movimentação artística onde a movimentação de espada segue principalmente uma função teatral. À medida que as fontes sobre a esgrima medieval tiveram seu conhecimento difundido, tem-se a oportunidade de estudar melhor as técnicas e podemos observar uma grande mudança na performance dos atores em filmes recentes. Hoje inclusive, os filmes com a temática medieval anunciam que seus movimentos são baseados em estudos. Isto mostra a valorização destas fontes e também das pessoas que as estudam. O estudo de um manual antigo tem várias facetas: por ser escrito na época em que são focados os estudos do grupo, por um lado, permite obter preciosas informações sobre as técnicas utilizadas. Por outro, há algumas polêmicas na análise dessa fonte, como a técnica “*halfswording*” (um estratagema onde se segura na lâmina da espada, para obter um melhor ponto de a1’poio). Argumenta-se que o usuário poderia usar uma luva de couro grosso ou que a espada medieval utilizada não era afiada. Estudando e contextualizando o período, sabe-se que os torneios medievais, em busca de maior segurança para os seus participantes, substitui a espada afiada (padrão em torneios do século XII) por espadas sem fio no século XV. O estado de conservação das imagens nesses manuais é muito bom e permitem verificar posturas, guardas e movimentos. Entretanto, o estudo das figuras não é puramente dedutível, como pode parecer a primeira vista, pois não é incomum ver dois pés esquerdos ou mesmo armas trocadas de mão como mostram os manuais. É necessário ter o tato de observar que estas posturas ficam invertidas para que o leitor possa ter a identificação da técnica, por exemplo, quando uma figura retrata um guerreiro usando espada e escudo: às vezes ela é desenhada como se o mesmo fosse canhoto, pois se a figura fosse desenhada representando um destro, um escudo poderia esconder a técnica. Por fim, para o grupo, estudar apenas os manuais para saber como eram utilizadas as armas de outrora não é suficiente. É necessário pesquisar o contexto em que este material foi escrito, a arte em vigor naquele momento, que influencia as figuras e a forma como a

informação era difundida. Principalmente, o equipamento disponível naquele momento (armas e armaduras), foram fatores determinantes para o desenvolvimento das técnicas apresentadas nestes livros. Assim, no banner que apresentaremos será mostrado esse processo de estudo desses manuais, mostrando os resultados que obtivemos com esta pesquisa.

A História das monarquias medievais: práticas discursivas e imagéticas. Os mosaicos de Hagia Sophia: a relação do Imperador com a Igreja Ortodoxa.

André Lourenço Faillace (PEM-UnB)

O objetivo maior da pesquisa é estabelecer uma comparação entre os modelos de representação da monarquia portuguesa e francesa; e em seguida, confrontar ambos, (modelos de monarquias ocidentais) com os princípios que regem e representam o soberano em Bizâncio (modelo oriental). A pesquisa, que se mostra bem encaminhada, tem sido realizada por meio de análises de mosaicos encontrados na *Hagia Sophia* em Istambul e textos do Historiador Procopios. Os Mosaicos de Santa Sofia, que durante o Império Bizantino foi a igreja onde as principais cerimônias religiosas eram realizadas, demonstram a relação entre o Imperador Bizantino e a Igreja Ortodoxa. Com o imperador sendo apresentado numa situação de igualdade com as figuras religiosas ali representadas. Por enquanto o trabalho demonstra o contraste que existe entre as monarquias Católicas Ocidentais e a monarquia Ortodoxa Oriental. A análise dos mosaicos e do texto de Procopios nos demonstram a relação de poder que existia entre o Imperador Bizantino e a Igreja Ortodoxa, uma relação em que o imperador era colocado como sendo o representante máximo de Deus na terra sem nenhum entreposto entre o monarca e o divino, diferente do mundo Ocidental em que a Igreja Católica surgiu como um entreposto entre os monarcas e o Divino.

Uma proposta de análise do papel de Maria nas imagens da Crucificação de Giotto.

André Luiz Marcondes Pelegrinelli (DHI/UEL)

O estudo se encontra vinculado ao projeto “Iluminuras franciscanas: a construção da imagem e herança de Francisco de Assis na “Franceschina”, coordenado pela Professora Doutora Angelita Marques Visalli. O estudo de Maria dentro das imagens da crucificação de Giotto surge como um subprojeto levado a cabo por cerca de dois anos, com apoio, respectivamente da Fundação Araucária - PR e CNPQ. Partindo do pressuposto que as pesquisas históricas não são cumulativas, já realizamos uma análise geral em torno de três obras de crucificação escolhidas até o momento (um retábulo do acervo da Alte Pinakothek, de Munique; um afresco da Capela Arena, em Pádua; e outro afresco da Igreja Inferior da Basílica de São Francisco, em Assis), também uma análise mais específica em torno do papel de Cristo crucificado, São Francisco de Assis (que está presente em duas das três imagens) e de Maria. Estudamos também a história e a situação do culto à Mater Dolorosa no período, bem como a intervenção e influência das ordens mendicantes sobre esse culto, a representação iconográfica e, parte do pensamento de Francisco de Assis com relação ao tema, bem como outros pontos que cremos ser importante, como o papel da morte dentro daquela sociedade, teoria e metodologia com relação ao estudo de imagens e arte, etc.

Eusébio de Cesareia e a formatação do cristianismo como base ideológica para o poder imperial no século IV

Andréia Rosin Caprino (UFPR)

De acordo com as características da Antiguidade Tardia, pretendemos apontar conceitos e virtudes elaborados pelo autor e bispo cristão Eusébio de Cesareia (265-339), presentes em sua obra *História Eclesiástica*, que reforçam a legitimação do poder imperial de Constantino I (306-337) e sua relação ideológica com o fortalecimento do cristianismo no século IV. Além disso, almejamos observar a dimensão do papel de Eusébio no panorama político-institucional romano como construtor e legitimador do governante com base em elementos cristãos, bem como analisar os primórdios da institucionalização e da fundamentação do cristianismo como uma religião legítima e formadora de uma identidade.

Traços Míticos no Primeiro Cantar do Mio Cid

Benjamin Constant Vianna Corrêa (UnB)

Rodrigo Díaz de Vivar existe no imaginário espanhol não somente por ter sido uma figura proeminente nos tempos conturbados da dominação muçulmana da Península Ibérica, mas também por ter sido imortalizado como um herói de feitos épicos de forma análoga ao rei Artur na Bretanha e na Grã-Bretanha e a Beowulf no resto do mundo germânico.

Analisando os acontecimentos marcados como míticos no primeiro cantar do Poema Del Mio Cid, observando-se as origens dos cantares de gesta, as raízes dos poemas épicos espanhóis e suas influências no poema. Quem foi o El Cid e por que há um poema dedicado a essa figura histórica?

Nascido em Burgos, atualmente renomeada Vivar del Cid em homenagem ao cavaleiro, possivelmente no ano de 1043 e com uma origem obscura, Rodrigo ascendeu na ordem militar do reino de Castela com incrível velocidade, ganhando fama e prestígio na corte do rei. Porém, com a mudança do monarca, o Campeador é exilado de sua terra natal e obrigado a oferecer seus serviços para os líderes muçulmanos, teoricamente seus inimigos.

Os títulos que o herói apresenta são inúmeros ao longo da narrativa; o trabalho busca analisar algumas das possíveis origens das várias alcunhas que são atribuídas a Rodrigo Díaz de Vivar, como sua mais famosa, El Cid Campeador.

Dom Ramón Menéndez Pidal e a extensa obra de sua vida acerca do cavaleiro castelhano mostram uma origem germânica para as obras épicas espanholas, herança dos visigodos que estabeleceram-se na região hispânica após a queda de Roma.

Com a análise de Richard Fletcher exclusivamente sobre a figura histórica em lugar da mítica de Rodrigo Díaz, é possível contrastar a lenda presente no cantar com os registros históricos acerca do cavaleiro.

E nos posicionamentos do professor Charles Faulhaber como mediador e Joseph Bédier como carro-chefe da crítica às teorias de Dom Menéndez Pidal, vemos a possibilidade de uma origem francesa para as obras espanholas da época e posteriores.

Invincível em batalha, portador dos dons intrinsecamente associados aos virtuosos cavaleiros medievais, um servo de Deus acima de tudo e fiel ao seu senhor mesmo após seu exílio, é possível analisar no personagem central da obra como um produto de seu tempo histórico. Da mesma forma como ganhavam fama Artur e seus cavaleiros por serem uma personificação das virtudes cavaleirescas, Rodrigo Díaz de Vivar assume esse manto na Espanha medieval de forma vívida na imaginação de seus contemporâneos.

A partir de um diálogo entre as duas vertentes acerca da origem do cantar, e embasado na pesquisa de Richard Fletcher e sua busca pelo Rodrigo Díaz histórico, em contraste com o idealizado El Cid Campeador de D. Menéndez Pidal, o presente trabalho busca ressaltar alguns

dos traços lendários do cavaleiro castelhano que contribuíram para sua imortalização no imaginário espanhol.

Ibn Ammâr e as possibilidades de um poeta em Al Andaluz (século XI) **Camila Flores Granella (Depto História/UFPR)**

A principal motivação da pesquisa foi dar início a um aprofundamento dos estudos acerca dos reinos *taifa* islâmicos do século XI, analisando desde sua formação até as conquistas almorávidas ao fim do mesmo século, a partir de diversos fatores internos e externos à Península Ibérica. Buscou-se entender os contextos cultural, político e econômico que propiciaram o estabelecimento dos reinos e suas relações com outras instituições na Península, sejam elas cristãs ou mouras, sua instabilidade política, o florescimento cultural e intelectual. Também objetivou-se uma análise aquém das questões internas, especialmente, do Reino de Sevilha, para conhecer os diversos fenômenos que contribuíram para a pulverização de poderes que resultou no estabelecimento dos reinos à chegada dos almorávidas norte-africanos.

A pesquisa do ano de 2012 foi o passo inicial para o desenvolvimento do tema que acontecerá em 2013 e que visará entender as relações entre o poeta Ibn Ammâr e o príncipe al-Mu'tamid. Foi elaborada uma análise geral dos contextos cultural, político e econômico dos reinos, especialmente o sevilhano. As possibilidades de seu florescimento cultural, a relativa instabilidade *taifa*, os fatores externos à Península moura que a modificaram. Análises essas que propiciaram um panorama geral para o aprofundamento do tema para o ano de 2013.

A primeira descoberta que se deu acerca do tema foi através do cotejamento das poesias de Ibn Ammâr com outros poetas de seu tempo, islâmicos ou não, um deles o próprio al-Mu'tamid, onde observou-se a exclusividade da presença nos poemas, de artifícios para provocação dos sentidos através da imagética nos seus leitores ou apreciadores. A redução da escala de observação dos reinos *taifa* trouxe também a percepção de uma nova realidade, a de que o testemunho político dos reinos não era a consequência de erros e de uma linha evolutiva que levava à decadência. Observando o mapa na Península no século XI, indentificava-se claramente que a configuração dos reinos, islâmicos e cristãos, era a mesma. Ambos encontravam-se em situação de poderes pulverizados, uma realidade policêntrica.

A partir de bibliografias escolhidas identificamos fatores de expulsão e atração em relação às incursões almorávidas sobre os reinos *taifas*, entre eles, Sevilha. Essas análises deram-se principalmente sobre a desertificação da agricultura do Magreb ao período das investidas na Península. Observamos ainda a insatisfação da população sevilhana perante cobranças de altos impostos e diversos escândalos do governo perante sua diversificada vivência da palavra corânica. A discussão bibliográfica dos estudos deu-se especialmente através das obras de arabistas como Adalberto Alves. Nos trabalhos, um deles em parceria com Hamdane Hadjadjji, buscou, quando fizeram a tradução das poesias de Ibn Ammâr, estabelecer uma, mesmo que breve, biografia e introdução ao conhecimento da vida e contexto do poeta. Os autores não têm a preocupação em explorar algum debate ou problemática de cunho historiográfico – pela própria natureza do trabalho, visto que ambos são linguistas. Sendo assim, os autores estabelecem bases para uma pesquisa no tema, fazendo uma boa tradução e instigante prefácio ao século XI em Sevilha, e, o interessado no assunto, ao buscar as referências bibliográficas encontrará um bom potencial de estudos. Outro autor essencial para a realização do projeto foi Richard Fletcher, que mesmo focando suas análises no Reino de Castela, ofereceu um panorama essencial sobre os Estados muçulmanos ao sul da Península Ibérica. O historiador inglês inseriu ainda a obra de Ibn Ammâr em um panorama contextual mais abrangente, servindo de inspiração para a execução destes estudos.

A pesquisa estancou no momento de elaboração de uma análise efetiva das fontes poéticas de Ibn Ammâr e al-Mu'tamid, o que é a base para o projeto que será realizado em 2013. O novo estudo vai buscar abranger aspectos das relações entre o príncipe e o poeta, e como elas afetam diferentes aspectos de suas vidas. Irá analisar, a partir de novas dúvidas, em uma nova abordagem, juntamente com a inspiração micro-histórica, oferecida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, as diversas consequências públicas das relações entre Ibn Ammâr e al-Mu'tamid. Conjuntamente, os seus efeitos em suas expressões e mecanismos artísticos.

Honra e nobreza nas *Siete Partidas* (séc. XIII)
Carlos Augusto Marcovicz De Carli (PEM-UnB)
Isabela Gomes Parucker (PEM-UnB)

As sociedades do mundo cristão ocidental foram profundamente marcadas pelo modelo corporativo, aspecto que se reflete em todos os âmbitos da vida, inclusive na literatura jurídica, como é o caso do *corpus* documental que embasa este projeto, as *Siete Partidas*. Este *corpus* tem extraordinário valor para o historiador porque permite desvendar as estratégias da construção da autoridade e de suas lógicas discursivas na Península Ibérica, numa perspectiva temporal de longa duração. O projeto, intitulado, “Las Siete Partidas (séc. XIII): tradição e lógicas discursivas” faz parte do conjunto de iniciativas de pesquisa voltadas para a iniciação científica, do Programa de Estudos Medievais da Universidade de Brasília (PEM-UnB). Pretendem-se estudar alguns aspectos importantes da cultura política ibérica, sobretudo no que diz respeito ao modelo corporativo. Ao mesmo tempo, objetiva-se formar um corpo de pesquisadores, alunos da graduação em História que darão os primeiros passos no ofício de historiador. Trabalhando em duplas, a pesquisa centra-se basicamente em dois eixos complementares: linhagens/casamentos e nobreza/honra.

A proposta deste projeto de iniciação científica, em particular, é analisar a construção e utilização de conceitos como honra e privilégio em um contexto discursivo de tipo jurídico da baixa Idade Média, como são as *Siete Partidas*. Tendo como base, portanto, esse corpus será possível estudar, para além das leis ali registradas, costumes, tradições e valores de uma sociedade que se organizava de acordo com uma lógica própria. Assim, nesse contexto histórico específico, pretendemos analisar as relações desses conceitos com a organização hierárquica do modelo corporativo que guiava a sociedade medieval castelhana, sobretudo no que diz respeito à nobreza. Em termos metodológicos, devemos listar, ordenar, interpretar, interrelacionar temas possivelmente relevantes para a compreensão dos conceitos honra e nobreza, delimitar o uso destes termos para diferentes formas de representação simbólica do poder e da sociedade.

Vestimentária e indumentária de difamação e de defesa da mulher na Idade Média
Cristhéfany Buozi Girotti (UFG-GO)

Seguindo as diretrizes e intenção central do projeto de pesquisa do professor Pedro Carlos Louzada Fonseca, intitulado “Mulher difamada e mulher defendida na Idade Média: textos fundadores”, orientador de nosso plano de trabalho como bolsista do PIBIC – UFG 2012-2013, elencamos a proposta de um levantamento de imagens vestimentárias e indumentárias de difamação e de defesa do ideal ascético mulher em obras e autores da Idade Média (séculos VII-XV), com a finalidade de atingir os seguintes objetivos teóricos e críticos acerca da misoginia e do peculiar pensamento pró-mulher no período medieval: a) Investigar os modos da influência e da disseminação dessa tradição antifeminista em textos e obras de arte e roupas museais misóginos da Idade Média, os quais, reelaborando e construindo uma retórica

própria para o tratamento do tema, assim o fizeram com finalidades ideológicas e de ordem política; b) Investigar os fatores culturais, históricos, sociais, filosóficos e religiosos que serviram para retratar, em forma de vestimenta e indumentária, a misoginia, tal qual tratada e caracterizada no período medieval; c) Fazer um exame teórico e crítico das fontes imagéticas e discursivas a serviço da construção misógina medieval que porventura se reflitam na roupa e na indumentária do período. O vestuário é um contador de histórias, revelador de um contexto social, identifica e dá pistas de usos e conceitos, proporcionando maior entendimento de uma época. Uma roupa pode revelar subjetividade e respostas de seu tempo. Mas, para ser incorporada como tal, precisa ser identificada e contextualizada em seu tempo, com aquele que a fez, principalmente com suas concepções pessoais e psicológicas. A presente reflexão tem sua validade no que tange à compreensão das relações entre o feminino, a misoginia, a estética, a vestimenta e seus vestígios, que nos dão pistas do processo histórico e literário elencado. Enfim, vestimentas e adornos, permeados por sua dimensão topográfica, emocional e discursiva, recheados por conceitos misóginos, veiculados pelo clero medieval. Neste contexto, em vista dos discursos e dos documentos da época, é necessária uma desmistificação de que a vestimenta está pautada no vazio e na futilidade. As roupas são documentos históricos de resgate e de desafio da revelação das marcas sociais. Lembrando que a vestimenta é um objeto cultural que em sua trajetória recebe marcas do corpo e do tempo, ela é diferente de outros documentos textuais. A revelação do eu tornou-se presente no que tange a subjetividade. A roupa e os adornos femininos por ocasião são revestidos de valores para quem a veste e de outros tantos para quem os olha. Não deixa de ser um suporte de um diálogo com o mundo que a rodeia. A visão tomista sobre a mulher defende que a mesma é responsável pelo pecado original e por isso é inferior em diversos âmbitos, como o biológico, o moral e o espiritual. Para São Tomás de Aquino, a fêmea humana não só é inferior por conta do Pecado Original, mas também devido a sua inferioridade biológica, sendo menos inteligente e menos apta a dirigir qualquer coisa. Mas por que o medo masculino em relação à aparência feminina? Por que o desejo de controle masculino do corpo feminino? Qual a relação entre misoginia, beleza corpórea e vestimenta? Para o homem, era interessante manter uma mulher ornamentada ao seu lado, pois sinalizava poder de manutenção econômica, símbolo de status financeiro, mesmo que condenado pela Igreja, desejo voluptuoso de ostentação. A vanglória demarcava territórios e impunha respeito. Causava desejos externos e confabulações fantasiosas de outrem. Para a Igreja, a mulher ser reconhecida pela suntuosidade de suas vestimentas causava temor, pois era uma forma de destaque e controle feminino e a filosofia misógina não compartilhava com este dito. Trajes rebuscados e imponentes induzem à supremacia, delinea identidades, simbologia perigosa para a proposta de misoginia. O ato de vestir e de se adornar pode enunciar propósito de posição e poder, de ver e de ser visto. Além disto, decorar o corpo feminino atraía olhares de cunho sexual, ato condenado pelos patrísticos. Para Santo Agostinho o uso da visão (o ver) expõe, mostra e destaca o outro. Para os homens manterem suas paixões sob controle era necessário controlar a aparência de suas mulheres.

A História das Monarquias Medievais: Práticas Discursivas e Imagéticas. O nascimento de um rei: o caso de Portugal **Clara de Oliveira Cunha (UNB- Brasília/PEM)**

O objetivo da pesquisa é compreender como se consolidaram as estruturas do poder monárquico em Portugal. A pesquisa demonstra a importância do mito da batalha de Ourique para o levante de Afonso Henriques como primeiro rei de Portugal. A pesquisa tem sido realizada mediante encontros do grupo de pesquisa para debate a respeito das monarquias

medievais. Esse trabalho se baseia na análise da crônica de Afonso Henriques escrita por Frei Antonio Brandão, tendo outros autores como base, entre eles José Mattoso, Manuela Medonça e Alexandre Herculano. A crônica não é contemporânea ao acontecimento, o que reflete justamente o alcance do mito da vitória de Afonso Henriques em Ourique. O combate é de grande importância para a fundação da identidade portuguesa. A aclamação de Henriques pelos nobres em campo de batalha reflete um costume germânico. Demais fatores contribuem para o reconhecimento de Henriques, como sua descendência nobre, a visão de Deus, mas o fator decisivo é o mito de Ourique. Embora a confirmação pela Igreja do Estado português tenha vindo apenas alguns anos após a batalha, o estado português se firma em espírito quando os nobres desse território reconhecem Afonso Henriques como seu rei. Até o presente momento, foi feita a análise da crônica que, escrita posteriormente a batalha por Frei Antonio Brandão a pedido dos reis português para construção e afirmação da história portuguesa, reconhecem Afonso Henriques como seu primeiro rei.

Persival versus Galvão: a representação do bom e do mau cavaleiro n' A Demanda do Santo Graal

Daniella Moraes Garcês (UEMA-MA/ Mnemosyne/PIBEX)

O presente trabalho tem como intuito abordar como são representados os cavaleiros de Artur na novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, na qual a missão é encontrar o cálice sagrado (o Graal) para restaurar a prosperidade ao reino de Camelot. Muitos de seus cavaleiros tomam caminhos diferentes, tanto espiritualmente quanto na sua jornada terrena, na busca do Graal. O foco da pesquisa é a trajetória de dois cavaleiros que tomaram rumos diferentes nesta jornada, um pelo caminho da bondade, castidade e fé, ajudando ao próximo e se aproximando ainda mais do cálice, esse cavaleiro é Persival. O outro é o mau cavaleiro, Galvão. Mesmo não sendo o principal dos cavaleiros destinado a dar cabo das aventuras do Graal, Persival, ainda sim é apto para encontrá-lo ao final da Demanda, ainda que tendo um percurso turbulento durante sua jornada, pois em alguns momentos é tentado pelo demônio. Porém devido à intervenção divina, não comete o pecado carnal, sendo assim ele continuou sendo apto a encontrar o cálice sagrado. Essa superioridade também é demonstrada no decorrer da Demanda, pois o cavaleiro é tido como um ser espiritual superior, em virtude de numa ocasião abençoar um eremita. Muito diferente de Persival, temos Galvão que lhe é contrário em tudo. Este é dominado pelos pecados, tais como a ira, luxúria e sua sede por batalhas. Sua ida para a Demanda é condenada logo no início da narrativa, quando uma mulher feia – que pode ser considerada como uma vidente –, prevê que Galvão trará muito mal aos cavaleiros. Neste primeiro momento, o próprio Rei Artur pede que seu sobrinho não vá na *Demanda do Graal*, e a participação do sobrinho deixa o rei receoso. Outro episódio que também ocorre mais a frente é que outra mulher tem a mesma visão negativa da participação do cavaleiro na busca pelo Santo Vaso, tendo Galvão ignorado as previsões das duas mulheres. Por isso ele realmente participa da jornada em busca do cálice sagrado. As previsões das mulheres se tornam verdadeiras, pois Galvão mata muitos de seus companheiros e desonra o código da Cavalaria. Dentro dessa perspectiva abordaremos como é tratada a temática do bom e mau cavaleiro na obra, mostrando através das experiências na busca do Graal, que através das aventuras vividas pelos cavaleiros Persival e Galvão podemos perceber o contraste dos dois modos de agir dos cavaleiros, um respectivamente, seguindo o código da cavalaria, valorizando os ideais do bom cavaleiro e o outro, “traindo” este código através das ações do mau cavaleiro, sendo este condenado n' *A Demanda do Santo Graal*. Já Persival é exaltado, sendo esse combatente um dos modelos perfeitos, ou melhor, moldado para uma perfeição.

Eva, em Isabel de Villena: uma análise da Vita Christi Ércio Ferreira Beltrão Júnior (PEM-UnB)

No século XV uma abadessa conhecida como Isabel de Villena escreve um livro nomeado *Vita Christi*. Nesse livro Isabel dá um destaque para as figuras bíblicas femininas, mostrando características positivas dessas personagens, contrariando os discursos pejorativos sobre as mulheres. Neste trabalho o enfoque será em Eva, mostrando como a Eva de Villena difere da bíblica. Objetivando apresentar, a partir desse exemplo, a defesa de Villena às mulheres. Misoginia baixo medieval. Antes do século XIII, existia um equilíbrio maior na relação entre homens e mulheres. Havia um maior espaço de atuação feminino. O apogeu da liberdade feminina se daria no século XII com o fortalecimento do culto a Maria e personagens como Hildegarda de Bingen¹ e Leonor da Aquitania. Hildegarda (1098-1179) foi uma abadessa beneditina que segundo relatos possui grande influência política e religiosa. Foi escritora, compositora e escreveu um tratado de medicina. Esse ambiente de maior liberdade feminina estava baseado no que Prudence Allen chama de *Teoria da Complementaridade dos Sexos*. Essa teoria teria perdurado durante o século XII e boa parte do século XIII, segundo essa ideia homens e mulheres são diferentes em essência, mas possuem igual valor. Entretanto no século XIII começa a existir uma mudança de pensamento que será chamada de *Teoria da Polaridade dos Sexos*. Segundo essa noção homens e mulheres seriam diferentes em essência e em valor, sendo os homens superiores a mulheres. Essa ideia foi legitimada pelas universidades que instituíram como obrigatório os textos aristotélicos - para Aristóteles as mulheres “*são inadequadas para governar e, o mais prejudicial de tudo, que elas são defeituosas de natureza*”. Também foi defendida por pensadores da época, como Tomás de Aquino, e vários outros que escreveram tanto textos em língua vernácula ou em latim com objetivo de mostrar uma inferioridade da mulher. Embora esse tipo de discussão tenha ressurgido no século XIII ainda ressonava com volume no século XV. Os livros de Isabel de Villena e Christine de Pisan mostram que essa ideia e os seus efeitos ainda se faziam presentes e precisavam de resposta. Isabel de Villena nasceu em Valência no ano de 1430. Filha ilegítima do nobre e escritor Henrique de Villena, também conhecido como Henrique de Aragão e Castela. Embora a consolidação das universidades no século XIII tenha afastado a mulher da alta educação, Villena conseguiu acesso a um alto grau de instrução devido a sua criação na corte valenciana. Isabel era conhecida por ser uma mulher extremamente inteligente e culta. Esses aspectos somados a sua posição social tornaram-na uma personalidade importante na região. Há relatos que autoridades da cidade procuravam Villena para se aconselhar, além de receber orações. Isabel de Villena escreveu o livro “Vita Christi” por ordem da Rainha Isabel a Católica, a qual se interessou pelo trabalho de Villena. O livro, assim como outras obras do período, conta a história da Vida de Jesus. Contudo há uma diferença essencial entre outras obras que se propõem a narrar a vida de Cristo. Em “Vita Christi” as mulheres possuem grande espaço, sendo protagonistas de diversos capítulos ou personagens secundários relevantes. A figura de Eva na literatura medieval é normalmente tratada de forma negativa. A sua relação com o pecado original é o principal fator para a depreciação da sua imagem. Parte do imaginário medieval associa as mulheres ao pecado de Eva. Será feita neste trabalho uma análise dos textos bíblicos sobre Eva, que aparece principalmente no livro *Gênesis*, com o capítulo XI de *Vita Christi*. Buscando mostrar como Villena consegue utilizar uma figura vista de forma negativa pela tradição medieval de maneira positiva.

Estudo das práticas de cura mágicas e medicinais no Lapidário de Alfonso X Fátima dos Santos Geleski (UFSC-SC)

No medievo e nos séculos que adentram a Idade Moderna, as práticas de cura de diversos

espaços sociais utilizam plantas, pedras, animais e/ou palavras mágicas, como encantamentos e feitiços. Tais práticas mantiveram-se, através dos séculos, na cultura popular até os dias atuais. Não sabemos exatamente quando tudo começou, sabemos que estes conhecimentos foram passados de forma oral e que no decorrer da história Medieval e Moderna estas práticas foram privilegiadas ou condenadas dependendo do contexto social que se analisa. Neste trabalho, pretendo fazer um estudo das práticas de cura descritas no Lapidário de Alfonso X. O Lapidário é um documento de origem muçulmana que foi traduzida para o castelhano na corte do rei Alfonso onde foram catalogadas 360 pedras sobre o seu uso medicinal e mágico. O objetivo deste trabalho é entender as relações do homem comum e o homem da corte na utilização deste catálogo para as práticas de cura por magia ou medicina. O método a ser usado é o comparativo. Meu objetivo é identificar os caminhos dos processos de formação da mentalidade da época através deste estudo comparativo, analisando os pontos de convergência e ruptura. A pesquisa encontra-se na fase inicial. Estou realizando o levantamento bibliográfico sobre o assunto e o reconhecimento da fonte. Pretendo expor o banner no evento com algumas considerações já alcançadas sobre o tema. A orientadora do projeto é a Professora Doutora Aline Dias da Silveira.

Palavras chave: Práticas de cura, Lapidário, Magia, Medicina.

A morte do Gigante: a banda Týr em sua representação da mitologia nórdica Gustavo Braga Santos (UFMA/NEMIS)

Por volta do século XIII, foram compilados poemas anônimos numa obra denominada Edda poética. Décadas após, o escritor e chefe político islandês Snorri Sturluson (1179-1241) criou a Edda prosaica, transformando os poemas em prosa. No entanto, alguns poemas por ele não foram transcritos, fazendo com que fossem menos recordados que os outros. A banda Týr, que carrega em seu título o nome de um antigo deus da guerra nórdico, se encarregou de trazer um desses poemas à tona, o Þrymskviða, que narra a saga de Thor e seu irmão para destruir Thrym, o gigante que roubou seu martelo. Esse artigo possui como objetivo evidenciar a importância do resgate de obra tão importante para a história e cultura escandinavas por parte da banda faroesa, analisando duas das faixas de seu último álbum, The Lay of Thrym.

Os Tempos da Santidade: Processos de Canonização e Relatos Hagiográficos dos santos mendicantes (séculos XIII-XIV) Gustavo K. Rolim (UFRGS)

A proposta visa conjugar análises de processos de canonização e relatos hagiográficos sobre santos (ou candidatos a) investigados pelo papado em vista do reconhecimento oficial. Inquéritos e hagiografias produzidos em prol e/ou pelas Ordens Mendicantes surgidas no século XIII, como dominicanos e franciscanos. O recorte cronológico compreende o século entre a canonização do primeiro santo mendicante, a saber, Francisco de Assis em 1216 e o papado de João XXII, finalizado em 1334. Pretende-se discutir se o surgimento das Ordens Mendicantes provocou mudanças no entendimento da santidade e qual a relação dessas Ordens com o papado.

Dentro desta proposta de pesquisa, estão incluídos trabalhar com ferramentas conceituais da História Comparada, analisar características gerais de relatos hagiográficos e questões historiográficas relacionadas a esse tipo de documentação a partir da compilação Legenda áurea e desenvolver, junto ao orientador, a aplicabilidade do conceito de Tempo da Santidade.

O Mosteiro da Batalha como panteão régio da Dinastia de Avis: centralização e idealização do poder monárquico.

Hugo Rincon Azevedo (PUC-GO/ PIBIC-CNPq)

Os mecanismos de poder mais essenciais no jogo político fundamentavam-se, como se sabe, no direito e na justiça. “Não há melhor rei do que o que conserva o seu reino em paz”. A superioridade régia baseava-se também na prática de se fazer leis. Todas as leis postulavam a submissão dos súditos ao monarca. Não devemos esquecer contudo, que o rei antes de ser rei, é cristão e como qual deve se comportar. As várias funções do rei como justiceiro, protetor, legislador e juiz estavam imbuídas do imaginário cristão. O reino e/ou o povo estavam confiados ao governo do rei, o que significa que o poder do rei não derivava do povo, do reino ou de qualquer indivíduo, mas da graça divina, embora através da colaboração humana. O século XV português foi marcado por mudanças sociais constantes. A autoridade real, em constante processo de centralização política, passou a representar a principal fonte de poder e obtenção de privilégios. O recurso ao patrimônio simbólico, herdado dos antepassados continuava fundamental à medida que este representava a possibilidade da perpetuação das posições hierárquicas, ainda influenciadas pela perspectiva de uma sociedade tripartida e ideologicamente justificada. Os primeiros monarcas de Avis em especial D. João I (1357- 1433) e D. Duarte (1391- 1438) inauguraram um novo parâmetro político fortemente marcado pela cristalização da autoridade real como árbitro em última instância dos conflitos sociais. Outra característica que devemos ressaltar como recurso de demonstração de poder e autoridade referem-se às grandes construções. Entre elas podemos destacar o Mosteiro da Batalha, que teve seu início durante o governo de D. João I, sua existência enquanto panteão régio é fundamental na tentativa de perpetuação simbólica da Casa de Avis. O objeto central dessa pesquisa é analisar a construção do patrimônio simbólico da Casa de Avis a partir da ascensão ao poder de D. João I após a Crise Dinástica de 1385. Esta pesquisa objetiva o entendimento das relações entre as formas de organização material e representativa e as manifestações de poder na sociedade. Para tanto pretendemos relacionar a construção dos monumentos arquitetônicos, como o Mosteiro da Batalha, como a forma mais concreta e visível de manifestação de poder. “Entende-se que variados projetos de dominação não podem se realizar somente com base no uso da força e/ou de uma variedade de retribuições materiais feitas pelos grupos dominantes aos demais. Por essa razão, para que as relações de poder se sustentem e se perpetuem, é preciso que lancem mão de uma variedade de recursos simbólicos, imagísticos e comportamentais.” É esse todo social que a minha pesquisa propõe desvendar.

Palavras- chave: Mosteiro da Batalha; Panteão Régio; Dinastia de Avis.

A Gramática de Fernão de Oliveira: anotações críticas sobre a edição de uma obra do final da Idade Média portuguesa

Jane Keli ALMEIDA (UFBA-BA/IC)

Em 1128, com a batalha de São Mamede, marco final da disputa do condado de Portucale entre Afonso Henriques e sua mãe Teresa, nasce Portugal como nação independente. Nessa época, ainda não se registrava o português na escrita, sendo o latim, a língua dos documentos oficiais. No século XIII, especificamente no ano de 1295, D. Dinis, consolida a língua portuguesa como língua oficial. Mas é só no século XVI, com a *Gramática* de Fernão de Oliveira, em 1536, e, posteriormente, em 1540, com a *Gramática* de João de Barros, que ocorrem as primeiras tentativas de normatização do português. É nesse ambiente histórico, social e político que a *Gramática da linguagem portuguesa* foi elaborada, evidentemente, procurando fortalecer a identidade de Portugal, por meio do primeiro registro escrito da língua portuguesa. Fernão de

Oliveira descreveu o português com precisão, levando em conta as variantes linguísticas, sociais, geográficas e de faixa etária. Foi um homem observador, dotado de importantes habilidades no que concerne aos estudos fonológicos da língua portuguesa. Em contrapartida, João de Barros, apresentou uma Gramática, pedagógico-normativa, baseada no modelo greco-romano. Tendo em vista, a relevância histórica da *Gramática* de Fernão de Oliveira, procurou-se desenvolver um trabalho de Iniciação Científica, na Universidade Federal da Bahia, para observar as edições dessa importante obra dos finais da Idade Média, em especial, a penúltima, publicada em 2000, pelos portugueses Amadeu Torres e Carlos Assunção. Uma leitura pormenorizada dessa edição em cotejo com o fac-símile de 1536 indicou existirem discrepâncias entre elas, quer no que se refere à aplicação dos critérios por seus autores, quer no que concerne a lapsos de leitura, e (ou) transcrição por eles promovidos. Assim, na condição de estudante de graduação, deseja-se aprofundar nos estudos da Linguística Histórica e seus métodos de investigação, além de contribuir, em algum grau, com o trabalho de constituição histórica da língua portuguesa. Pretende-se neste trabalho apresentar um levantamento pormenorizado, criterioso e sistemático de alguns problemas editoriais até então identificados. A partir do resultado do cotejo minucioso empreendido entre a edição *princeps*, quincentista, e a penúltima edição filológica contemporânea publicada. Utilizaram-se como suporte metodológico as técnicas e modelos da Filologia textual e da Linguística Histórica. Como resultado preliminar pode-se apontar que existem, na edição observada, supressões de palavras, alterações textuais sem indicação de critérios, problemas no desdobramento de abreviaturas, duplicação ou inserção de vocábulos diferentes do original. Espera-se com este trabalho contribuir modestamente para o conhecimento em construção da língua portuguesa, nomeadamente dos momentos finais do medievo.

Representações profético-messiânicas na afirmação simbólica de D. João I, o “Messias de Lisboa”

Josena N. Lima Ribeiro (FAPEMA-MA/PIBIC-UEMA)

O reino de Portugal, no período da Baixa Idade Média passou por diversas crises. O reinado de D. Fernando (1345-1383) foi marcado por diversas turbulências internas de maus anos agrícolas, grande fome, carestia e peste. Pensando-se o contexto histórico, Portugal ainda foi atingido pela Guerra dos Cem Anos e adentrou em um conflito peninsular para defender os seus interesses de livre trânsito e comércio do Atlântico. Entretanto, tal monarca morre desprestigiado e sem herdeiros. Seu irmão bastardo, D. João, mestre da Ordem de Avis assume ao trono dando notabilidade ao conflito revolucionário em Portugal conhecido como Revolução de Avis. Nascida a Dinastia Avisina, era necessário que se encontrassem elementos de legitimação ao novo monarca, assim garantindo a perpetuação da linhagem régia. Dessa forma, é criado em volta do fundador da nova dinastia um discurso relacionado ao messianismo. Inferimos em especial o papel do cronista Fernão Lopes, que recebe do monarca D. Duarte (1433-1438) a tarefa de colocar em crônica a história dos reis de Portugal e dos acontecimentos que teriam levado à ascensão de D. João I. É a partir da *Crônica de D. João I, da Boa Memória* (1ª e 2ª parte) que são colocadas em práticas as afirmações messiânicas para com D. João I. Logo, como objetivo geral intencionamos a compreensão do período da Baixa Idade Média na Europa como um tempo de aflições e expansão de ideias de cunho milenarista e messiânico. Mais especificamente, pretendemos analisar a figura de D. João I como rei ideal e salvador carismático do reino português, sendo esta a imagem construída pelo cronista F. Lopes. Assim como, construir o percurso do rei a partir da análise da obra de F. Lopes e distinguir de que maneira o discurso messiânico e régio foi colocado em prática. Por fim, discutir os problemas profético-messiânicos na *Crônica de D. João I, da Boa Memória*. Diante

de tais aspectos, a metodologia utilizada neste projeto é baseada nas análises e conjecturas da crônica em questão. A fonte encontra-se na *Biblioteca Nacional de Lisboa* e está disponível para a consulta online em três volumes. A partir da utilização de tal método, foi analisado que evidentemente, a crônica representa antes de tudo, o imbricamento entre o político e o maravilhoso medieval, fator extremamente necessário para a legitimação da nova dinastia fundada. À guisa de conclusão, é importante destacar que a época em que o cronista F. Lopes realiza seus escritos, a Europa passa pelo Grande Cisma do Ocidente (1378–1417). A ideia da existência de dois papas, um em Roma (Itália) e outro em Avignon (França), ambos reclamando para si o poder do Papado, fez com que o homem medieval acreditasse que o fim dos tempos estava próximo. Dessa forma, criou-se a noção da espera de um governante redentor. Por consequência, D. João torna-se nas analogias do cronista, o “*Messias de Lisboa*”, novo monarca escolhido diretamente por Deus e que iria retirar Portugal da situação em que o reino encontrava-se. Seu adversário em conflitos bélicos e que desejava anexar o reino de Portugal ao seu, D. Juan de Castela é apresentado nas analogias de F. Lopes como o “*Anticristo*”. Assim, é importante destacar que na Bíblia o cronista F. Lopes encontra a maior fonte das analogias das quais faz uso em seus escritos, criando para D. João a noção de uma espécie de *Imperador dos Últimos Dias* e iniciador, segundo o cronista, da *Sétima Idade*, período de felicidade, abundância e justiça em Portugal. Utilizando a mesma como parâmetro e apresentando o monarca D. João I como grande redentor de Portugal, criou-se a noção de que um novo capítulo da Cristandade havia sido criado agora em Portugal, o *Evangelho Português*. O tempo do reinado do Mestre, apresentado por F. Lopes, prega uma sociedade mais justa na qual os humildes serão protegidos pelo rei, o qual garantirá a salvação aos portugueses. Por fim, vale ressaltar que o governo de D. João I foi marcado pelo aumento de impostos, guerras prolongadas contra Castela e várias reclamações dos pequenos contra os abusos dos grandes. A “*Revolução de Avis*” não representou a era tão prometida de felicidades e bonanças aos “*verdadeiros portugueses*”. Esteve presente somente no plano do imaginário.

Hierarquia do gênero no Santo Ofício da Inquisição - *Malleus Maleficarum* Juliana Taís Havrechak (UNB-Brasília)

De meados da Idade Média e adentrando a Idade Moderna buscou-se com intensidade a culpa pelos males sofridos pela humanidade e a conseqüente supressão deles. No intuito de assegurar a salvação eterna para a humanidade, diversas perseguições foram implementadas e levadas às últimas conseqüências pela Igreja Católica. As mulheres foram tidas como fonte de pecado desde o início da existência da humanidade. A justificativa da fraqueza moral e falta de inteligência, mas, ao mesmo tempo, grande astúcia ao lidar com os homens, as mulheres foram acusadas de se aterem aos demônios e, conseqüentemente, à feitiçaria. Com a necessidade de controlar as ações das mulheres, durante o Santo Ofício da Inquisição, foi criado um manual de caça às bruxas: o *Malleus Maleficarum*. Sua proposta era apresentar a origem distorcida da mulher e suas deficiências. Entre os séculos XII e XIX o Santo Ofício da Inquisição tinha a função de identificar e punir hereges e não cristãos – povos vistos como pagãos, bruxas, feitiçarias, grupos designados como “agentes de satã” (DELUMEAU, 1989), que iam contra os ensinamentos da Igreja Católica. Este trabalho tem por objetivo evidenciar a natureza das mulheres e suas personalidades nestes processos de identificação com a feitiçaria, segundo a visão do manual *Malleus Maleficarum*, manual de caça às bruxas datado do século XV. Nele são explanadas a origem da mulher e suas subversões junto aos demônios. Também traçar as características que justificariam as alianças entre os demônios e as mulheres, e, conseqüentemente, a proteção que os homens recebiam de Deus nas influências demoníacas. Há muito o quadro histórico do estudo de gênero vem se desenvolvendo,

utilizado-o como categoria de análise. A construção de uma sociedade engloba também o gênero, dado que este está presente em todos seus aspectos. Jean Delumeau identifica o medo como meio de manipulação e subjugação da mentalidade durante os períodos medieval e moderno, trazendo elementos tais como as visões apocalípticas e os agentes que estariam provocando a ira de Deus, como no pequeno trecho citado acima. E a mulher foi identificada como um destes agentes que ligados à Satã provocaria a perdição da humanidade. Para sua admoestação e, mais ainda, contenção um documento foi produzido durante o Santo Ofício da Inquisição. Um manual específico para a heresia de feitiçaria, tida como que quase exclusivamente como uma arte das mulheres: o *Malleus Maleficarum*. O *Malleus Maleficarum*, conhecido por nós como *O Martelo das Feiticeiras*, foi um manual destinado à instrução dos inquisidores com exclusividade de caça às bruxas. Escrito por dois monges dominicanos, Heinrich Kramer e James Sprenger, em 1486, localizava seus primeiros trabalhos na Alemanha setentrional, porém foi amplamente divulgado por toda a Europa e teve inúmeras reedições. A Bula do Papa Inocêncio VIII, “*Summis desiderantes affectibus*”, datada de dezembro de 1484, autorizava a confecção deste manual, sua propagação e a conformidade com a Igreja em sua utilização. Mesmo sempre respaldado com os instrumentos da Igreja, tanto as Sagradas Escrituras como os ensinamentos de santos doutores, os processos da Inquisição destinados às feitiçarias se direcionam as mulheres para manter, inclusive, o pulso forte da sociedade patriarcal. Neste ponto o Santo Ofício da Inquisição não se faz somente no braço religioso, mas também no secular. Findado o processo, as punições mais graves, no caso das feiticeiras o destino eram as fogueiras expiatórias. Esta sociedade patriarcal e misógina da época procurava impedir a presença da mulher e seu poder de decisão nos meios sociais e políticos. “Por temer a intrusão das mulheres e o desmoronamento de todo um sistema, a Igreja Católica, desejava de um poder hegemônico, perseguiu e excluiu todas as tendências que promoviam as mulheres.” (OLIVEIRA, 2006). Homens também eram investigados de feitiçaria, mas numa proporção infinitamente menor que as mulheres, como observa o *Malleus*:

Muitas outras razões deveríamos apresentar, mas para o entendimento está claro que não é de se estranhar que existam mais mulheres que homens infectadas pela heresia da bruxaria. E em consequência disso, é melhor chamar de heresia das bruxas do que dos bruxos, já que o nome deriva do grupo mais poderoso. E bendito seja o Altíssimo, que até hoje protegeu o sexo masculino de tão grave delito; pois Ele se mostrou disposto a nascer e sofrer por nós e, portanto concedeu esse privilégio aos homens. (KRAMER-SPRENGER, 1991).

Por este trecho se visualiza a exclusão das mulheres da ação salvífica de Deus no madeiro da cruz. Seu sacrifício que hoje é pregado para toda a humanidade, no período estudado seria destinado somente aos homens. É verdade que se explana sobre a ação de Maria e sua doação e obediência como exemplo para a salvação das mulheres, porém a conclusão que se chega é que a mentalidade misógina toma para si o mais alto sacrifício de Deus. Pela bondade e misericórdia de Deus os homens alcançariam a salvação, mas para as mulheres seria necessário um ato de misericórdia muito mais intenso de Deus.

Contra as Heresias de Irineu de Lyon: a formação da ortodoxia cristã através da refutação da doutrina gnóstica

Lays Silva Stanziani (UNIFESP-SP/PIBIC-CNPq)

O objetivo da pesquisa é analisar a contraposição entre doutrina gnóstica e doutrina considerada como ortodoxa na obra de Irineu de Lyon; compreender o uso e a construção das Escrituras como meio de distinguir doutrinas consideradas heréticas e ortodoxia; analisar a relação entre a ortodoxia cristã enfatizada por Irineu e a sucessão apostólica para o fortalecimento do episcopado além de compreender no que consiste o episcopado monárquico e de que forma a obra de Irineu permite pensar sobre sua constituição em Lyon. A pesquisa encontra-se no seu 8º mês. Até o momento, foi produzido um relatório parcial a PIBIC. A pesquisa se iniciou com a leitura da obra principal do bispo de Lyon, Irineu, a *Contra as Heresias*. Porém, o decorrer da pesquisa nos demonstrou ser necessário a procura de novas fontes, entre elas, obras de autores anteriores ao próprio Irineu e de autores que poderiam ter se influenciado pelo trabalho do bispo. A pesquisa se encontra em fase de produção do relatório final que servirá como base e dará continuidade ao trabalho para a produção de um trabalho de conclusão de curso que perscrutará as temáticas apresentadas. Os métodos e outros aspectos apresentados por Irineu serão parte do estudo para determinar como tais pontos afirmam a existência de uma ortodoxia cristã. Entre os pontos estudados até o momento as pesquisas, nos focamos até o momento nos métodos utilizados pelo autor. Dentre os métodos, foi possível encontrar: A legitimação dos quatro evangelhos do Novo Testamento e a tradição vinda dos apóstolos e repassada através de Policarpo e o testemunho desses mesmos apóstolos. Resumidamente, ao analisar a obra de Irineu é possível fazer uma relação que entre os apóstolos e todos àqueles que os seguiram. Ele afirma ser parte de uma sucessão de personagens que integram o grupo dos que auxiliariam na ascensão do cristianismo, começando pelos doze eleitos por Cristo. Ele se via como figura importante por ter sido aprendiz de Policarpo, que por sua vez aprendeu o que sabia com os apóstolos. Percebo como uma “monarquia”, o conhecimento funcionaria como o sangue. Os aptos são os que aprenderam com as pessoas certas, portanto, há uma tradição que se inicia com os ensinamentos de Cristo e continua ao longo do período com aqueles que aceitaram a verdadeira palavra, vinda dos apóstolos.

Análise das Penalidades impostas aos Judeus nas Decretais de Gregório IX Leandro da Motta Oliveira (PEM/UnB)

Sob a influência desta intensa atividade legiferante iniciada no Séc. XII assistiu-se no ano de 1234 ao surgimento das Decretais de Gregório IX, um dos principais documentos da Idade Medieval. A constituição das Decretais serviu para reforçar e centralizar o poder papal, pois após a afirmação de um direito pontifício unificado para toda cristandade, observou-se o enfraquecimento dos direitos nacionais como consequência.

Ao serem agrupadas em formato de coleção, as Decretais passavam a ganhar autoridade, com força de lei para toda a cristandade. As decretais gregorianas que têm os judeus como objeto de deliberação estão no Quinto Livro, as quais serão examinadas.

Historia de Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma (1496): notícia de um projeto de pesquisa em andamento

Marcus Vinicius Silva Juriti (IC/CNPQ) e Maisa Costa da Encarnação (IC/FAPESB)

No ano 70 d.C, a cidade de Jerusalém foi sitiada e destruída pelo exército romano, comandado por Tito, filho mais velho do imperador Vespasiano. Esse acontecimento é registrado, embora com algumas anacronias e imprecisões narrativas, no incunábulo *Historia de Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma*, publicado por Valentim Fernandes, importante impressor em Portugal, que fora patrocinado pela rainha Dona Leonor, esposa do rei Dom João II. Por se

tratar de um momento que precede a normatização da língua portuguesa, que só vem acontecer em 1536/1540 com a publicação dos primeiros estudos metalinguísticos, isto é, as gramáticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros, respectivamente, o documento reveste-se de grande importância histórica, sobretudo linguística. Nesse sentido, desenvolveu-se um projeto de pesquisa de iniciação científica, que teve por objetivo a elaboração de um vocabulário exaustivo da referida obra, com o intuito secundário, mas não menos importante, de contribuir com a construção do Dicionário Etimológico do Português Arcaico (Projeto DEPARC), projeto em andamento na Universidade Federal da Bahia. Conjugaram-se, para consecução desses objetivos, conhecimentos atinentes à Filologia Textual, à Linguística Histórica, assim como o arcabouço teórico e metodológico da Lexicografia contemporânea aplicada à construção de vocabulários. Como resultados preliminares, pretende-se apresentar a leitura semidiplomática do incunábulo, realizada com as garantias do método filológico e que serviu de base para a geração das listas de palavras, necessária para o processo de lematização das unidades lexicais que integrarão o referido vocabulário. Pretende-se, ainda, apresentar, neste Encontro, uma reflexão teórica sobre o processo de realização da pesquisa, apontando os primeiros dados lexicais já organizados, nomeadamente os relativos aos nomes próprios e à toponímia patentes no documento.

O mito das amazonas na obra de Jean de Mandeville Marília Santos Colins (UFMA/ NEMIS)

O mito das amazonas fez parte do imaginário do maravilhoso na Idade Média. Este foi relatado por Jean de Mandeville, em seu livro “Viagens de Jean de Mandeville”, que se trata de um relato das várias viagens protagonizadas por Mandeville em diversos lugares. O objetivo da pesquisa é analisar o mito das amazonas na obra Jean de Mandeville, contrapondo este relato com as narrativas clássicas. Utilizaremos a teoria de imaginário medieval de Jacques Le Goff para construção da análise.

A História das monarquias medievais: práticas discursivas e imagéticas. A heráldica do poder: significados do escudo de Afonso Henriques Matheus Silveira Furtado (UNB-Brasília/PEM)

O objetivo da pesquisa é compreender como, por meio de análise de uma das imagens nacionais de Portugal, do estudo da heráldica e da análise de crônicas, se consolidam as estruturas do poder monárquico. Abordando não somente aspectos políticos da formação do reino e do seu Primeiro Rex, Afonso Henriques, pai da pátria (até hoje revisitado e valorizado pelo imaginário coletivo português), como também aspectos culturais, desde a representação do mito fundador da pátria, Ourique, (narrada pelo escudo do monarca) até o significado de relação específica do monarca com o papado. A pesquisa, que se mostra bem encaminhada, tem sido realizada por meio de análises tanto das crônicas referentes ao acontecimento, mais especificamente a que descreve o escudo do monarca, quanto da fonte imagética, descrita pela historiografia tradicional como uma forma de narrativa da mitológica batalha de Ourique. O escudo das armas do monarca converteu-se simbolicamente em narrativa do campo de Ourique, marco da história. Mesmo que, para alguns, o campo de batalha de Ourique não tenha sido essencial para a independência portuguesa, foi nele, que se deu a formação do primeiro Rex de Portugal. Encontramo-nos ao mesmo tempo no processo de escrita e de descrição direta de fontes bibliográficas referentes ao tema, utilizadas tanto para uma breve

contextualização histórica quanto para uma comparação/contraposição dos temas para desenvolvimento de uma interpretação dos significados do escudo de D. Afonso. Valorizando o aspecto mitológico como essencial para compreensão do contexto de reconhecimento e aclamação do primeiro monarca de Portugal. Até agora foi possível desenvolver não apenas a relação entre as duas principais correntes de interpretação do tema, como também uma efetiva análise dos objetos de estudo. Tanto a análise iconográfica dos símbolos de identificação e perpetuação do poderio monárquico, quanto o trabalho com as crônicas que descrevem a temática, nos mostram a formação e a perpetuação características ao caso de tal casa real. Tais desenvolvimentos foram possíveis partindo de perspectivas além da política na história das monarquias e suas maneiras de consolidação no governo.

Em guarda! Análise comparativa da simbologia da espada na Saga dos Volsungos e no Mito Arturiano.

Monicy Araujo Silva (UFMA/NEMIS)

Por séculos a espada desempenhou um papel que ia muito além que uma simples arma de guerra. Possuidora de toda uma simbologia de poder representava a virilidade dos governantes e reis e no caso dos últimos, era a representação do poder. Para melhor representá-lo ela teve vários tamanhos, formas e modelos. Tomando a Saga dos Volsungos e o mito Arturiano, sob a ótica de Thomas Malory, este artigo se propõe a analisar comparativamente a simbologia da espada existente nestas duas histórias demarcando semelhanças e diferenças e demonstrando que a espada pode ser muito mais que um mero instrumento de guerra. Para esta análise tem-se como principais fontes de embasamento o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant além de outros autores no que diz respeito ao imaginário.

92

A compreensão de Ramon Llull sobre o Além: A libertação do Inferno e a Glória do Paraíso na obra Doutrina para Crianças (1274-1276)

Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus (UEMA/Mnemosyne)

A Idade Média foi marcada por um forte pensamento religioso onde muitas vezes o sagrado se confundia com as coisas terrenas. O homem medieval tinha como referência principal o sagrado, ou seja, uma visão hierofânica de mundo. A manifestação de Deus estava sempre aberta uma vez que era possível passar de um mundo terreno para o Além. As indagações humanas sempre foram muito fortes sobre os assuntos do pós-morte desde a Antiguidade, mas no período medieval vamos ver a frequência de relatos e histórias marcadas pela fé, crenças, visões. Foram dúvidas e certezas que marcaram aquela sociedade que estava em constante ligação com as coisas do sagrado, do Além, que estava fundamentado no cristianismo, dando um maior destaque para a salvação dos fiéis, ou seja, como alcançar a vida eterna. Os cristãos tinham sua fé voltada incansavelmente para salvação da alma, e queriam se livrar do medo das coisas que poderiam contemplar depois da morte, por isso eles viviam em um constante combate lutando contra os prazeres carnis. O filósofo Catalão Ramon Llull contribuiu nos assuntos sobre a salvação da alma; procurou expandir o pensamento cristão através de suas obras, que muito abordam esse tema. Na Doutrina para crianças (1277-1334), escrita para seu filho Domingos, faz uma abordagem ampla sobre a vida, de como guardá-la e protegê-la das tentações. O autor descreve seus principais pensamentos sobre o Inferno e o Paraíso e como se livrar do Inferno e suas danações, manter uma vida pura e distante das tentações carnis e amar e honrar a Deus acima de qualquer coisa. Como objetivo geral da

pesquisa, buscamos compreender os elementos da salvação cristã e como alcançá-la segundo a obra Doutrina para Crianças, assim como apontar a conversão de Ramon Llull através de uma visão de Cristo crucificado, contada na sua autobiografia a Vida Coetânea. E mais especificamente trataremos aspectos do Além, e mostraremos a visão de Ramon Llull sobre Paraíso e Inferno, já que suas obras são como uma espécie de manual para a salvação. A metodologia utilizada na investigação partiu de leituras realizadas de verbetes sobre o Além, Deus e o Diabo no Dicionário Temático do Ocidente Medieval, coordenado por Jacques Le Goff. Como fontes primárias de estudo fizemos análises nas obras, Vida Coetânea e Doutrina para crianças, estando as mesmas disponíveis para consulta no site do professor Ricardo da Costa, assim como pesquisamos artigos sobre Ramon Llull que nos ajudam a compreender melhor seus pensamentos. Como resultados iniciais, podemos dizer que a salvação na Idade Média foi um tema marcante e caracterizado pelos mistérios do Além, pois a sociedade vivia em constante guerra para vencer as tentações terrenas, e se livrar das danações do Inferno. Acreditava-se então numa luta constante entre Deus e o Diabo, havia o temor do Inferno e ao mesmo tempo um desejo de alcançar a glória do Paraíso. Ramon Llull viveu na Idade Média como muitos outros homens que se encontravam distantes dos padrões cristãos, que estavam em envolvidos nas chamadas “práticas mundanas”, mas depois de uma experiência divina ele se entregou totalmente à vida cristã e pode ser considerado um importante pensador nos assuntos relacionados à salvação da alma. A obra Doutrina para Crianças, escrita para o seu filho Domingos, tem como objetivo e foco principal mostrar a importância de amar e servir a Deus para alcançar a salvação, bem como renunciar os desejos mundanos para atingir um bom lugar na outra vida.

Narrativas míticas e suas adaptações: análise dos aspectos cristãos nos contos medievais da serpente e da cabra

Polyana de Fátima Magalhães Muniz (UEMA/BRATHAIR)

93

A Idade Média foi um berço de criação cultural. Sua formação sincrética tanto no campo cultural como no religioso proporcionou a convivência de elementos diversos nas demais regiões europeias, ainda que colocadas sobre uma mesma ótica temporal e cristã. Não se pode pensar em um espaço completamente voltado à religião, embora esta fora extremamente importante para a sociedade medieval – sua formação social foi instituída, portanto em diferentes momentos de embates, empréstimos, adaptações e destruição entre os diversos povos que coexistiram em algum momento da Idade Média e que legaram exemplos de sua existência. Melusina e a Dama do Pé de Cabra são representantes míticas e literárias de um momento específico da sociedade medieval. Nos séculos XI e XII, as fadas passam a fazer parte da literatura de entretenimento das cortes através dos mitos e lendas que circulavam através da oralidade. Nos séculos XIII e XIV os chamados ‘contos melusinianos’ são adequados para temas linhagísticos, colocando ambigualmente ao contexto cristão dama diabólica como fundadora de uma família nobre que procura afirmar sua identidade frente à sociedade medieval. Embora pertençam a contextos espaciais diferentes, sugerem contatos com a mitologia e o mundo céltico. O Romance de Melusina, escrito pelo livreiro Jean d’Arras e que conta a origem dos Lusignan (França) e A Dama do Pé de Cabra, contida no Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro de Barcelos que conta a história da antepassada da família Haro da Biscaia são versões de um conto conhecido na Europa e em outros continentes. Adaptadas a esse modelo singular de afirmação social, demonstram o poder do sincretismo medieval, das relações do erudito com o popular, do leigo com o religioso etc. Este trabalho pretende analisar as problemáticas que envolvem a origem, a escrita e a utilização dos contos melusinianos através do recorte histórico escolhido. Primeiramente referente às fontes medievais aqui citadas escritas entre os séculos XI e XIV. Para discutir essas narrativas é

indispensável pensar também no momento anterior a produção literária da Baixa Idade Média, nos povos das quais essas histórias foram legadas, os celtas. Apreender as nuances que as duas narrativas possuem diante de seu contexto histórico, a mitologia cristã e céltica de que bebem suas fontes e as diferenças e aproximações entre si, por se tratarem de versões. Para tal buscou-se compreender além das heranças deixadas pelo folclore e a cultura oral e popular, as motivações políticas que sem dúvida fazem do gênero estudado peculiar junto às narrativas que compõe somente 'entretenimento'. O contexto dos países envolvidos, e da própria sociedade medieval compõe um quadro de embates entre as castas sociais que se intensificou com a Reforma Gregoriana, que influenciou a busca por uma identidade de classe por parte da nobreza. A discussão sobre o fenômeno dos Livros de Linhagens e do próprio genealógico é necessária para analisar como as fontes são trabalhadas. A comparação das duas versões utilizadas levanta a questão do uso do maravilhoso cristão e pagão no cotidiano medieval, e de como estes podiam reger inclusive questões políticas e de ordenamento social, pois estas estavam inseridas em recortes específicos de guerras, crises nos reinos, etc. A própria utilização de elementos célticos para caracterizar as personagens, e ao sabor do escritor/leitor demonizar ou enaltecer tais características são pontos de discussão. Percebeu-se padrões entre as duas fontes, diferenças entre as narrativas, a importância da cultura popular e das heranças antigas para a construção política-social da Idade Média do século XIV.

Diálogos de São Gregório: a variação de emprego dos modos indicativo e subjuntivo na Idade Média portuguesa

Rodrigo Pereira Mota SOARES (Ufba-BA/IC) e Ticiania Kilpp LEIRIA (IC/Ufba)

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, desenvolvida no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sobre o emprego variável dos modos Indicativo e Subjuntivo, em uma das mais populares obras da Idade Média portuguesa, *i. e.*, os *Diálogos de São Gregório*. Atribuída ao Papa Gregório Magno, Doutor Ótimo da Igreja, sua versão original mereceu diversas traduções nas línguas nacionais que se formavam no espaço românico, tendo o português conservado, até os dias atuais – pelo que se tem notícia –, quatro desses testemunhos, todos relativos ao período compreendido entre os finais do século XIV e inícios do XV, o último dos quais, conhecido como versão **D**, recentemente descoberto na Torre do Tombo, em Portugal. Além de espelhar sua narrativas valores sociais da vida italiana do século VI, constituem-se essas versões conhecidas uma fonte de grande importância para o conhecimento do processo histórico de constituição da língua portuguesa e, em especial, para a compreensão da mudança linguística que se operou na fronteira temporal entre a primeira e a segunda fases do português arcaico. Partindo-se da premissa de que o passado pode iluminar a compreensão do presente, objetivou-se investigar **se** e **como** a língua portuguesa naquele período se comportava em relação aos usos variáveis do Modo Indicativo e do Subjuntivo, já que é esta, reconhecidamente, uma tendência do português brasileiro, sobretudo se consideradas suas normas vernáculas contemporâneas em uso. Tomando-se por base o trabalho de Mattos e Silva (1989), em que a autora denuncia contextos sintáticos favoráveis ao emprego variável desses modos verbais nas três versões até então conhecidas, recorreu-se à mais recente edição de Machado Filho (2008), que teve por foco a referida versão **D** dessa tradição textual, no intuito de observar se os mesmos contextos analisados por aquela autora se confirmariam nesse novo testemunho. Utilizou-se como ferramenta para a tratamento metodológico do texto o programa informático *WordSmith 4.0*, muito utilizado pela lexicografia moderna. Os resultados levantados confirmaram que nos finais do século XIV já se podia observar a variação no emprego dos modos verbais em foco, sobretudo em contextos em que esses usos seriam menos favorecidos, ou seja, em orações subordinadas sintaticamente. Para além dos exemplos apresentados por Mattos e Silva, foi

possível que se levantassem outros dados estruturais que permitiram a inferência de que o uso do Indicativo pelo Subjuntivo se constitui em variação estável, há pelo menos 600 séculos de história linguística do português.

Palavras-chave: Idade Média. Variação. Versões.

Nação, diversidade e identidade na Europa: reflexões sobre a medievalística ibérica no século XXI

Rodrigo Prates de Andrade (UFSC)

Na conjuntura contemporânea, após os atentados de 11 de setembro, as respectivas invasões do Afeganistão e do Iraque, a questão do Estado Palestino, além das discussões sobre uma “islamização” da Europa, as relações entre cristãos, judeus e muçulmanos se transformam em temáticas atuais aos estudos medievais. Conforme Silveira, “seja pela diversidade, ou pela convivência das três culturas monoteístas, ou pela construção de novas fronteiras geográficas e culturais, a Idade Média oferece testemunhos e indícios importantes para questões da atualidade.”

A autora ainda relata que nos últimos anos a historiografia europeia tem se dedicado ao estudo das identidades e da diversidade cultural no medievo. Muitos destes historiadores tiveram seu objeto de pesquisa na Península Ibérica, pois nesta região cristãos, judeus e muçulmanos conviveram por praticamente todo o período medieval. Deste modo, procuramos neste trabalho identificar e analisar criticamente a recente produção historiográfica na Espanha e em Portugal sobre as relações entre as três culturas monoteístas na Península Ibérica medieval.

95

A profecia: O elo entre o futuro e o presente, através de Merlin e das Völur.

Sara Carvalho Divino (UFMA/NEMIS)

Na Idade Média, o poder da oralidade foi fundamental para a legitimação de poder. A profecia, por meio dos bruxos, feiticeiros e sacerdotes, tornam-se uma fonte de grande auxílio. Este artigo então apresentara a profecia sob a ótica de Merlin, importante figura da mitologia céltica e a völva, personagem principal da Edda Poética. A análise a ser apresentada buscará os aspectos sociais que cada figura sugere, a partir de seu momento histórico, que terão com embasamento a construção do imaginário social do período dos relatos.

A História das monarquias medievais: práticas discursivas e imagéticas. O projeto dinástico dos Capeto: a imagem do rei humilde no livro de horas de Jeanne d’Evreux

Silvia Araújo de Alencar (UnB-Brasília/ PEM)

Aliando fontes iconográficas com hagiografias, pretendemos entender o uso das imagens na difusão e afirmação de um discurso. O discurso em questão é a santidade de Luís IX, que fez parte de uma propaganda ideológica da dinastia capetíngia que após a morte do monarca se empenhou na difusão de seu culto, entendendo que a santidade de um membro legitimaria toda a dinastia. Iniciamos nossa pesquisa realizando a análise das imagens referentes à vida de São Luís que se encontram no livro de horas de Jeanne d’Evreux. Tais imagens retratam o santo em vestes simples e mostram seus atos de caridade e humildade, além de cenas de devoção por parte de seus descendentes. No atual estágio de nossa pesquisa, além das fontes imagéticas do livro, estamos analisando uma *vita* de São Luís, que se torna relevante por ter sido escrita por Joinville, um nobre que o acompanhou durante sua primeira cruzada. Outra

vita com a qual trabalhamos no momento é a de Francisco de Assis, fazendo um paralelo entre os gestos dos dois santos já que as imagens o retratam como um franciscano. Como respaldo teórico, temos uma bibliografia que trata a respeito do papel político e religioso de um monarca. Até esse momento em nossa análise, podemos notar expressão da “ideologia” capetíngia, uma linhagem que se entende como superior e é consciente dos seus deveres para a manutenção dessa imagem. As imagens têm então um caráter didático, servindo como um guia de comportamentos e virtudes esperadas de um capeto, ligando o passado ao futuro da linhagem. Para além do caráter didático, ao reforçar a tendência franciscana do monarca vemos o reflexo do ideal de Rei como personificador de Cristo e seu vigário na terra, assim como Francisco, Luís IX também tentara seguir os passos de Cristo.

Recriação de armas e armaduras: a pesquisa do grupo SCAM

Stephanie Sander e Anderson Tsukiyama (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais Meridianum – UFSC\CNPq)

O presente resumo do banner a ser apresentado no X EIAM é parte da pesquisa que o Grupo de Recriação Histórica e Cultural SCAM (Sistema de Combate com Armas Medievais) vem realizando nos seus 10 anos de existência. É um grupo que, por meio de pesquisa histórica e Arqueologia Experimental, recria armas e armaduras medievais – focando mais especificamente no período entre os séculos XII e XV na Europa Ocidental, embora tenha estudos em outras épocas e regiões. Além da pesquisa, tais equipamentos são testados de maneira prática, em treinos que o grupo realiza periodicamente, com o objetivo de estudar as técnicas e a arte da guerra desse período. O grupo é vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais Meridianum, ao departamento de História e à Secretaria de Cultura (SeCult) da UFSC. Em seus anos de experiência o grupo já recriou diversas peças e armaduras, bem como evoluiu muito seu estudo sobre a funcionalidade das mesmas e do seu uso em combate. Os treinamentos (que são abertos ao público geral) são feitos priorizando a segurança dos praticantes. Inicia-se com equipamentos acolchoados, sem armadura, para que sejam passadas as técnicas básicas. Conforme o treinamento avança o equipamento aproxima-se do histórico. O SCAM costuma participar de exposições em eventos culturais e acadêmicos, divulgando sua pesquisa, inclusive em 2012 na XI Semana de Ensino Pesquisa e Extensão (SEPEX) da UFSC o grupo ganhou o prêmio de Melhor Estande na Área de Cultura.

Construir armaduras é um processo importante para o grupo SCAM, uma vez que para a prática segura de esgrima medieval as armaduras são um fator de segurança importante. Assim, elas precisam seguir uma linha histórica, similar ao que os guerreiros da época utilizavam e também têm que permitir que os usuários utilizem as técnicas que estudaram e, ao mesmo tempo, devem manter um nível de segurança adequado para uma prática marcial.

O banner apresenta o estudo realizado de uma das peças recriadas pelo grupo, no caso uma manopla (equipamento de proteção metálica para as mãos, equivalente a uma luva) em estilo gótico. Em linhas gerais será descrito como foi o processo de construção desta peça, as dificuldades e como se chegou ao resultado. Além disso, levaremos a manopla citada para que o público do evento tenha uma real noção do trabalho desenvolvido.

Quando o objeto de recriação é escolhido (no caso uma manopla gótica), é feita uma pesquisa para encontrar informações sobre a peça (século e região, por exemplo), a partir daí buscam-se fontes imagéticas para podermos construir uma réplica com fundamentação histórica. As fontes deste caso foram fotos de peças localizadas na Wallace Collection, Metropolitan Museum of Art e no Kunsthistorisches Museum. Cada exemplar, mesmo estando incompleto (no museu de Berlim, faltam os dedos da manopla), serviu de referência para obtermos um modelo funcional. Utilizou-se aço carbono de composição similar aos originais (sem composição de cromo e outros metais anacrônicos ao período) assim como espessura do

material, procurando assim obter uma peça com peso similar. Nesta etapa do processo (inclusive no processo de construção de outras peças) além da utilização de preceitos da Arqueologia Experimental, foi feita uma leitura anterior acerca da fabricação de armaduras, principalmente nos estudos de Brian R. Price.

A primeira etapa da fabricação consistiu em criar moldes para obter um tamanho adequado aos membros do grupo. Na segunda etapa, foram construídos protótipos, com o objetivo de dar funcionalidade à peça. Na terceira etapa, foi construído um modelo definitivo, já usando os materiais especiais (como bronze para o protetor de metacarpo). Ainda assim foi necessária a troca de vários componentes para obtermos um modelo totalmente operacional.

A réplica já foi posta a prova, sendo utilizada regularmente em treinos de esgrima medieval do grupo, provando a sua funcionalidade e segurança - justificando o seu uso por boa parte de cavaleiros da Europa Ocidental no século XV. Viajando regularmente com o grupo, esta peça sempre surpreende o público, pois sua extrema flexibilidade de movimento quebra alguns paradigmas sobre a Idade Média ser uma “época de atraso tecnológico”, ideia ainda presente na comunidade não acadêmica. A manopla gótica foi escolhida, por representar uma peça de alta tecnologia, mesmo para os dias atuais: ela possui excelente movimentação com suas placas sobrepostas e articulações deslizantes. O sistema de reforços de frisões ainda é utilizado em automóveis, para aumentar a resistência de sua estrutura. Seu design é muito anatômico, requerendo o estudo detalhado da anatomia humana. Como parte de um estilo de armaduras, o gótico, esse tipo de manopla tem grande valor entre os colecionadores e aficionados pela história medieval, justamente pelas características citadas acima.

O Parlamento na Irlanda e as relações anglo-irlandesas (séculos XIII-XV)

Vinicius Marino Carvalho (USP-SP)

O trabalho propõe-se a tecer uma reflexão sobre os registros de parlamento na Irlanda entre os séculos XIII e XV, tomando como ponto de partida o material concernente à relação entre ingleses e irlandeses, tradicionalmente tipificada sob o prisma do conflito e de processos de aculturação. Almeja-se proceder de acordo com as seguintes etapas: Determinar sob que termos – de identidade/alteridade, se esta chave for pertinente – os irlandeses são mencionados nos registros do parlamento irlandês. Investigar se as diferentes vozes distinguíveis no *corpus* (a Coroa, o *justiciar* e o conselho do rei, os magnatas, os comuns da Irlanda, personagens específicos nomeados) apresentam qualificações diferentes do povo irlandês e se há nuances nas qualificações ao longo dos quase três séculos escolhidos para o recorte documental; Ponderar se as fontes selecionadas prestam-se à tarefa de delineamento de duas “nações” distintas, e no que consiste esta nomenclatura e Investigar de qual forma a abordagem das relações anglo-irlandesas nos registros parlamentares podem nos ajudar a entender o próprio parlamento enquanto um fenômeno integrado à sociedade anglo-irlandesa do período. A pesquisa encontra-se em uma etapa inicial. Os termos de reflexão aqui propostos são oriundos de uma visão tradicional da historiografia sobre a Irlanda Medieval rastreável ao menos desde a obra de Edmund Curtis, nos anos 1920, a saber: que estatutos e ordenanças destinados a coibir a adoção de costumes irlandeses por ingleses comprovaria uma percebida aculturação, ou *gaelicização*, foi consagrada historiograficamente. Muito embora os termos do debate tenham se renovado, a hipótese ainda permeia análises sobre os registros do parlamento da Irlanda. No atual estágio, busca-se tipificar o que se entende por “parlamento” na Irlanda do período. O levantamento e revisão historiográfica encontram-se em andamento, mas buscou-se incluir reflexões sobre o fenômeno palamentar na Inglaterra e na França, de maneira a evitar um localismo potencialmente comprometedor. Concomitante a isso, foi feito um levantamento de todas as menções a irlandeses nos registros do parlamento até o ano de 1422. Pretende-se expandir o campo de busca até o ano de 1495, porém os documentos relativos a esse intervalo encontram-se em uma outra compilação, a qual ainda não foi adquirida. O primeiro levantamento, limitado aos registros entre o início do

século XIII e 1422, revelou passagens que parecem traduzir algum sentido de alteridade. Encontra-se uma descrição de ingleses “como se degenerados” (*quasi degeneres*) por terem adotado costumes irlandeses, uma menção a uma “nação irlandesa” (*natione hibernicana*) e a uma “nação dos irlandeses” (*nacion des Irroies*). Paralelamente a isso, ao menos uma passagem compara inimigos irlandeses (*enemies irrois*) a rebeldes ingleses (*rebeux englois*), o que pode quicá sugerir que a distinção fundamental não se deve a paradigmas identitários, mas à obediência a determinadas normas. Contudo, um levantamento completo e uma análise mais aprofundada são essenciais para que se possa tirar algo de substanciosos dessas evidências preliminares.

Um estudo sobre a obra *Convívio* de Dante Alighieri: aproximações entre literatura e história da educação

Viviane de Oliveira (UEM-PR/DHI)

Essa pesquisa analisa a obra o *Convívio*, escrito por Dante Alighieri, com o objetivo de analisar os embates em torno das disputas políticas e do conhecimento, durante os séculos XIII e XIV, momento o qual a nobreza e a educação passaram por uma série de transformações, oriundas, na sua maioria, do crescimento do meio urbano. Essas mudanças provenientes do ambiente urbano fortaleceram o ideal de liberdade e da educação religiosa e, indubitavelmente, influenciaram o surgimento das primeiras universidades. Cumpre observar que esse estudo segue os princípios da História Social, apresentada por Marc Bloch, no Ofício do Historiador. O *Convívio* é reflexo do desenvolvimento intelectual do próprio Dante. Esta obra, se comparada à *Vida Nova*, é uma obra que aborda questões menos joviais, como o amor de Dante por Beatriz e reflete ainda a nova inspiração de Dante, a filosofia. Ela foi escrita durante o exílio de Dante, entre aproximadamente 1304 e 1307. Porém, essa obra desenvolve canções compostas que já tinham sido compostas em Florença. Acredita-se que Dante previa 14 canções, mas sua obra não foi completada e restam apenas quatro partes desta. O primeiro tratado explicita quais seriam os objetivos de Dante para esse livro. Ele é iniciado com uma citação de Aristóteles, na qual afirma que todos os homens são naturalmente desejosos por saber, um instinto humano que busca a perfeição do homem e só é atingida pelo conhecimento. Dante, todavia, defende a ideia que esse conhecimento, que conduz a perfeição é restrito a um seleto grupo de homens designados, divinamente, para possuir esses conhecimentos. Assim, ele vai apontar as causas de tal restrição. A primeira causa seria a imperfeição do homem, tanto de corpo quanto de alma. Outra condição, segundo o poeta, para adquirir o conhecimento está relacionada ao meio no qual o homem se desenvolveu. É necessário existir condições de lazer para o desenvolvimento desse verdadeiro conhecimento. Nos outros três tratados, o autor desenvolve temas específicos para suas canções. O terceiro tratado, Dante analisa a ideia de intelecto e o chama de mente. Nela, a mente, Dante distingue as virtudes do conhecimento e indica que uma corresponde a alma e a outra razão. Diferente de muitos estudiosos do período, Dante não define o caminho para a divindade pelo conhecimento simplesmente. Para ele, o conhecimento é um dom divino quando é utilizado pelo governante ou pelo segmento dominante para conduzir a humanidade. No quarto tratado, Dante vai implicar na ideia de experiência perfeita de nobre, a elevada cultura de espírito é elevada à elite, capaz de conduzir. Mas essa verdadeira nobreza só poderá se manifestar onde existir condições da vida social que assegurem os lazeres necessários a mais alta cultura de espírito: arte e poesia. É necessário educar a nobreza para lhe ensinar um ideal de grandeza humana. Mas essa verdadeira nobreza só pode á se manifestar onde existir condições da vida social que assegurem os lazeres necessários a mais alta cultura de espírito: arte e poesia. É necessário educar a nobreza para lhe ensinar um ideal de grandeza humana. Esse tratado tem o dobro do

tamanho dos outros. É nele que Dante analisa a verdadeira natureza do homem, ideia que será, na modernidade, muito discutida. A leitura dessa obra permite compreender o intelecto do poeta Florentino, onde ele diferencia o Aristocrata do verdadeiro Nobre. De acordo com Dante, a aristocracia só alcança a verdadeira nobreza se for educada segundo os parâmetros da filosofia aristotélica. O que Dante realiza no *Convívio* é a utilização dos conhecimentos clássicos, como os princípios aristotélicos para traçar a perfeição de nobreza por meio do conhecimento, ou seja, a partir da leitura do convívio é possível analisar os embates em torno da elite medieval e as transformações do conhecimento ao longo do tempo.

Immigrant's songs: os vikings representados no rock pré-viking metal Wesley Santos Avelar – (UFMA/ NEMIS)

A música constitui um dos ricos conjuntos literários importantes a serem analisados pela História, consistindo como, a partir de Stephen Bann, umas das formas de representação do passado. Embora se tenha utilizado a música como uma fonte, no Brasil, este tipo de fonte ainda se é pouco aproveitada, visto que ainda se tem certo “preconceito” pelos historiadores mais tradicionais em se utilizar de meios midiáticos que incluem os quadrinhos, filmes, seriados e a música com conteúdo histórico, ou pelos menos, com apropriações de contextos históricos no seu conteúdo a ser difundido.

O presente estudo propõe uma apresentação acerca das representações dos vikings no rock pré-viking metal, mais precisamente com Yngwie Malmsteen e as bandas Led Zeppelin e Iron Maiden. Como principal metodologia, analisaremos as representações encontradas nas letras em confronto com as fontes literárias e trabalhos já realizados sobre os mesmos. Para referencial teórico, empregamos as ideias de Stephen Bann e Roger Chartier no tocante às representações.

A Sé de Lisboa na fundação do reino português. Willian Funke (NEMED/UFPR).

Este trabalho pretende analisar a Sé de Lisboa além do conjunto de materiais que combinados a compõe fisicamente. Para isso precisamos analisá-la em seus aspectos mais amplos, em seus aspectos humanos, fazendo isso com os vestígios que os humanos deixaram nela ou através dela.

Com a interpretação proposta não tornamos a Catedral de Lisboa o principal elemento das relações externas de Portugal, ou o foco de todas as atenções da cidade em todos os momentos. Apenas posicinamo-la como mais um dos diversos pontos de conflito, ou concórdia entre o jovem reino de Afonso Henriques e Castela ou Roma; além de conferir um espaço para a Igreja no contexto da cidade, onde porém disputava no mínimo com o Mosteiro de São Vicente.

Usamos como fontes principalmente *a História Ecclesiastica de Lisboa, A Conquista de Lisboa aos Mouros e a Crônica de 1419*.

RESUMOS DAS PROPOSTAS DE MINICURSOS

Paleografia medieval: noções básicas

Ms. Dirceu Marchini Neto (PPGHIS -UnB)

O conteúdo ministrado no minicurso proporcionará conhecimentos sobre a documentação manuscrita, os principais suportes e instrumentos utilizados na escrita, os tipos caligráficos, as principais dificuldades da leitura paleográfica e a apresentação e utilização das Normas Técnicas de Transcrição Paleográfica, tudo isso objetivando a leitura e transcrição correta de manuscritos portugueses dos séculos XIV, XV e XVI.

Cotidiano e cultura material na Alta Idade Média germânica

Prof. Dr. Johnni Langer (UFMA) e Ms. Luciana de Campos (UFMA)

O estudo do cotidiano como base da vida social alto medieval, especialmente das regiões germânicas (com ênfase na Inglaterra Anglo-saxônica e Escandinávia da Era Viking), indo além da vida privada e da família, percebendo a cultura material e as práticas diárias das populações. O curso pretende enfatizar os produtos, as técnicas e os comportamentos associados com a história do cotidiano medieval, além de conceder algumas das perspectivas da Arqueologia Experimental.

A mística feminina na Idade Média

Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB)

A mística na História da Filosofia. A mística medieval. Conceituações e categorizações. O século XII e a emergência do feminino. A mística feminina na Idade Média. Principais representantes da Mística feminina. Reflexões filosóficas sobre alguns temas abordados na mística feminina.

Introdução à pesquisa em história medieval

Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)

O curso objetiva estabelecer um panorama geral e atualizado dos campos primordiais da pesquisa em História, caracterizando as suas principais linhas de rumo, as controvérsias e polêmicas dominantes, bem como os conceitos centrais que fundamentam a mais recente produção historiográfica. Objetiva, ainda, propiciar aos alunos o contato com metodologias e técnicas diversas de pesquisa em História visando, em especial, à elaboração do projeto de pesquisa e o seu desenvolvimento, com ênfase na área de História Medieval.

Fortificações medievais ibéricas: história, arquitetura e símbolo

Prof. Ms. Edison Bisso Cruzen (PUC-RS)

O valor evocativo das ruínas medievais se mantém com força na imaginação popular que, a partir de um pensamento romântico, transformou os castelos em edifícios pessoais,

atemporais, em imagens estereotipadas, cenário de vida apenas de grandes vultos históricos e presença mítica na paisagem. A proposta da Castelologia é passar a entender estes edifícios como objetos de estudo real, percebendo as fortificações, como um documento histórico, uma chave de compreensão espaço-temporal. A arquitetura é testemunho material destacado tanto por seu volume e significado, como por sua continuidade funcional, convertendo-se em um meio idôneo para transmitir ideias e mensagens, estando carregada de simbolismo. Os castelos como edifícios polifuncionais destinavam-se à ocupação e defesa do espaço, organização política, social e econômica, meio de atração de novos povoadores, transmissor de mensagens específicas de poder, legitimação, dissuasão e sagrado. Mais do que a mera interpretação de sua estrutura, os castelos podem ser vistos como prova dos recursos tecnológicos do período medieval, um meio de estudo da relação entre homens e paisagem (o castelo como modificador e estruturador do espaço), base fundamental para questões de política de Estado (estabelecedor e mantenedor de fronteiras) e materializador do contato cultural e tecnológico entre diferentes culturas. Esta proposta de minicurso pretende demonstrar que o castelo presta-se, pelo viés histórico e arqueológico, como um riquíssimo objeto de estudo, investigação e compreensão de diversos aspectos relacionados a sociedade medieval.